

MI NHA AVENTURA
INTERIOR
PELO
CAMINHO DE SANTIAGO



O caminho que leva ao encontro de nós mesmos.

AGRADECIMENTOS E CARINHOS ESPECIAIS

À minha filha Fernanda.

À minha família que esteve comigo a cada passo...

A todos os meus amigos que se manifestaram nesta minha caminhada.

Aos peregrinos que cruzaram meu caminho.

Às pessoas que peregrinaram e ainda peregrinam comigo por todo este tempo quando escrevo este livro, me ajudando na revisão e na retomada de meus aprendizados...

Aos meus muitos Mestres...

À minha avó Ernestina que em muitos momentos esteve comigo numa outra dimensão. Dedico também um carinho especial ao Wayne, Peregrino, que se foi desta existência, em outubro de 2000 depois de cumprir seu caminho.

E ainda, a José Luiz Jucá, um homem Coração, que me presenteou com minha mochila, leu este livro e depois se foi.



CAMINHOS DE SANTIAGO

A peregrinação realiza uma parábola autêntica da vida, solicitando a totalidade do homem, das suas faculdades e dos seus desejos, ao que o caráter coletivo vem dar maior intensidade e mais ampla gama de sentimentos. Por isso ela se afirma como criadora de sentidos e de memórias, estruturados numa dupla geografia: a que consolida em sinais, monumentos e povoações os caminhos percorridos; a que sonda e formula os cabos, tormentas e certezas da experiência espiritual do peregrino - José Maria Cabral Ferreira em **Peregrinar**, texto incluído em **Caminhos Portugueses de Peregrinação a Santiago**.

Foi na busca por respostas a questionamentos pessoais e também de um caminho de crescimento e evolução consciente que iniciei, em 1996, estudos na área do Desenvolvimento Humano. Um curso de pós-graduação em Psicologia me colocou em contato com a Meditação, como uma forma de encontrar este crescimento e conseqüentemente a evolução.

“Meditação é aventura, a maior aventura que a mente humana pode empreender. Meditação é simplesmente ser, sem fazer nada – nenhuma ação, nenhum pensamento, nenhuma emoção. Você apenas é, e é puro prazer. De onde vem este profundo prazer, quando você não está fazendo nada? Não vem de lugar nenhum, ou vem de toda a parte. Ele é imotivado, porque a existência é feita de uma matéria chamada alegria. (OSHO)

Encantei-me com os ensinamentos deste mestre indiano e comecei a pensar sobre o que seria, para mim, uma forma de meditação ideal. Entendi que poderia meditar de várias maneiras, entre elas, caminhando. Meditar é sobretudo uma aventura interior.

Em 1997 eu assisti a um programa sobre o Caminho de Santiago, e, ouvir aquelas histórias me fazia sentir profundamente emocionada, como algo que me tocava diretamente o coração.

Mas, apesar da emoção, ao mesmo tempo em que desejava estar lá, sentia-me incapaz de fazê-lo. Imaginava que o Caminho de Santiago não era para mim, não era para uma pessoa tão comum. Talvez fosse necessário algo especial para se fazer este Caminho Sagrado, ou precisasse ser uma grande pessoa para realizar um grande feito. Sendo assim, não me julgava alguém competente para tão importante realização.

Dois anos se passaram sem que eu pensasse mais no assunto, quando em 1999 muitos programas de televisão foram exibidos sobre o Caminho de Santiago, em virtude das comemorações do Ano Santo Compostelano, nome dado ao ano em que o dia de Santiago, 25 de julho, coincide com um domingo. É também chamado de Ano Jacobeo.

E, novamente vendo programas sobre o Caminho, foi contundente o sentimento de pertencer àquelas paisagens, era como se lá fosse o meu lugar. Senti-me

profundamente angustiada e impulsionada a ir a busca de algo, que não sabia o que era.

Durante os tais programas de televisão, observei cuidadosamente o testemunho daquelas pessoas que já estavam trilhando seu caminho e vi nelas a simplicidade e a verdadeira motivação de quem deixa seu mundo e vai ao encontro do desconhecido. Vi homens e mulheres que largaram tudo, e, por um mês, deixaram para trás família, trabalho e caminharam, a pé, mais de 800 km.

O chamado era muito forte e eu não podia deixar de atendê-lo. Eu precisava mudar minhas atitudes, minhas escolhas. Buscar respostas, entender minhas ansiedades, estes eram motivos bastante fortes para que eu me decidisse.

Foi então que entendi que o sonho precisava da ação e comecei, corajosamente, minha viagem interior. Comecei a trilhar os Caminhos de Santiago, no meu dia a dia. Eu estava decidida. O mês escolhido para a partida: maio, primavera na Europa, e eu teria as flores como companheiras.

Quando sabemos o que queremos de verdade não há limites para nossos investimentos. Talvez, pela primeira vez em minha vida, eu sabia o que queria, e sabia o que fazer para conseguir realizar. Comecei, a me preparar emocionalmente, fisicamente e financeiramente.

Minha determinação em cumprir meu planejamento, meu equilíbrio em não me deixar levar pelas adversidades, faziam com que meus amigos e familiares desconfiassem de minha sanidade, eles me acusavam de fanatismo. Entretanto, algumas pessoas, pareciam se realizar no meu sonho, como se eu caminhasse por eles também.

Em agosto de 1999 comecei a me preparar fisicamente, mas em outubro uma trombose na perna direita quase pôs fim ao meu sonho. Tive de repousar por três meses, fazendo um tratamento intensivo e só pude voltar às caminhadas preparatórias em janeiro de 2000.

Minha viagem estava marcada para 15 de maio. Neste tempo todo fiz do meu Caminho absoluta prioridade, meus finais de semana eram de caminhadas, minhas economias eram todas voltadas às compras de materiais de boa qualidade. Minha vida passou a ter um novo sentido.

Aprendi porque dizem que o Caminho de Santiago começa quando decidimos fazê-lo. Eu sabia que era esta a grande mudança: A confiança em mim mesma.

Eu que buscava a Meditação, encontrei a Fé. Acredito que esta Fé tenha sido a grande responsável pela minha vitória interior.

Uma Fé que não vinha de ensinamentos religiosos, mas de uma disposição interior em acreditar, da clareza em saber qual era o caminho a seguir.

Minha filha sempre me incentivou muito e tinha certeza de que eu conseguiria realizar este sonho. Ela preparava bilhetinhos de incentivo e espalhava pela casa. Seu apoio foi fundamental, assim como o de minha família que se responsabilizou por tomar conta dela na minha ausência.

Maior chegou, o inverno se aproximava, mas era primavera na Europa, e as flores que sempre me encantaram se transformariam em verdadeiras amigas das horas difíceis.

Mais que um motivo eu tinha uma necessidade de sair pelo mundo, de sair do meu mundo, tão pequeno, e de saber o que havia além de minhas fronteiras pessoais. E o Caminho de Santiago é isto, um mergulho, um vôo, uma explosão, uma introspecção. Foi como se em 36 dias eu tivesse vivido cada um dos meus 36 anos, dia a dia.

Hoje sei que sou capaz de sonhar e realizar, eu sei que posso sair pelo mundo e que é seguro ser quem sou.

Não há como sair ileso desta Caminhada, nem o mais cético dos homens pode ser o mesmo depois de pisar aquelas terras, de fazer parte daquela energia.

Desde épocas remotas os peregrinos fazem o mesmo Caminho, com suas histórias, crenças, medos, angústias, e sua energia está impregnada em cada pedra do Caminho de Santiago. E é como se esta energia crescente, pulsante, nos impulsionasse sempre a caminhar, a continuar.

As pessoas me perguntam quais as constatações de quem faz o Caminho de Santiago. Qual o balanço que se faz numa caminhada tão longa e tão dura.

Muitas são as constatações depois que se termina o Caminho de Santiago, mas creio que a mais importante delas é que você não muda no Caminho, você não se

transforma numa nova pessoa, o que ocorre é que você passa a ver o mundo com as lentes da simplicidade, da paciência, da aceitação. Você vai se transformando com o Caminho.

O grande desafio não é fazer o Caminho de Santiago e andar 800 km, mas é trazer o aprendizado dele para nossa vida cotidiana. O grande desafio é sentir o êxtase de pertencer a uma energia superior, aqui, para o seu mundo real. É trazer o sentimento de unicidade com o universo para casa, para o seu trabalho, com sua família, com seus amigos. O grande desafio é fazer do Caminho de Santiago uma bandeira de amor, entrega e Fé.

Eu tinha a ilusão de que mudaria completamente no Caminho, graças a Deus, esta ilusão acabou, mas meu Caminho continua e continuará sempre, porque isto eu também aprendi: O caminho sou eu.

UM POUCO DE HISTÓRIA

O apóstolo Tiago, o Jacobo, ou o maior, Santiago, Saint Jacques em francês, Saint James em inglês, em hebraico Yacob (Jacó), após a crucificação de Jesus, pregou o Evangelho na Galícia, região que aprendeu logo a amar.

De regresso a Jerusalém, foi decapitado pelo Rei Herodes, e seus restos mortais, segundo a lenda, foram levados de volta à Espanha em um barco de pedra, transportado por anjos numa viagem que durou sete dias e foi enterrado na Galícia.

Em princípios do milênio passado, continua a lenda, um camponês chamado Pelayo, guiado por muitas estrelas, encontrou em um grande campo, a sepultura do apóstolo. A notícia correu mundo, lançando uma legião de cristãos a peregrinar até Santiago de Compostela, cidade que se formou na região.

A palavra Compostela provém de campo de estrelas, ainda segundo a lenda. Desde então, multidões de peregrinos anônimos vêm percorrendo este caminho mágico, o único no mundo que não se formou por motivos comerciais. Vários daqueles que deixaram o nome na história, como Carlos Magno, El Cid, São Francisco de Assis, Fernão de Aragão e Isabel de Castela, também percorreram o caminho.

Ainda hoje se faz a história do Caminho, com a passagem de peregrinos não menos famosos da nossa história contemporânea, como artistas, escritores, historiadores, etc.

O caminho de Santiago pode começar em vários lugares, um dos mais utilizados, principalmente pelos brasileiros, é o chamado caminho Francês que começa em Saint Jean Pied Port, uma cidadezinha francesa muito charmosa, nos Pirineus. Outros preferem iniciar já em terras espanholas na cidade de Roncesvalles, 29 km depois de Saint Jean.

Seja como for, pelo caminho Francês caminha-se 800 km, passando por todo o norte da Espanha, em direção ao litoral.

SEGUINDO COMIGO DIA A DIA

Cheguei a Lisboa depois de uma viagem tranqüila, apesar de eu detestar o aperto dos aviões. De qualquer forma só então me dei conta de que nunca havia saído de meu país. Uma sensação curiosa tomou conta de mim, sentia-me vazia, como que anestesiada.

Durante minha preparação para o Caminho de Santiago conheci algumas pessoas, através da internet, que combinaram de fazer esta viagem comigo, mas depois desistiram ou mudaram suas datas de viagem, agora entendo porquê: O meu caminho agora era outro. Agora eu estava só, e meu desafio era o de viver isto sozinha.

Durante a viagem conheci uma garota que estava de mudança para Londres, e decidira passar um dia em Lisboa, conversamos e resolvemos dar um passeio juntas. Depois de devidamente instaladas no hotel, resolvemos pegar um mapa e conhecer Lisboa e foi um delicioso passeio. De metrô e depois trem, nós fomos a Belém, caminhamos muito e visitamos lugares lindíssimos.

Nós duas parecíamos amigas de longa data, e eu tive meus amigos distantes comigo, lembrava de cada um, indicando que comesse os pastéis de Belém, que

visitasse a Torre de Belém, o Mosteiro dos Gerônimos. Por todo o dia, senti que estava muito perto das pessoas que deixara no Brasil, talvez fosse esta a forma de eu me sentir mais segura, lembrando de cada um, que eu sabia, estaria torcendo por mim, desejando que tudo fosse especial e tranquilo.

Voltamos ao hotel e depois de um delicioso e merecido banho, fomos ao jantar onde um casal de argentinos passou horas perguntando sobre futebol... Aproveitei para treinar um pouco de meu espanhol, mas não tive muito sucesso, percebi que ele não existia mesmo, afinal nunca havia estudado espanhol. Senti que teria dificuldades em me fazer entender na Espanha.

Durante o dia, por várias vezes, voltava à minha mente a cena de despedida no aeroporto de São Paulo, meus pais, que me fizeram uma surpresa com sua presença de última hora, minha filha Fernanda, minha irmã Cláudia e dois amigos muito especiais o Marcos, e a Noveí que partiria para seu caminho dez dias depois de mim. Foi muito importante poder abraçá-los naquele momento, e melhor ainda foi o presente que recebi de minha filha: uma foto na qual ela escreveu uma dedicatória:

“Ultreya, Peregrina Ana Paula, nunca desista de seus sonhos, Siga, Sempre, Seus, Sonhos. Sua filha, Fernanda”.

Sinto que realmente consegui deixar este ensinamento para minha filha, para que ela sempre acredite que é possível fazer diferente. Que é possível sonhar e viver um sonho.

Quando me decidi a fazer o Caminho de Santiago, não sabia exatamente o motivo deste desejo, mas já sabia que Fernanda era um dos motivadores, e eu queria mostrar-lhe, e, de alguma forma, fazê-la entender que a vida é algo que nós fazemos acontecer.

De volta ao quarto do hotel, resolvi arrumar a mochila e joguei fora mais quatrocentos gramas, de coisas dispensáveis, ela agora pesava sete kg. Estava perfeita!

Sentia-me mais segura para seguir rumo a Madri. No início tinha medo de me perder, de não encontrar o hotel indicado. Coisas de marinheira de primeira viagem.

Cheguei a Madri por volta de 14:00. Eu estava tranqüila, sem medo. Segui as dicas de um amigo, assim como as dos mapas, e pedi ajuda para telefonar para o *hostal*, um tipo de pousada ou pensão mais simples e mais baratas que os hotéis, peguei o metrô e fui embora, de mochila nas costas, é claro...

Encontrei o *hostal*, instalei-me, deixei a mochila e logo saí para conhecer Madri. Caminhei pelas ruas admirando aquela arquitetura tão diferente. Segui em frente procurando o Museu do Prado, um ponto turístico imperdível. Parei para comer e pedi meu primeiro *bocadillo*, um típico sanduíche espanhol.

Caminhei pela cidade de Madri, por aproximadamente 6 horas. Eu admirava na capacidade de convivência entre o velho e o novo, na harmonia que sentia e a competência dos espanhóis por não destruir sua história fazendo com que o novo se adaptasse ao antigo.

No museu do Prado emocionei-me, ao ver quadros magníficos dos quais só ouvira falar e que pareciam tão distantes dos meus sonhos e dos meus olhos. Era muito gratificante viver aquilo tudo.

Conheci outros pontos turísticos, especialmente a Plaza Maior, um exemplo de convivência pacífica de tudo o que é mais estranho e diversificado, pessoas, roupas, cabelos, acessórios, gangs, grupos de jovens e idosos, pessoas fazendo arte, uma lição de vida, de aceitação e respeito.

Voltei ao *hostal* por volta de 22:30, exausta. Não sabia explicar o porquê, mas, na Espanha, era como se eu estivesse em casa depois de muito tempo.

Acordei cedo e peguei o metrô rumo à estação Ferroviária de Chamartin para pegar o trem para Pamplona. A previsão era sair de Madri às 9:00 e chegar à Pamplona às 13:30.

Eu me sentia tão incrivelmente livre e competente para ir aonde quisesse, sentia-me feliz. Já tinha vencido uma barreira enorme: a da crença de que não seria capaz de fazer esta parte da viagem sozinha...

Perambulando pelo trem conheci Emílio(Mio), ele era diretor de uma escola de Desenvolvimento Humano, em Pamplona. Com um currículo invejável, incluindo livros editados. Já havia feito o Caminho algumas vezes e me deu algumas dicas.

Mio ofereceu-se para me ajudar a chegar à cidade de Roncesvalles, e pude perceber que não planejara bem esta etapa da minha viagem, aliás, não planejara bem nenhuma delas. No fundo eu sabia que tudo daria certo. Mas de onde vinha esta certeza?

Aceitei a ajuda de Mio, mesmo desconfiando de tantas gentilezas. Eu entendi que precisava encontrar uma forma mais positiva de me relacionar com as pessoas e com o mundo. Respirei fundo e usei minha intuição, relaxei e confiei.

Quando chegamos em Pamplona Mio me deu uma carona aeroporto, onde eu sabia que chegariam outros peregrinos. Especialmente um rapaz com quem eu já havia feito um contato via internet em uma página da Associação dos Amigos do Caminho de Santiago da internet, que chegaria a Pamplona naquela tarde.

Este rapaz era Marcos e ele era minha última chance de dividir o preço da corrida de táxi, para Saint Jean Pied Port, pois só haveria ônibus para Roncesvalles às 18:00 e eu queria chegar a Saint Jean antes das 20:00 para conseguir conhecer a Madame Debril, uma senhora que há anos se dedica ao Caminho de Santiago, recebendo os peregrinos e carimbando suas credenciais.

Mio, então, sempre muito gentil, me levou até o aeroporto e juntos fomos esperar o tal peregrino brasileiro que chegaria logo. E, em menos de 15 minutos lá estava ele. Coincidentemente estávamos usando roupas da mesma cor, parecíamos uma dupla. Apresentamo-nos e tiramos fotos. Mio se foi, e pegamos um táxi rumo a Saint Jean.

Chegamos, finalmente, a naquela cidadezinha, que mais parecia saída dos livros de contos de fadas, perfeitamente desenhada para deixar as pessoas absolutamente encantadas.



Vista da Ponte em Saint Jean Pied Port

Fomos direto buscar o carimbo em nossas credenciais. Credencial é o documento pessoal do peregrino, sem o qual não se pode usufruir os refúgios, que são acomodações específicas para peregrinos. No escritório perguntamos por Madame Debril, que era a responsável por entregar as credenciais aos peregrinos e ficamos chocados ao saber que ela havia falecido poucos dias antes, há menos de uma semana. O senhor que estava fazendo às vezes de recepcionar os peregrinos nos contava sobre sua morte chorando. Eu, Marcos e outros peregrinos que por lá passaram, ficamos realmente abalados.

Deixamos o escritório para procurar acomodações em um dos refúgios e depois fomos a um restaurante, logo, encontramos mais três brasileiros: Selma, Inês e Manoel. Conversamos por algum tempo e eu segui para fazer compras de provisões para o dia seguinte.

Era como apertar o *start* num filme onde eu era a protagonista. E eu estava ali - pisando no meu sonho, escrevendo a primeira página desta minha história, em uma cidade que já tinha visto tantas vezes em fotos, e sobre a qual já tinha ouvido falar.

Uma forte emoção tomou conta de mim, subi uma montanha atrás do refúgio e fiquei um bom tempo admirando aquela cidadezinha encantada. Minha mente vagou entre o real e o imaginário, por algum tempo eu mesma não sabia direito onde estava, nem quanto tempo se passou tal meu estado de entrega.

Seria isto um sonho? Onde me levaria este sonho?

Voltei ao refúgio feliz. Antes de dormir, no entanto, uma senhora belga começou a me contar que teria de retornar ao seu país, pois tinha sido mordida por

dois cachorros e seus ferimentos não lhe permitiam seguir até Santiago. Ela havia começado seu caminho em Le Puy, na França e estava visivelmente triste, mas prometendo voltar no próximo ano. Esta história me impressionou, adormeci rezando e pedindo ajuda para conseguir terminar meu caminho.

Dia 19/05 – De Saint Jean Pied Port a Roncesvalles

Às 6:30 acordei e tomei o café da manhã, do jeitinho que se conta nos livros sobre o Caminho de Santiago, um pedaço de pão com um achocolatado e pronto.

Eu, Marcos, Selma, Inês e Manuel caminhamos em direção a um arco de onde daríamos o primeiro passo rumo a Santiago, nós tiramos fotos e Manoel fez uma bonita oração.

Li, também, uma mensagem de uma amiga, Claudia, que, no Brasil, me entregou um envelope com uma medalhinha, e também, um bilhete:

“Querida Paula:” É chegada a hora de começar a caminhada...Não imagina o quanto eu estou feliz e torcendo por você! Durante este mês estaremos fisicamente distantes, mas meu coração acompanhará o compasso do seu durante suas jornadas...Batendo forte, impulsionando-lhe a dar mais e mais um passo.

Deixo-lhe esta medalhinha que trazia comigo. É de São Francisco de Assis e Santa Clara e está abençoada pelos frades da igreja dele na Itália, que seja sua proteção durante as intempéries da natureza que Ele tanto amou !!! Que Ele lhe proteja ... Deus lhe acompanhe!!! Boa viagem ! Boa caminhada!! Carinho. Claudia, 14/05/2000”.

Creio que seja dispensável comentar a emoção deste momento, emoção esta que fiz questão, de dividir com meus novos amigos de caminhada. Depois de abraços e beijos, seguimos.

Escolhemos a rota de Napoleão, por ser esta a mais antiga, natural e a preferida pelos caminhantes.

Existem duas rotas para se subir os Pirineus, a de Val Carlos que segue pela *carretera*, nome que se dá a uma estrada asfaltada; e a de Napoleão, que foi escolhida por nós, e que segue pela trilha original, apesar de mais difícil é muito mais bonita.

Partimos com muitas esperanças, medos e nossas mochilas, que, com certeza, pesavam menos que nossa ansiedade.

O *hospitaleiro*, que é a pessoa responsável pelo refúgio, encontrou-nos pelo caminho e fez questão de nos acompanhar até a saída da cidade.

Seguimos Pirineus acima Era maravilhoso, eu não cabia em mim de tanta felicidade, logo, com a ajuda de Inês, encontrei meu cajado. Fantástico, era incrível pisar naquele lugar.

De repente me lembrei da Fernanda, afinal eu queria muito que esta viagem significasse muito para ela também. Eu falava com ela em voz alta, era como se ela pudesse realmente me ouvir, acredito que seu coração podia.



subida dos Pirineus

Foram 10 horas de caminhada, praticamente, sem parar nem mesmo para comer. Fazia muito frio lá no alto. Eu não tinha mais roupas para vestir, então coloquei minha toalha de banho em volta do pescoço para tentar amenizar o frio, mas não adiantou muito, vesti a capa de chuva e consegui um melhor resultado.

Após algumas horas de caminhada chegamos, nós cinco juntos, a um santuário, num ponto muito alto, e comentamos que não era tão difícil quanto diziam, afinal já estávamos no topo. Que grande engano... Olhamos o guia e constatamos, que, na verdade, estávamos praticamente na metade daquela etapa. Continuamos subindo, subindo e as dores nos pés e pernas começavam a ficar mais fortes, muito cansaço paradoxalmente a uma sensação de vitória indescritível.

Passamos por cavalos lindos, soltos no alto dos Pirineus, uma imagem cinematográfica. Começou a garoar e esfriar ainda mais. Pelo caminho íamos encontrando outros peregrinos, que passavam ou que ficavam para trás, e nós fomos nos separando também.

Logo depois da fronteira da França com a Espanha, adiantei-me ao grupo e caminhei sozinha por toda a descida. Às vezes era assustador, mas eu queria muito descer sozinha, parecia hipnotizada por tanta beleza, queria mais e mais, quando cheguei aos pés dos Pirineus, esperei por meus amigos e ainda caminhamos juntos por um bom pedaço até o refúgio de Roncesvalles.

Chegamos por volta de 19:00, o refúgio ficava numa Colegiata fundada no século XI, só tivemos tempo de tomar um banho e ir à missa do Peregrino, onde os peregrinos recebem uma benção especial.

É uma missa emocionante e pude ver, finalmente, que havia muitos peregrinos por lá. A maioria começaria a fazer o Caminho de Santiago lá mesmo em Roncesvalles.

Depois da missa jantamos num restaurante próximo. Eu fiz meu primeiro contato com peregrinos estrangeiros, pois me sentei junto a um casal de australianos e um jovem irlandês. E comecei neste momento, com dificuldade, a tentar me comunicar em inglês também.

Quando me deitei tinha a sensação de que não sairia da cama no dia seguinte, pois o cansaço e as dores nas pernas eram muito fortes. Manny (Manoel) me ajudou com uma massagem nos pés.

Roncesvalles me deixou uma má imagem de recepção aos peregrinos. Posso até entender que devido ao grande número de peregrinos seja difícil atendê-los, mas especialmente, nosso grupo, de brasileiros foi mal recebido pela senhora Maria de Jesus. Creio mesmo, que todos nos decepcionamos um pouco com a recepção.

Talvez eu estivesse esperando mais mimo por parte da *hospitaleira*, sem entender direito que ela faz este serviço todos os dias e que não há novidade em receber tantos peregrinos.

Dia 20/05 – Roncesvalles a Larrasoña

Acordei cedo e muito surpresa, pois estava me sentindo bem para seguir adiante, logo pensei: - Este é o grande milagre do Caminho.

Eu, Marcos e Manny decidimos tomar café da manhã em Burguete, uma cidadezinha que ficava a 3 km e seguimos cedo. Pudemos tomar um delicioso café da manhã, além de prepararmos alguns lanches para comermos durante a viagem.

Tínhamos mais 24,7 km até Larasoña, passando pelos chamados bosques encantados da Navarra.

Separei-me dos rapazes e caminhei sozinha até encontrá-los descansando bem mais à frente, e numa trilha apertada, decidimos almoçar. Comemos os lanches preparados pela manhã e também algumas frutas.

Novamente segui sozinha, por uma paisagem lindíssima, entrando e saindo de bosques fechados, com uma vegetação magnífica.

A energia que eu sentia era tão forte que eu precisava parar de caminhar, às vezes, e só respirar fundo, absorvendo um pouco daquela magia. Eu estava muito feliz e encantada com aqueles bosques, acho que vem daí o nome: “Bosque Encantado da Navarra” ao qual o guia do Caminho de Santiago se refere.

Pensei em ficar na cidade de Zubiri, pois já tinha andado bastante, mas meus dois amigos me convenceram a seguir, afinal faltavam somente 5.6 km.

Este foi meu primeiro erro de cálculo, pois 5.6 km no Caminho de Santiago, significavam mais de 2 horas de caminhada, com subidas e descidas. Eu estava muito cansada e parei para tirar as botas, eu não me sentia muito bem e os dois também pareciam exaustos, só então nos demos conta de que tínhamos comido um só sanduíche durante o dia todo e já eram quase 18:00, procuramos nas mochilas algo mais para comermos e, depois de chocolates e um pedaço de pão, em pouco tempo estávamos nos sentindo melhor.

Chegamos a Larrasoña exatamente na hora da missa, não tivemos tempo sequer para um banho. Eu assisti a missa sentindo fortes dores nas pernas. Pela primeira vez lembrei muito de minha avó materna que morreu há pouco mais de um ano, eu pedi muito que ela me ajudasse a fazer o Caminho.

Depois da missa fomos ao refúgio e descobrimos que dormiríamos em uma pequena cozinha, onde havia lugar para 3 colchões apenas, sem problemas para nós, que queríamos mesmo era desabar numa cama. Tomamos banho, lavamos as roupas e fomos procurar um lugar para comer.

Voltamos muito tarde ao refúgio, porque demoramos a encontrar comida. Durante a noite fez muito frio, mas dormimos bem, na verdade, eu tinha dúvidas se dormia bem ou, simplesmente, desmaiava de cansaço.

Eu comecei a tentar entender porque eu estava ali, com aqueles dois homens, afinal quando estava no Brasil conheci dois amigos que se dispuseram a fazer o caminho comigo, e, que, na última hora, desistiram. Entendi, naquele momento, que deveria fazê-lo sozinha, mas logo no primeiro dia já encontro Manny e Marcos pelo caminho. Aquilo me intrigava. E eu questionava todas as coisas que estavam acontecendo. Não queria depender deles para nada.

Dia 21/05 – Larrasoña a Pamplona

Tomamos café da manhã no restaurante de Sangalo, um homem que falava muito mal sobre os brasileiros, e sua atitude me incomodou muito, mas não pude fazer nada, afinal era o único restaurante do local. Tinha de respirar fundo e aceitar aquela situação.

Só depois de três dias, carregando aquele incômodo mal estar é que pude entender que boa parte do que Sangalo falava tinha, de certa forma, algum fundamento. Ele dizia que os brasileiros eram muito infantis, porque queriam ser mimados; que eram afobados, porque queriam ser atendidos rapidamente, e não respeitavam a forma de trabalho dos espanhóis; e também que não tinham palavra, pois combinavam uma coisa e faziam outra.

Vi muito isto acontecer no Caminho. E tive meu momento de entender que eu era mesmo mimada e queria que as pessoas me paparicassem. Depois disto entendi Sangalo, e fiquei surpresa ao saber, por um brasileiro, que ele, na verdade, adorava o Brasil, e que tinha bandeira, camisetas e muitas fotos do nosso país em uma sala de sua casa, além de muitos amigos no Brasil.

Meus pés começavam a doer bastante, e resolvi que, neste dia, me separaria dos meus dois amigos. Aquela situação de estar junto com alguém, estava me incomodando. Eu queria ficar sozinha de uma vez por todas.

Logo encontramos Inês e Selma. Decidimos tomar um lanche à beira de um rio ao lado de uma linda ponte românica. Eu manifestei minha decisão de ficar em Pamplona e eles a de seguir para Cizur Menor. Em Pamplona fiquei sozinha pela primeira vez.



nossa despedida

No refúgio encontrei o casal de australianos com quem jantara em Roncesvalles, e eles me convidaram para comer uma macarronada que preparavam. Eu aceitei, muito feliz, e neste dia iniciamos uma amizade deliciosa. Formaríamos uma família até o fim da nossa jornada.

Durante o jantar fizemos um trato: eles me ensinariam inglês e eu faria o possível para ensinar-lhes o espanhol. O que eles não imaginavam é que eu nunca havia estudado espanhol. Eu não conhecia esta minha facilidade em falar outras línguas, no entanto, eu já estava me comunicando em inglês e espanhol. Em pouco tempo eu já podia conversar com quase todo mundo nos refúgios.

Conheci muita gente neste dia, inclusive um jovem de Barcelona, Pablo, que era ateu e parecia estar experimentando tudo que lhe aparecesse pela frente. Eu, inclusive, o vi comungar na missa, que ele fez questão de assistir do meu lado. Com certeza era um tipo amalucado, pois sequer sabia sobre as setas que indicavam a

direção a seguir no Caminho de Santiago. Tenho a impressão de que ele estava ali por acaso e pediu meu guia emprestado para saber onde estava.

Algum tempo depois eu soube que ele e com alguns outros peregrinos erraram o caminho perto do Alto do Perdão, e todos voltaram às setas amarelas ao serem avisados por um motorista, menos Pablo.

Foi interessante falar com ele, pois aprendi muito sobre as diferenças. Ele era a própria diferença, não se importava se estava certo ou errado, ele só curtia seu dia, e à noite, seu único problema era roncar demais.

Dia 22/05 – Pamplona a Puente de La Reina

Foi uma difícil noite no refúgio, pois os roncadores estavam funcionando a todo vapor, acordei cedo e saí sem tomar café da manhã.

Caminhei feliz, cruzei a cidade e parei para comer algo, continuei rumo à saída da cidade, e fiquei encantada com a beleza da Universidade de Pamplona.

Mais adiante eu passaria por Cizur Menor, um povoado muito bonito. Tudo era novo para mim, e eu me encantava por ver o mundo assim, tão de perto, com uma mochila nas costas, e muita vontade de chegar ao meu objetivo. A realidade do meu sonho me fazia sorrir como uma criança.

Parei em Cizur Menor para trocar os curativos de meus dedos dos pés, que estavam muito sensíveis, com a pele avermelhada e fortes dores.

Segui, e cheguei ao primeiro trigal do Caminho. Era lindo, e de longe pude ver uma senhora, bem idosa, brincando com um cão. Uma cena bonita de se ver que me levou a pensar na simplicidade da vida, nas pequenas coisas que, realmente, faziam a diferença.

É claro que parei para conversar, e ela disse que eu falava muito bem o espanhol. Eu ri e ela me questionou sobre fazer o Caminho sozinha, dizendo que eu era muito valente. Tirei uma foto dela com seu cão e nos despedimos...

Pensei muito nas palavras daquela senhora, eu, realmente, era muito valente. Inúmeras vezes duvidei de minha firmeza e competência em conseguir as coisas, e de repente eu estava lá, enfrentando as situações e conseguindo viver o meu Caminho.

Eu estava muito feliz, sentia uma alegria que há muito não experimentava. Poderia caminhar o dia todo sem parar, de tanta felicidade.

Duas horas depois já tinha mudado de idéia, meus pés estavam muito doloridos, especialmente o dedinho do pé esquerdo, que ganhou uma bolha, deixando-o tão sensível e dolorido, que tive de tirar as botas e caminhar de sandálias.

Eu carregava comigo um guia do Caminho de Santiago, mas, ainda no Brasil, eu me decidi a não consultá-lo a todo o momento para não me deixar influenciar pelas dicas de pessoas e lugares famosos. Eu queria viver o Caminho passo a passo, contando com o acaso. Desta forma eu não sabia exatamente o que viria a seguir e minha teimosia em não me orientar pelo guia teve seu preço.

Eu estava subindo o Alto do Perdão de sandálias, o que não era nada recomendável. Para subir não houve muitos problemas, mas a descida foi um sacrifício enorme, e, chegar a Puente de La Reina, então, foi um martírio.

A subida do Alto do Perdão é muito bonita e chegar lá em cima, contemplar aquela paisagem e sentir aquele vento forte no rosto, foi uma benção. Bem no alto existe um monumento ao peregrino e uma inscrição que diz: *“Onde o Caminho dos ventos cruza o Caminho das estrelas”*, isto porque o Caminho de Santiago é também chamado de *o Caminho das estrelas*.

O vento era muito forte, e mais forte ainda era a sensação de liberdade e de integração com Deus. Eu estava mais perto Dele, lá em cima.

Só mesmo Deus para ajudar um peregrino. Quando pensamos que estamos quase chegando, aparece mais uma subida e depois uma descida, e nada de chegar ao destino.



Descida do Alto dos Perdões

As dores se tornaram insuportáveis, a ponto de eu parar a cada 1 km para trocar os curativos. Em Óbanos encontrei uma placa indicando a direção para Eunate.

Santa Maria de Eunate é uma Ermita que foi construída, no séc XII, pelos Templários, uma maravilha e que segundo o guia não poderia deixar de ser visitada. Apesar de todas as dores e bolhas nos pés, eu escolhi seguir por lá, o que significava, aproximadamente, 4 km a mais nesta minha etapa. E eu não podia acreditar que tinha feito esta escolha.

O que faz um peregrino caminhar assim? O que faz com que coloquemos em xeque nossas próprias forças, nossos limites?

Não sei exatamente a resposta, mas sei que caminhei até Eunate mesmo acreditando que não suportaria tanto esforço.

No meio da etapa fui ultrapassada por um rapaz esguio, simpático, com dois cajados metálicos nas mãos, destes que servem inclusive para neve. Ele caminhava, irritantemente depressa. Irritantemente, para mim, que praticamente me arrastava. Orei e pedi ajuda a Deus e a Santiago.

Cheguei a Eunate, muito mal por causa das dores e do cansaço, procurei uma entrada para visitar a Ermita.

Não tinha forças para mais nada, deitei em uma das laterais da igreja, lembrei-me de um chocolate que guardava para uma hora de aperto, e o comi. Fiquei ali deitada por alguns minutos descansando, foi quando vi aquele rapaz dos cajados

metálicos, atrás da Ermita, deitado tomando banho de sol, só de cuecas. Achei a cena muito engraçada e fiquei pensando quantas coisas estranhas eu ainda veria até chegar a Santiago.

De repente apareceram muitas pessoas, vindas, provavelmente, do caminho Aragonês, um outro caminho que leva a Santiago e que tem seu início na cidade de Samport, na França, se junta ao caminho francês exatamente em Puente de La Reina, e passa por ali.

A Ermita ficou muito tumultuada para mim, que estava mal e não queria festa, só ficar quieta, mas alguns alemães não deixaram, faziam perguntas sem levar em consideração que eu não entendia nada de alemão. Um deles até arriscou em inglês, mas estava difícil a nossa comunicação. Resolvi partir, preparei os curativos dos pés e coloquei minha amiga mochila nas costas para partir.

Depois de meia hora de caminhada, ouvi, novamente aqueles cajados metálicos, rapidinhos, batendo no chão, imaginei a cena do rapaz fazendo vento ao passar por mim. Senti raiva de não conseguir andar direito e para meu espanto, o rapaz se colocou a caminhar ao meu lado e começou uma conversa em espanhol, perguntando se podia caminhar comigo, e eu respondi que estava caminhando muito devagar e ele disse que não tinha problema.

Aceitei sua companhia, conversamos, foi interessante conversar com um alemão em espanhol, às vezes, eu tinha a impressão de que falávamos coisas completamente diferentes, mas nos entendíamos.

Ele me acompanhou, como um anjo da guarda, paramos duas vezes para tomar café, ele fazia questão de parar dizendo que era importante descansar. Notei que, aos poucos, ele aumentava o ritmo de sua caminhada e eu o acompanhava quase sem perceber, Cristian era este o seu nome, foi realmente um anjo.

Orei e pedi ajuda e ela apareceu. Conduziu-me até Puente de La Reina e nunca mais o vi. Obrigada Cristian!

Chegamos a Puente de La Reina, já era tarde, e fui encontrando um a um os amigos de refúgio, eu estava ansiosa para encontrá-los.



Cristian, MarJo, Iam, Bryn, Joanne e Philip (deitado)

Como já era tarde, e os peregrinos que chegaram antes já haviam consumido toda a água quente, meu banho foi com água fria, ou melhor, gelada. Minha cama, felizmente, tinha sido reservada por Manuel, que sabia que eu chegaria por que alguns peregrinos haviam contado que tinham me visto pelo caminho. Depois do banho fui comprar algo para comer, e fui à missa.

Jurei que não sairia de Puente de La Reina tão cedo, pois meu estado era preocupante, os pés estavam realmente muitos machucados, decidi ficar um dia descansando e me restabelecendo.

Não me sentia bem, estava mal humorada, irritada, triste, não sei bem. Fui dormir cedo e não acompanhei a turma ao restaurante para jantar.

MarJo e Iam, o casal de australianos, dormia num beliche a minha frente e pude ver como eram carinhosos um com o outro. Eles eram um belo modelo de um casal amoroso. Fiquei observando o carinho com que se tratavam e adormeci.

Dia 23/05 – Puente de La Reina a Estella

Acordei com o barulho dos peregrinos se arrumando para sair. Estava muito triste, pois todos partiriam e eu não. Aliás, Manoel também ficaria em Puente de La Reina.

Decidimos tirar fotos na famosa Puente de La Reina, depois das despedidas eu e Manoel fomos a uma praça para esperar o comércio abrir para que eu mandasse arrumar minha máquina fotográfica e depois procurar um *hostal*.

Neste tempo em que ficamos na praça, eu me sentia estranhamente indócil, agitada. Como quem está no lugar errado e na hora errada, não me encaixava àquela situação.

Comecei a mexer na máquina fotográfica tentando resolver o problema e obtive sucesso, ela voltou a funcionar, o que para mim significou um sinal que me fez decidir partir naquela hora.

- Chega de ficar aqui chorando as dores nos pés, chega de adiar, vá e caminhe, foi para isto que você veio aqui, não para ficar chorando de dor! - Uma voz gritava dentro de mim.

- Porque não pega um ônibus e volta para casa? Lá terá o conforto de um sofá e poderá ficar deitada.

Repetia mentalmente estas frases, que mais pareciam vir de minha mãe. Eu estava realmente sendo dura comigo mesma, mas de alguma forma foi positivo. Em poucos minutos estava com o pé na estrada, e caminhava num ritmo forte, muito forte mesmo.

Ir? ... Não ir?... Por que ir?...Por que ficar?

Inquietações e mais inquietações.

Senti-me feliz por ter tomado a decisão de seguir adiante. As coisas começaram a mudar.

Caminhei muito decidida. Ainda calçava as sandálias, e assim caminhei por 3 horas, até que resolvi colocar as botas, percebi que era delas que eu precisava, me davam mais estabilidade e segurança apesar de machucarem meus dedos. Coloquei as botas e caminhei melhor.

Aos poucos ia ultrapassando um a um dos amigos do refúgio, que ficavam surpresos com minha chegada até ali. Passei por Marcos e ele também se espantou, disse que faria a siesta, é este o nome que os espanhóis chamam aquela “sonequinha” depois do almoço. Eu disse que eu não pararia, que caminharia até Estella, porque,

mais que qualquer outra coisa eu queria mesmo era chegar lá. E foi exatamente o que fiz.



Minha sombra de cajado e botas penduradas na mochila

Nem sei quanto tempo demorei a chegar, o fato é que cheguei muito emocionada. Chorava como uma criança enquanto lia o livro de mensagens de peregrinos do refúgio. Encontrei mensagens de conhecidos brasileiros que estiveram no caminho alguns dias antes de mim. Quase todos os refúgios têm este tipo de livro, onde os peregrinos deixam mensagens uns para os outros, ou simplesmente para ninguém.

Ainda chorando, fui atendida por Carlos, o hospitaleiro, que veio ao meu encontro e falou comigo com muito carinho e compaixão. Expliquei a Carlos que chorava emocionada, pois, no dia anterior não podia caminhar, e que agora estava lá. Parecia um milagre, e ele respondeu:

- Sua cabeça pensava que você não podia, não seu corpo.

Convidou-me a ficar lá por mais um dia, se eu quisesse. Entregou-me um lindo poema para eu ler, que me fez chorar ainda mais.

Tive meu melhor banho, e meu melhor dia até então, fui muito carinhosa comigo mesma, estava sentindo falta de me cuidar mais. Passei batom, arrumei os cabelos, estava me sentindo muito feminina, percebi que, até aquele momento não havia me preocupado com nada disto, mas sim em fazer tudo certo e em não falhar.

Os outros peregrinos iam chegando e foi muito gostoso recebê-los, para variar, afinal eram sempre meus companheiros que me viam chegar e me faziam calorosas recepções.

Como normalmente acontece em minha vida, cativei muita gente e fiz amigos em todos os refúgios. O fato de eu falar um pouco de inglês e agora um pouco de espanhol, me permitia conversar com pessoas de vários países, o que facilitava o convívio e fazia minha viagem mais agradável e divertida.

Chegar nos refúgios e encontrar com os outros peregrinos era como chegar em casa, ser bem recebida, com amor, com alegria. Queria estar mais tempo com este grupo e desfrutar mais desta amizade. Decidi, então, que não ficaria mais um dia neste refúgio, seguiria adiante.

Dia 24/05 – Estella a Los Arcos

Segui adiante depois de tomar um café da manhã com outros peregrinos. Enquanto caminhava, os *insight* foram surgindo sorrateiramente. Quando se está caminhando por tantas horas seguidas, pode-se perceber que o pensamento vaga e que as respostas às suas perguntas vêm sem que se faça grandes esforços.

Disciplina era a palavra do dia. Ficar em Estela significava parar diante de uma dificuldade, seguir significava, confiar em mim. Aliás, esta era uma palavra que estava sempre em meus pensamentos...Confie...

Caminhando por uns três km, reencontrei Marcos, e passando pela Fuente de Vino de Irache, tomei vinho em minha *Vieira*, uma concha que é um símbolo dos peregrinos a Santiago. Praticamente todos os peregrinos carregam sua concha. A minha me foi dada por um amigo que havia feito o caminho em 1999 e a trouxe de Santiago.

Neste lugar eu deixei uma bandeira do Brasil, para que Manny, Selma ou Inês encontrassem, juntamente com um bilhete dizendo que estávamos bem e com saudades. Muito tempo depois, fiquei sabendo que Manny ficou com a bandeira e o bilhete.

Não me dei conta de onde estávamos, exatamente, e aconteceu uma daquelas coincidências do Caminho, que nos fazem pensar e pensar.

Ao passarmos por um povoado, vimos um homem com dois ciclistas que pediam para carimbar suas credenciais, não entendi bem porque, mas ele se ofereceu para carimbar as nossas também, ao mesmo tempo em que falou que ia me presentear com um cajado, pois o meu era muito pesado, eu aceitei e quando ele entrou para carimbar as credenciais eu me lembrei: era Pablito.

Quando ele voltou perguntei seu nome e confirmei emocionada. Um amigo do Brasil tinha mandado um abraço para ele, mas eu não me dei conta de que não sabia onde o encontraria, e, na verdade, ele me encontrou. Pablito Sanz é muito citado nos livros sobre o caminho de Santiago, pois ele presenteia os peregrinos com cajados de avelaneiro, que são mais leves e resistentes.

Fomos convidados a segui-lo aos fundos de sua casa e ele me pediu para escolher um cajado, eu o fiz e ele nos ensinou a caminhar com o cajado, tiramos fotos juntos e na saída ele nos pediu para esperar um minuto, entrou na casa e voltou com uma vieira para cada um de nós, lindas vieiras, por sinal.

O mais interessante é que Marcos, uma hora antes, havia dito que ainda não tinha sua concha, mas sabia que o caminho lhe daria uma. É dispensável dizer o quanto isto tudo nos tocou. Depois disso eu e Marcos nos separamos para desfrutar melhor nossas emoções.

O Caminho de Santiago é conhecido como o Caminho das Estrelas, mas poderia, também, ser conhecido como o Caminho das Pedras, pois é incrível o número de pedras que encontramos por lá.

Apreendi, a usar as pedras como um símbolo, por qualquer motivo, numa espécie de ritual particular. Assim o fiz e neste dia deixei minha primeira pedra simbolizando algo muito particular como uma despedida e libertação.



Minha primeira pedra

Logo depois passei por Monjardim, um povoado pequeno, e resolvi ficar um pouco para descansar. Parei no refúgio e pedi um lanche, comecei a conversar com o *hospitaleiro*, que era muito gentil. Fiquei lá por quase uma hora, escrevi no meu diário e voltei a caminhar, sob um forte calor.

Passei por um bosque delicioso, e fui encontrando muitos peregrinos almoçando e fazendo a *siesta*, aquela sonequinha depois do almoço. Alguns estavam muito animados e de repente, escuto uma voz familiar: - Peregrina, venga hacer la siesta!

Era Marcos, deitado debaixo de uma árvore. Aceitei o convite, tiramos um cochilo, ali no chão embaixo de uma grande árvore, numa sombra realmente convidativa.

Logo partimos para a primeira grande dificuldade. Enfrentamos um calor muito forte, numa plantação de trigo por 12 km, sem sombra, até Los Arcos.

Foi uma etapa muito dura, pois a água do meu cantil estava acabando e o calor minava nossas energias.

Estava agradecida por estar com alguém por perto, poder conversar e espantar aquele tédio, muito embora a paisagem fosse muito bonita. Encontramos com Andrés e Silvana, um casal de brasileiros que conhecemos quando ainda subíamos os Pirineus e um casal de alemães que pareciam ter mais de 60 anos e uma força incrível.

Depois de 3 horas, aproximadamente, estávamos chegando no albergue e eu, com minha mania de conversar com todo mundo, acabei ficando sem cama, porque

demorei a entrar no refúgio que estava lotado. Só consegui mesmo um lugar no chão, e um isolante térmico emprestado.

Quando se caminha por tantos dias, vendo as mesmas pessoas, cria-se um vínculo muito gostoso, e no final do dia ficamos esperando um pelo outro, e eu era uma das poucas mulheres que caminhava sozinha, e quase sempre chegava bem mais tarde que todos. Neste dia os peregrinos estavam em festa cantando e dançando, me fazendo até cantar músicas brasileiras, foi divertido.

MarJo Iam, Joanne, Brynn e Philip convidaram-me para jantar, como de costume, pois, eu chegava quase sempre mais tarde que eles, e encontrava o jantar pronto. Agradei o carinho, mas, resolvi ir às compras e depois à missa.

Por todo o Caminho eu sentia uma forte necessidade de ir às missas. Fato curioso, pois no Brasil eu não frequentava igrejas.

Já na missa, quando o padre deu uma benção especial aos peregrinos chorei muito lembrando de minha mãe, sentia saudades. MarJo, quando me viu tão emocionada, veio ao meu encontro, me abraçou e me deu o colo que eu precisava para chorar. Agradei muito aquele carinho e lhe disse que precisava telefonar para casa, ela logo entendeu e disse que me esperaria no refúgio.

Depois do telefonema, no qual só consegui falar com a Fernanda, fui encontrar com alguns espanhóis que não veria mais, pois seguiriam até uma cidade mais à frente no dia seguinte. Jantamos e eu voltei ao refúgio.

Despedi-me também de Marcos que seguiria até Logroño e não nos veríamos mais. Agradei por ele fazer parte do meu caminho.

Dia 25/05 – Los Arcos a Viana

Depois de uma noite, muito mal dormida, parti. Estava um pouco irritada, e não conversei com ninguém naquela manhã.

Tinha dores, caminhei muito lentamente, com dificuldades, observei as pessoas passando por mim, famílias, amigos, casais, todos caminhando juntos, e eu

senti um pouco de inveja, afinal, agora eu estava sem os amigos do Brasil, sentia-me sozinha. Era um paradoxo, eu que queria tanto estar só, agora queria companhia.

Resolvi continuar meu ritual e deixar pedras por meus amigos, eu as deixava em cima das marcações e setas do caminho. Para cada amigo, com muita emoção, eu fazia uma oração e agradecia por fazerem parte de minha vida.

A primeira pedra foi para o Edson, ele foi a primeira pessoa que acreditou no meu sonho e me incentivou muito, depois para a Regina, a Márcia, o Marcos, Dado, Jucá, Janice, Roberto e as crianças, Armando. Enfim, todos agora estavam representados em meu Caminho, era uma homenagem que traduzia também as saudades que eu sentia de cada um.

Quando me decidi por fazer o Caminho de Santiago, eu buscava algo que me levasse à meditação, e agora tinha certeza de que estava fazendo a coisa certa, da forma certa.

Continuei andando e pensando muito, é curioso como se processa o pensamento quando se está andando tanto, cansamos o corpo para liberar nosso espírito.

Às vezes sinto que estou um nível acima do pensamento, não sei bem como definir o que é isto, mas sei que é muito diferente do pensar do dia a dia. É um não pensar e deixar fluir.

Um senhor francês por várias vezes apareceu em meu Caminho, mas nunca nos falamos, neste dia ele me encontrou falando sozinha, celebrando, à beira de uma estrada, agradecendo pelas flores do meu Caminho, e ele disse, em espanhol: - Isto mesmo, agradeça a Deus pelas flores!

Rimos do flagrante e eu pensei: Que maravilhoso é poder sentir tamanho êxtase e gratidão.

Era exatamente isto o que eu sentia quando Jean Claude me viu agradecendo pelas flores, porque minutos antes eu me sentia muito mal, com dores fortíssimas e estava ali, no meio do nada, passando por uma vegetação muito árida, fazia muito calor, então orei e pedi forças para chegar ao meu destino.

De repente, vejo à minha frente um imenso jardim de amapolas vermelhas e uma outra flor amarela, que não me lembro o nome, em plena estrada. Foi como sentir a mão de Deus a me estender este tapete de flores.

Entendi, naquele momento, o valor das pequenas coisas. Nenhum dinheiro no mundo pagaria aquilo. Aliás, dinheiro eu tinha, o que não tinha era a força que recebi ao ver a tamanha beleza da natureza. Jean Claude e eu caminhamos juntos por alguns minutos e não o vi mais.

Depois de algumas horas novamente ficou doloroso caminhar. Não sei se era a bota, ou se estava pisando de forma errada, não conseguia entender porque tanta dor, meu dedo estava cada vez pior, tinha medo de ter problemas mais sérios e não poder andar.

Lembrei-me das aulas de Leitura Corporal, em que estudava as posturas e seus correspondentes emocionais, eu me perguntava o que precisava mudar para estar melhor. Neste devaneio, segui meu caminho a caminho do meu destino. Sempre em frente para mais um dia.

Depois de caminhar mais um pouco, ao lado de uma árvore especialíssima por sua beleza, orei por minha família. Neste lugar, coloquei pedras por eles, cantei uma cantiga de ninar e me senti uma criança, de certa forma, me senti no colo de minha mãe.

Peguei esta criança no colo. Ela estava mesmo precisando de carinho e atenção, chegava a estar assustada com tudo aquilo, e percebi que ela apenas me seguia, porque confiava em mim, mas que não partilhara desta decisão. Eram sentimentos confusos que me faziam entender alguns medos.

Todas as vezes que percebia que estava entrando em algum processo como este eu me entregava, segura de que respostas viriam. Foi mais um momento de catarse, mais um momento de fortes emoções que me colocavam em contato com o que havia de mais profundo em meu coração. O choro que brotava nestas ocasiões era como uma enxurrada lavando mágoas, deixando meu coração muito mais leve.

Caminhei, caminhei, caminhei.

Cheguei a Viana, uma bela cidade, e fui direto ao banco. É muito divertido ver a expressão das pessoas olhando um peregrino que acaba de chegar. Demonstam um misto de piedade e horror. O que será que estas pessoas pensam?

Ao chegar no refúgio, minha felicidade foi enorme ao encontrar Brynn, Joanne, MarJo e Iam. Nossa amizade ficava a cada dia mais forte. Fizemos um jantar, com direito a sobremesa, vinho, frutas e tudo o mais, fomos à missa e lá pude observar um homem muito charmoso atrás de mim, que eu não tinha visto antes, ele parecia muito tocado com aquela missa.

Eu liguei para uma amiga a fim de cumprimentá-la pelo seu aniversário e em seguida, finalmente, consegui falar com minha mãe. Não sei se ela percebeu, mas eu chorava de emoção, falar com ela era um presente depois de um dia duro de caminhada. Tentei dizer o quanto sentia sua falta, mas ela sempre fazia uma brincadeira, e acho que o fazia para fugir da emoção. De qualquer forma, eu sabia que não era fácil dizer o quanto eu sentia falta de minha família.

Caminhei pela linda cidade e voltei para o refúgio com a intenção de dormir cedo. Mas antes de dormir uma foto deste refúgio especial.



Refúgio de Viana

Na Espanha, nesta época do ano, o sol se põe por volta de 22:00, até então, o dia está claro, as pessoas ficam pelas ruas, famílias inteiras se sentam nos bares e cafés, a conversar.

Eu já estava dormindo quando, por volta de 23:00, alguém batia insistentemente na porta do albergue, fiquei assustada e Joanne desceu para abrir. Era

Tobias, um austríaco de 18 anos que eu já tinha visto antes subindo os Pirineus com uma garrafa de vinho na mão.

No começo eu não gostava muito dele, achava-o um garoto irresponsável, que não respeitava horários e parecia um moleque rebelde. Logo percebi que o estava julgando, sendo injusta. Ele me fazia encarar minha rigidez em relação a normas de conduta, e agora eu era uma fã da liberdade do Tobias.

Dia 26/05 – Viana a Navarrete

Acordei por volta de 6:00, pois ao acordar cedo, sair cedo e chegar cedo, você tem mais tempo para descansar e fazer tudo que precisa.

As coisas estavam complicadas para meus pés: uma bolha no calcanhar e dois dedinhos que não cabiam mais nas botas. Eu não sabia mais o que fazer. O que eu tinha de fazer?

Estava conversando com meus botões quando José Miguel apareceu, era o tal homem charmoso, que eu tinha visto na igreja na noite anterior, um espanhol de 62 anos, muito inteligente, culto e gentil.

Na entrada de Logroño encontramos MarJo e Iam e conhecemos Felícia, uma senhora que distribui figos secos aos peregrinos, em frente de sua casa.

Quando ela soube que eu era brasileira, foi logo me pedindo “las piedras”, e, como um amigo do Brasil já havia me contado sobre ela, eu levava umas pedrinhas, destas semipreciosas que se encontram à venda em qualquer loja de produtos esotéricos. Felícia é apaixonada por estas pedrinhas coloridas. Ficamos muito contentes com a troca de presentes.

Seguimos até chegarmos a uma linda igreja, onde parei para *costurar* uma nova bolha, que nada mais é senão furá-la com uma agulha, e deixar um pedaço de linha para drenar seu líquido, isto faz com que ela seque mais rapidamente.

José Miguel me ajudou e depois seguiu com os outros. Caminhei sozinha por algum tempo e depois voltamos a nos encontrar, até que paramos para descansar debaixo de uma árvore onde descansavam duas baianas muito simpáticas. Segui com as duas até Navarrete, onde Joanne e Brynn nos esperavam para se despedirem. Fiquei

triste por saber que elas seguiriam, mas entendi que o Caminho nos brindaria com muito mais despedidas e eu precisava me acostumar. Dei uma daquelas pedrinhas para cada uma, Brynn chorou ao me abraçar, prometendo me escrever.

O refúgio ainda estava fechado, tivemos de esperar um bom tempo, neste dia conheci Wayne, um australiano, que estava esperando duas garotas que conheceu no caminho, que também eram australianas. Seria uma convenção de australianos?

Wayne era muito simpático e me lembrei de ter visto as garotas em Logroño e pareciam muito cansadas.

Fui a um mercadinho e comprei comida para preparar um jantar especial para os meus amigos, pois em Navarrete a cozinha do refúgio era muito boa e convidava a uma refeição caseira.

Voltei ao refúgio e conversei com a turma, marcamos nosso jantar para as 19:30 e foi muito divertido preparar este jantar, e melhor ainda foi ver o Tobias lavando a louça. MarJo e Iam trouxeram a sobremesa e eu comprei até café solúvel, não faltou nada, nem o melhor vinho desta região da Rioja. José Miguel elogiou, a nossa festa, encantado.

Dia 27/05 – Navarrete a Azofra

Sonhei e pensei muito nas especiais pessoas que cruzam nossa vida para fazer a diferença e nos fazer realizar coisas positivas e evoluir.

Às 7:00 já estava caminhando e passei por uma série de esculturas de pedras, feitas por peregrinos formando um lugar impressionante pela energia, pois, cada pedra deixada, guarda um significado especial para quem a deixou.



Pedras deixadas, formando verdadeiros monumentos.

Eu aproveitei para deixar minhas pedras por meus amigos do curso. Deixei uma pelo Lucca também, ele é o mais novo integrante da família com um mês de idade e pela mãe dele, a Carla, minha irmã.

Caminhei sozinha por quatro horas, até ser alcançada por José Miguel e José Maria e mais duas norueguesas, caminhamos por mais uma hora até chegar a Nájera.

Procuramos um bar para beber algo, e para variar eu sentia muitas dores, mas agora as que mais me incomodavam eram as dores musculares na coxa direita. Descansei bastante.

Visitamos o Monastério e depois meus dois amigos me convidaram para almoçar, eu não tinha fome, mas lhes fiz companhia e tive a oportunidade de conhecer três mineiros que faziam o caminho de bicicleta. Conversamos sobre a falta que faz um pão de queijo na vida de um peregrino brasileiro, e demos boas risadas.

Em seguida, eu, José Miguel e José Maria partimos juntos para Azofra, que ficava apenas a seis km. Na estrada, vimos um carro se aproximar e parar à nossa frente, particularmente fiquei receosa, mas José Miguel nem se abalou, o carro parou e dele desceram quatro homens e uma mulher, todos de Madri, e, para meu espanto, nos ofereceram refrigerantes e deliciosas cerejas.

Eles estavam muito felizes por encontrar peregrinos e poder ajudar. Falei para eles que se fosse no Brasil eu já estaria correndo, não esperaria para ver. E rimos muito, pois eles haviam oferecido o mesmo para três brasileiras há pouco tempo atrás e elas nem sequer pararam. Agradecidos, despedimo-nos dos nossos amigos madrilenhos.

Azofra não tem um refúgio muito bom, mas valeu pela água quente, e pelo quarto quase privativo onde ficamos os três juntos.

Depois do banho resolvi fazer uma inspeção nos pés e descobri que tinha quatro bolhas e uma tinha pus, isto me preocupou. Era curioso, mas quase todos os meus problemas se concentravam do lado direito do corpo, sei que deve haver uma explicação para isto.

Não sei exatamente por que, mas o hospitaleiro de Azofra não simpatizou muito comigo. Eu cheguei bem eufórica, feliz por ter feito uma boa etapa, e ele foi deselegante comigo.

Mais tarde comprei açúcar para deixar no refúgio, mas usei o que já estava aberto em cima de um armário e antes que eu tivesse tempo de guardar ele me chamou a atenção porque não tinha guardado.

Ele, então, começou a falar mal do escritor Paulo Coelho e eu tentei explicar que não era fã dele, e que para mim era indiferente às histórias que se contava dele por lá.

Daniel, o hospitaleiro, foi desrespeitoso com Paulo Coelho, além de muito grosseiro e agressivo.

Entendi que ele devia estar com algum problema. Depois de uma frase em que eu defendi a liberdade de expressão, ele disse:

- Hablas mui mal español.

- Porsupuesto señor, yo soy brasileña! Respondi.

Saí do refúgio e fui jantar com José Miguel. Foi um jantar muito agradável onde falamos de família e relacionamentos. José Miguel disse que nunca imaginara conversar sobre assuntos tão profundos com uma brasileira. Curiosa esta afirmação, porque o preconceito com as brasileiras?

Disse-me ainda que eu não parecia estar em paz e eu lhe contei sobre o desentendimento com o hospitaleiro.

Depois do jantar fomos à missa e conhecemos a famosa Maria Tobia. Como Pablito Sanz, ela é citada em vários livros sobre o caminho.

Que linda! Que energia! Que amor! Manifestados por um olhar encantador e um sorriso quase angelical.

Falamos sobre o Brasil, os brasileiros, e ela ficou muito feliz quando eu disse que ela deveria visitar o Brasil, porque tinha muitos amigos que adorariam abraçá-la.

De volta ao refúgio dormimos logo e a noite estava muito fria.

Dia 28/05 – Azofra a Grañon

Comecei a caminhar uns vinte minutos depois de José Miguel e uns vinte à frente de José Maria, é claro que ele me alcançou logo e chegamos a Santo Domingo de La Calzada juntos, fomos até o refúgio onde encontrei uma mensagem de Marcos, senti saudades.

Em seguida fomos à famosa igreja onde ficam um galo e uma galinha para lembrar um milagre muito interessante. Conteí sobre a história do milagre ao José Maria, que apesar de espanhol nunca ouvira falar do tal milagre.

Contam que no séc XIV, um jovem efetuava sua peregrinação a Santiago de Compostela acompanhado pelos seus pais e num dos albergues do caminho em que pernoitaram, o jovem mostrou-se indiferente às investidas de uma criada do albergue. Ela, por vingança, colocou em segredo uma taça de prata na bagagem do rapaz que foi acusado de roubo e condenado à morte por enforcamento.

Porém quando seus pais foram até o patíbulo para recolher seu corpo, ouviram a voz de um anjo anunciando que Santo Domingo havia conservado sua vida. Os pais do jovem imediatamente procuraram o juiz da cidade e pediram que o rapaz fosse liberado, pois estava vivo e em boa saúde. O juiz estava à mesa e com certa razão, não acreditou na história do casal. A sua incredulidade fê-lo exclamar: - Solto vosso filho quando este galo e esta galinha cantarem novamente – disse o juiz apontando os assados que tinha sobre a mesa.

Neste mesmo instante o galo e a galinha cobriram-se de penas e se puseram a cacarejar e a cantar.

Desde este dia, na igreja Santo Domingo de la Calzada, um galo e uma galinha de penas brancas são mantidos vivos e são substituídos a cada 20 dias, e se o galo cantar quando o peregrino entrar na igreja é porque ele terá sorte em sua peregrinação.

O galo cantou várias vezes enquanto eu estava lá na igreja. Que bom, terei sorte!

Fomos a um bar e depois ficamos assistindo a uma festa típica com duas confrarias a do queijo e a da uva. Era uma festa muito bonita, um domingo muito bonito. Estávamos em festa também.

Colocamo-nos a caminhar outra vez e chegamos a Grañon. Eu havia dito que seguiria com eles até Redecilla, e então paramos, para descansar e beber algo refrescante. Enquanto isto eu tirei as botas para descansar e secar os pés, um procedimento importante para evitar as bolhas. Quando tentei recolocar as botas, meus pés simplesmente não entravam. Estavam tão inchados que a bota não entrava.

Não pude seguir e José Miguel ficou muito triste comigo, na verdade ele ficou bravo, pois eu tinha dito que iria com eles e não estava cumprindo minha promessa, segundo palavras dele mesmo.

Este episódio me deixou bem chateada, pois eu queria que ele entendesse meu problema, mas ele não entendeu.

Segui até o refúgio de Grañon que estava muito próximo dali. Fui recebida por Rème, que conversava com mais dois franceses. Este parecia não ser mesmo meu dia de sorte, agora só havia franceses neste refúgio, ninguém que falasse português ou espanhol.

Grañon não é um refúgio onde os peregrinos costumam ficar, ao contrário, a grande maioria passa direto por esta cidade, pois a 3 km dali fica Redecilla, uma cidade maior.

Era um refúgio muito diferente dos outros. Não carimbavam a credencial e não cobravam taxas, e Rème ainda me avisou que um jantar seria servido às 20:00, um jantar preparado por ele mesmo, e que enquanto isto eu poderia me servir de biscoitos e suco.

Ele me mostrou o lugar onde dormiríamos, e eu fiquei encantada com o aconchego. Num mezanino havia doze colchões no chão, assoalho de madeira, muito limpo e acolhedor, meu colchão era o último. O refúgio ficava no interior de uma igreja muito antiga. Era um lugar belíssimo.

Tomei banho, lavei minhas roupas, e telefonei para casa, pois era domingo e sabia que estariam todos reunidos para o almoço.

Quando voltei, me ofereci para ajudar na cozinha, mas já tinham ajuda suficiente. Resolvi dormir um pouco, pois eu estava visivelmente atormentada, irritada. Estava me sentindo insegura.

Deitei-me pensando nas palavras de José Miguel, que dizia, na noite anterior, que eu parecia muito ansiosa, como alguém que não está em paz. Ele poderia estar mesmo certo, eu estava sempre conversando, falando com alguém, não parava quieta. De repente pensei: preciso ficar quieta, preciso estar quieta.

Quase não consegui dormir, tentei fazer as contas para ver como estavam meus planos e quanto mais conta fazia, mais tinha a certeza de que não conseguiria chegar a Santiago a tempo.

Não sei o que estava acontecendo, mas, simplesmente não dava certo qualquer conta que eu fizesse. Fazendo uma média de 20 km /dia, eu não conseguiria terminar o caminho a tempo. E ainda por cima eu estava com dores insuportáveis nos pés. Talvez tivesse de parar uns dias.

Tinha muito medo de fracassar. Mas o que seria fracassar? Vir sozinha para Europa, apostar no meu sonho, passar por tudo que passei, isto seria fracassar? Sim, sentia que sim.

Meu diabinho interior estava pronto a atacar e eu tinha medo. Estava percebendo o quanto não confiava em mim mesma. Estava entregando os pontos, já pensando que não conseguiria.

Aos poucos Rème foi preparando uma linda mesa. E, à luz de velas, jantamos todos juntos, num clima maravilhoso de irmandade e sem problemas de comunicação. Eu não podia acreditar que mesmo assim todos falavam comigo e perguntavam sobre o Brasil.

O jantar, com direito a vinho, sobremesa e cafezinho, foi longo e saboroso, a ternura de Rème nos encantava a todos. Sentia-me muito melhor agora.

Após o jantar Wayne me chamou para ajudar Tobias com umas bolhas nos pés, daí em diante eu virei a enfermeira oficial para assuntos de bolha. Patrícia e Leslie, as duas amigas de Wayne, também estavam lá.



Tobias bebendo para esquecer das bolhas que eu costurava

Quando me preparava para dormir, percebi Rèmme chamando um a um, para ir à igreja, que ficava na parte de trás do refúgio.

Juntos, fizemos uma oração em várias línguas, um momento sublime e que foi brindado com uma linda canção religiosa cantada por duas irmãs alemãs, Martina e Ildete.

Uma noite especial preparada por um verdadeiro anjo. Um presente de Deus para quem já estava prestes a se desesperar. E eu que achava ser este um dia de pouca sorte!

Foi muito especial estar em Grañon, parecíamos agraciados por uma energia muito especial e diferente, era como estar no céu.

Entendi minha lição do dia, eu estava querendo controlar demais as situações do meu Caminho. Queria ter controle até dos sentimentos alheios com relação a mim. Eu precisava relaxar.

Dia 29/05 – Grañon a Belorado

Uma manhã radiante e diferente. Nosso café da manhã nos esperava com torradas quentinhas, leite, café, e tudo o mais. Rèmme, mais uma vez, nos encantava.

Na saída do refúgio, havia uma pequena caixa com uma inscrição: “Deixe o que puder, pegue o que necessitar”. Graças a Deus eu pude deixar alguma coisa para ajudar outros peregrinos.

Segui feliz e refeita, alguma coisa havia mudado em mim, resolvi parar de sofrer e de não confiar em meu caminho. Agora era seguir em frente e chegar aonde fosse possível.

Lembrei-me da famosa frase dos livros sobre o Caminho: “O peregrino caminha o quanto pode e não o quanto quer”.

Caminhei até Redecilla pensando muito no José Miguel, não queria tê-lo desapontado, mas agora, tenho certeza de ter feito a coisa certa.

Quando estava fazendo uma foto de dois franceses com seus dois burricos e suas carrocinhas, um homem falou comigo em inglês, mas eu não estava mais disposta a falar inglês, estava mentalmente cansada de falar outra língua, queria ficar quieta, então eu lhe respondi, em inglês, que só falava português, e, para minha surpresa, ele começou a falar português.

Seu nome era Niels, um suíço que morou no Brasil por muitos anos. E eu, novamente, sem esperar, tenho companhia para caminhar.

Caminhamos até Belorado, foram 16 km, e ele me convidou para comer alguma coisa numa praça muito simpática onde estava acontecendo uma feira. Eu fiquei nesta cidade e ele seguiu por mais 12 km.

Depois de comer fui ao refúgio e fiquei surpresa ao descobrir que já estava lotado, e o mais curioso é que eu não conhecia nenhum dos peregrinos que lá estavam.

Eu MarJo e Iam nos encontramos em frente à praça e fomos procurar um *hostal*, logo fomos seguidos por outros peregrinos que chegaram e, como nós, não encontraram lugar. Lotamos um grande *hostal* e foi uma festa, jantamos e fomos dormir cedo.

Dia 30/05 – Belorado a San Juan de Ortega

Logo pela manhã, eu fazia meus alongamentos diários quando Leslie apareceu e disse que caminharia sozinha, pois sua amiga Patrícia seguiria de ônibus, devido a uma pequena fratura no dedo do pé.

Leslie era australiana e só falava inglês, e mesmo achando que seria aborrecido caminhar com alguém que não falava a minha língua seguimos juntas, em pouquíssimo tempo, descobrimos que este seria um dia fabuloso de caminhada.

Foi o primeiro dia em que caminhei com alguém o tempo todo, nos outros dias eu só fazia pequenos trechos e depois me separava, para caminhar sozinha.

Eu e Leslie conversávamos tão bem, parecíamos amigas de longa data, rimos muito e falamos de assuntos bem diversos. Era incrível, porque neste momento, caía por terra, definitivamente, minha crença de que nunca falaria outra língua que não o português.

Paramos depois de 8 km, para tomar o café da manhã e descansamos por quase 1 hora. O dia estava quente e a próxima etapa tinha muitas subidas, era prudente que descansássemos. Compramos lanches e partimos para mais 12 km de subidas íngremes, e sem locais para novas paradas.

Aproveitamos para tirar algumas fotos interessantes de nossos pés.



Meus pés...

Foi realmente o melhor dos dias, estávamos muito felizes, caminhávamos devagar, num ritmo possível para as duas. Alguma coisa estava mudando no meu caminho. Eu, apesar das dores, estava muito bem e confiante.

Eu e Leslie trocamos idéias sobre o que tínhamos a aprender e eu falei sobre confiar em mim mesma e no Universo. Sobre fazer todo o caminho a pé e não pegar um carro, nós tocamos neste assunto por causa de Patrícia. Questionamos muito o fato de fazer uma parte de carro. Eu, particularmente tinha muitas restrições, não queria nem pensar na hipótese de passar pelo que a Patrícia estava passando. Falamos sobre coragem e limites.

Já perto de San Juan, caminhávamos com dificuldade, e de repente, dois franceses se aproximaram sorrateiramente e deram um grito: ULTREYA!

Tomamos um susto, mas rimos do incentivo dos companheiros de jornada. Ultreya é uma palavra que quer dizer Avante! Ela é uma saudação muito usada entre os peregrinos, e esta, em especial, nos deu novo ânimo.

Chegamos a San Juan de Ortega, por volta de 16:30, e eu agradei muito por ter chegado tão bem.

O refúgio estava muito sujo, em obras. Acredito foi o pior de todos os refúgios. Não havia mais água quente e somente um pequeno bar ao lado para atender as 60 pessoas alojadas, tivemos de contar com sorte e paciência para sermos bem atendidos e podermos comer algo.

Na parte externa deste refúgio havia um grande jardim, onde muitos peregrinos deitados tomavam sol, outros cuidavam de seus pés, e uma francesa fazia massagens nos pés dos amigos. Era uma cena muito bonita de se ver. Peregrinos unidos ao entardecer.

Logo conheci muitos brasileiros, éramos quase vinte brasileiros neste dia, e também reencontrei as duas irmãs Selma e Inês, conversamos muito sobre nossas aventuras.

Neste refúgio encontrei muitos peregrinos que faziam o caminho de táxi ou carona e depois de falar com alguns tomei uma decisão. Eu não quero de forma alguma pegar um carro, mas, se for realmente necessário, vou optar por pedir ajuda.

Não vou desistir do meu caminho caso precise pegar uma carona. Não será isto que fará meu caminho menos digno.

Fui dormir cedo, escrever um pouco e arrumar a mochila. Para variar, desmaiei de cansaço. Sentia que estava descobrindo meu ritmo, respeitando mais meu tempo de descanso. Estava muito Feliz.

Dia 31/05 – San Juan de Ortega a Burgos

Acordei com os outros partindo, arrumando as mochilas, tentei me levantar, mas não pude! Não podia acreditar! Acordei com crise de labirintite!

Voltei a dormir, pensei que poderia ser um pesadelo, mas não era, várias vezes tentei levantar, mas não conseguia, sentia muito enjôo e muita tontura, fiquei na cama até ver Leslie do meu lado, tentei explicar a ela, em inglês, o que se passava. Ela, então, chamou Patrícia e percebi que fizeram uma reunião no centro do quarto. Eu não podia me mexer.

Depois de alguns minutos vieram ao meu encontro e disseram que já estava tudo decidido e que eu não me preocupasse. Decidiram chamar um táxi e dividir as despesas comigo, visto que ali não havia nada além de um bar e eu podia precisar de um hospital. Eu tentei explicar que não precisaria de hospital, mas sim de descanso, outra crise como esta já havia acontecido antes e eu sabia que só precisaria ficar deitada por um dia.

Não adiantava mais dizer nada, eles estavam decididos. Agradei muito o carinho. Na verdade eu teria tomado esta decisão sozinha. Minha aparência devia estar péssima, pois eles pareciam muito preocupados. Depois de uma xícara de café, oferecida pela gentil hospitaleira, aguardamos pouco tempo até que chegasse o táxi.

Táxi? Não acreditava que isto estava acontecendo comigo!

Será que o Universo estava querendo me dizer algo? Um dia antes fora meu melhor dia!

Pensava que se acontecesse algo assim eu ficaria arrasada, mas não fiquei, entendi que não poderia fazer nada, que tinha que me entregar àquela situação e tirar o melhor dela. Até porque se eu ficasse muito nervosa, a crise pioraria.

Fomos direto a Burgos Eu, Patrícia, Leslie e Wayne. Ele também estava mal, mas eu não sabia porque, era visível que ele estava muito abatido.

As meninas nos deixaram em uma praça e foram procurar um hostel para nós. Eu tinha tomado um medicamento contra o enjôo que me fez sentir muito sono. Adormeci debruçada sobre a mochila e quando acordei vi que Wayne segurava um guarda-chuva me protegendo do sol, e que também tinha comprado uma garrafa de água fresquinha para quando eu acordasse.

Eu estava realmente emocionada com aquela manifestação de Deus no meu caminho. Um homem que eu mal conhecia, sentado numa praça segurando um guarda-chuva para me proteger do sol! E as duas garotas andavam pela cidade atrás de um lugar para eu poder descansar. Eu não sabia o que dizer para agradecer.

Elas voltaram e fomos ao hostel, em pouco tempo mandamos as roupas para a lavanderia e eu adormeci em uma cama macia.

Foi um dia especial, eu tinha muito no que pensar, muito a aprender, muito que respirar!

Lembrava-me das palavras da Patrícia: - Nós nunca deixaríamos você sozinha, Ana Paula. Nós estávamos preocupados com você.

São meus irmãos de caminho, e agora eu sei o que significa isto. Pensei se eu faria o mesmo por eles.

Dormi a tarde toda e as meninas saíram para esperar pelos outros peregrinos e disseram que fariam uma festa para mim à noite. Por volta de 17:00 MarJo e Iam vieram me visitar e logo depois as meninas chegaram também, combinamos jantar uma *paella*, um prato típico espanhol delicioso à base de frutos do mar e arroz, às 20:00.

Eu estava bem melhor, pois tinha dormido por quase cinco horas e me sentia bem. Saímos para comprar algumas coisas e seguimos para o restaurante que ficava num lugar lindo, a beira de um rio, e um jardim. Um restaurante com mesas na calçada.

Fiquei impressionada com o número de idosos nos bares e cafés conversando. Famílias inteiras passeavam, era muito lindo. Isto é que é qualidade de vida, pensei.

Depois do jantar fomos a um *cibercafé*, conectei-me à Internet, li mensagens por uma hora, decidi, então, ligar para casa e dar boa noite para Fernandinha e ela me contou que havia menstruado pela primeira vez.

Chorei emocionada, pois queria muito estar com ela neste momento. – Mães, são mães... Para entendê-las, só mesmo outras mães... Pensei, com meus botões...Ela está muito bem cuidada por sua avó e suas cinco tias...Eu repetia para mim mesma...

Acho que neste momento me dei conta da escolha que eu tinha feito, a de fazer o Caminho e ficar longe da minha filha por tanto tempo. Eu sabia que tinha feito a coisa certa, mas estava sentindo o peso desta decisão, estava muito difícil ficar longe dela, eu sentia muita saudade e sabia que ainda não estava nem na metade do caminho.

Pedia que ela entendesse e que sentisse o quanto eu estava perto dela, mesmo estando longe, ela não saía dos meus pensamentos.

Dia 01/06 - Burgos

Pensei em partir, mas concordei com meus amigos que seria melhor não abusar e que seria muito bom ficar mais um dia descansando.

Burgos é uma cidade grande e muito bonita. Tem uma das mais belas catedrais da Espanha, e inúmeros lugares para se visitar. Decidi cortar os cabelos bem curtos, pois estava difícil cuidar deles. Gostei do novo visual, estava bem diferente.

Tínhamos combinado de nos encontrar em frente à catedral. Depois de visitar aquela maravilha, marcamos um novo encontro, para mais tarde, em frente ao teatro municipal.

De volta ao *hostal* arrumamos nossas coisas e eu ajudei Leslie e Patrícia a se separarem, de, aproximadamente, 5kg excedentes em suas mochilas. Eram objetos tão supérfluos como uma escova de dente elétrica com motor, que Leslie carregava com um apego incrível. Mas eu as ajudei a perceber que suas bolhas e dores tinham relação com este excesso de peso.

Depois de muita risada, e muita discussão para saber o que era realmente imprescindível para um peregrino, fomos juntas ao correio enviar tudo para Santiago,

pois na Espanha existe um serviço de correios em que você remete uma encomenda para você mesmo retirar na cidade de destino.

Eu estava muito bem, refiz minhas contas com relação aos dias que restavam e constatei que não tinha mais nenhum dia de descanso, teria de caminhar todos os dias para chegar a Santiago.

Mais tarde fiquei sabendo que o encontro em frente ao teatro era para assistirmos a um balé russo, interpretando, Carmem de Bizet. A princípio achei a idéia muito estranha para um peregrino, mas segui com eles, e foi uma experiência incrível.

Só pensava nesta cultura tão diferente da nossa e viver esta diferença, certamente, me fez uma pessoa bem melhor.

Tomamos vinho em um bar muito simpático e voltamos ao *hostal*. Pode parecer maluquice, mas eu estava ansiosa para voltar a caminhar, sentia falta de estar no caminho. Dormi ansiosa pela manhã seguinte.

Dia 02/06 – Burgos a Hornillos

Acordei cedo e rapidamente estava pronta. Os dois dias de parada foram muito bons para meus pés, que quase não doíam mais. Passamos pelo refúgio de Burgos para carimbar a credencial.

Eu, Leslie e Patrícia caminhamos por mais de uma hora quando nos demos conta de que havíamos esquecido o guia da Patrícia no refúgio.

Eu e Leslie resolvemos voltar enquanto Patrícia seguia, pois estava caminhando com muita dificuldade. Foram 6 km a mais, e nesta volta decidimos tomar café da manhã num bar próximo ao refúgio.

Caminhamos bem, mas preocupadas com Patrícia, pois ela realmente não estava bem. Depois de cerca de 2 horas chegamos a um bar onde ela nos esperava com refrigerantes e castanhas. Seguimos praticamente juntas até Hornillos Del Camino

Lá fomos recebidas com muito carinho por MarJo e Iam, que nos esperavam na estrada. Foi uma sensação deliciosa ter alguém esperando por nós. Um casal com

mais do dobro da nossa idade era capaz de chegar 2 horas antes de nós e ainda ter forças para voltar para a estrada e nos esperar. Eles eram mesmo incríveis.

Entendi que os caminhos são muito diferentes, pois existem pessoas que querem chegar, outras que querem andar, outras que querem chegar, mas demoram, outras que querem andar, mas não podem, e outras, ainda, que podem, mas não querem.



Descida para Hornillos Del Camino

Aprendi a respeitar o Caminho de uma forma diferente, aprendi que o Caminho está em cada um, individualizado e representado com o que há de melhor em cada um. Livre.

Depois do banho, arrumações, lavagem das roupas, eu descansei um pouco e fui jantar com a turma e voltamos para dormir cedo.

A noite prometia muita chuva e cumpriu. Choveu muito e eu estava preocupada com a caminhada do dia seguinte.

Dia 03/06 – Hornillos a Castrojeriz

Depois do café da manhã no próprio refúgio, segui sozinha e satisfeita. Saí bem cedo e ainda estava um pouco escuro. Queria muito estar sozinha. Fazia frio, e tinha muita lama no caminho, não é nada fácil caminhar na lama, as botas ficam muito pesadas. Mas logo o sol apareceu e o chão foi ficando mais seco.

Foi um dia maravilhoso de Caminho. Visitei o refúgio de Sambol, um refúgio singular, isolado do resto do mundo, sem água, luz ou banheiro, mas com um astral delicioso. Fiquei um pouco por lá e tomei um café oferecido pela *hospitaleira*.

Segui feliz, leve, sentia que seria outro dia muito especial. Eu caminhava todo o tempo, acompanhada por muitas flores e muitos pássaros que pareciam brincar de pega-pega. Era um dia lindo, o sol brilhava imponente, o verde dos campos era maravilhoso. Eu estava muito agradecida a Deus.

De repente, recordei-me de imagens de meus avós e da minha infância também. Decidi deixar pedras por eles naquele lugar tão especial.

Meus avós paternos são vivos, mas os maternos não. E naquela energia de quase magia comecei a conversar com minha avó materna, a Vó Ernestina, sentia, verdadeiramente, que ela estava ali, conversando comigo. Não era a primeira vez que tinha esta sensação. Na verdade ela costumava falar comigo, e dizia: “Minha filha, onde você estava com a cabeça quando se meteu nesta situação?”, “Porque você está passando por tudo isto?”

Falei com meu avô também, e disse-lhes que aquela pedra ficaria ali, junto daquelas flores em homenagem a eles dois.

Eu estava muito tocada, chorava e sentia um profundo amor em meu coração. Sentia que estava com eles de uma forma muito verdadeira e intensa. Rezamos juntos.

Segui, e um pouco mais à frente encontrei um cruzeiro e lá deixei as pedras por meus avós paternos Attilio e Virgínia, que me trazem muitas recordações de uma infância de amor e de travessuras, num sítio próximo de São Paulo. Rezamos juntos também.

Estes presentes que o caminho me dava eram acompanhados de muita emoção, uma sensação de grandiosidade, de generosidade, talvez a tradução seja difícil, mas a sensação era a de estar conectada com Universo.

Lembro-me de minhas leituras prediletas sobre física quântica, a relatividade, na existência sistêmica. Nas possibilidades da matéria, na importância ou não dos fatos. Nas escolhas que fazemos e que nos trazem ao que somos.

Passei por povoados lindos, que eram sempre um motivo a mais para o caminho ser tão especial. Vi pessoas que vivem numa simplicidade ímpar. Penso que estão muito mais perto de Deus.

Encontrei Leslie e Patrícia algumas vezes neste dia e num destes encontros estávamos num povoado muito pequeno, mas com uma fonte de água maravilhosa. Eu, que estava morrendo de calor, não pensei duas vezes e enfiei a cabeça dentro d'água. As meninas não acreditaram e correram para fazer o mesmo. Uma senhora nos olhava com ares de espanto, mas tenho certeza de que ela já estava acostumada com a irreverência dos peregrinos.

Segui e logo já estava bem à frente das minhas amigas. A estradinha de terra acabou, dando lugar a uma estrada muito bonita, com árvores dos dois lados, o que agradei muito, pois o sol estava forte.

Caminhei por alguns minutos sem ver setas amarelas e observei que dois ciclistas vinham no sentido contrário. Pensei logo que poderia estar errada, perdida, mas, lembrava-me que a última seta que tinha visto indicava para virar à direita.

Não queria voltar todo aquele trecho que já tinha andado. Decidi, então, ficar bem calma, sentar debaixo de uma árvore e esperar que passasse alguém para pedir informações. Em menos de 15 minutos minhas preces foram atendidas e eu pude constatar que eu estava certa e os dois ciclistas deviam estar fazendo o Caminho ao contrário. Isto não é muito comum, mas algumas pessoas o fazem desta forma.

Passei por um bar, o dono, que estava na porta, me convidou para entrar, e eu aceitei. Ele e a esposa adoram o Brasil, têm muitos objetos que compraram em visitas feitas a vários estados brasileiros. Fiquei lá por um tempo esperando por Leslie e Patrícia, mas elas não chegaram.

Segui para o refúgio e tive que esperar que abrisse. Já havia muita gente lá, e os ânimos pareciam bem exaltados, principalmente entre os espanhóis que estavam muito bravos pelo fato do refúgio só abrir às 16:00.

Eu estava em estado de graça, sentei no chão em frente ao refúgio e nem me preocupei com nada. Observava o movimento daquelas pessoas exaltadas, e dos *hospitaleiros* tentando fazer seu trabalho da melhor forma possível.

Fiquei por mais de uma hora sentada perto da porta, vendo Resti e Jose Miguel, os *hospitales*, receberem as pessoas com muito carinho e dureza quando era necessário.

Pude observar que peregrinos que vinham com carro de apoio foram mandados embora. Assim como os ciclistas que só podem se instalar nos refúgios depois das 20:00, para que não falte lugar aos peregrinos que vêm a pé. Fazer esta triagem não é nada fácil

Patrícia chegou mal, sentindo muitas dores. Resti foi muito gentil e carinhoso quando a recebeu, foi um verdadeiro pai.

Ele disse que a peregrinação a Santiago não poderia ser um suicídio. Disse que Santiago nos queria lá, sim, mas vivos, e não, completamente destruídos. Disse que se ela continuasse a fazer mais do que podia, iria sofrer e fazer sofrer aqueles que estavam com ela. Além do mais, Leslie, tinha de sacrificar a caminhada dela todos os dias, por causa de Patrícia.

Choramos junto com Patrícia naquela hora, pois era difícil decidir tomar um ônibus, principalmente para quem veio do outro lado do mundo. Éramos muito solidários com sua dor, mas concordávamos com Resti.

Depois do banho e de uma rápida *siesta*, fomos às compras e depois ao jantar. Conversamos muito e Patrícia se decidiu a seguir junto com uma garota Argentina, que estava doente, para o próximo refúgio. Concordamos em nos encontrar em Boadilla del Camino.

Dia 04/06 – Castrojeriz a Boadilla Del Camino

Às 6:00, em ponto, eu pude ouvir o canto Gregoriano, com o qual os peregrinos eram despertados neste refúgio. Fomos convidados a tomar o café da manhã preparado por José Miguel, enquanto Resti se despedia de cada um na porta do refúgio.



Patrícia, Leslie, Resti, eu e Jose Maria, no refeitório do refúgio de Castrogeriz

Demoramos a partir porque o carinho deles era aconchegante mesmo. Falamos sobre o caminho e sobre os peregrinos. Sobre as crenças, as verdades, e as falsas verdades. Foi muito bom ter conhecido estas pessoas.

Ao mesmo tempo em que saímos de lá fortalecidas, saímos, também mais sensibilizadas. O amor pelo caminho e a paixão de Resti pela vida era contagiante. Ele parecia ter sempre a frase certa, na hora certa.

O tempo não estava muito bom, parecia que vinha chuva pela frente, perguntamos a Resti e ele respondeu: “Não, não vai chover, mas se eu estiver errado, vocês não vão voltar aqui para me xingar, não é?”.

Concordamos e saímos, depois de 30 minutos, descobrimos que estávamos no caminho errado. Quatro francesas muito simpáticas vinham no sentido contrário gritando que não era aquela a direção certa.”

Eram quatro senhoras de aproximadamente 60 anos, muito sorridentes e festeiras, nos encontraram e nos mostraram seus mapas, pudemos confirmar que estávamos no caminho errado. Elas já haviam caminhado 8 km até perceberem que estavam erradas, e graças a elas, nós duas, só caminhamos dois km.

Estas coisas acontecem pelo caminho, você precisa estar bem aberta, e atenta para ver os sinais quando se perde. Primeiramente você precisa perceber que se perdeu. O que acontece pela ausência das setas amarelas. Sabemos que se ficarmos mais de 20 minutos sem ver uma seta é sinal de que algo pode estar errado.

Demos meia volta e continuamos a procurar as setas, não demorou muito para que as encontrássemos, curioso foi ver que elas eram tão claras, que parecia absurdo alguém não vê-las.

Que bom, o novo Caminho, era muito mais bonito, logo estaríamos subindo uma grande colina e chegando a um mirante. E, olhando do outro lado, uma planície que parecia não ter fim.

Fazia frio e o céu, ao longe, estava negro, prometendo chuva, só não sabíamos quanto tempo isto demoraria a acontecer.

Descemos e seguimos pela planície, logo fomos alcançadas por um rapaz muito bonito, um espanhol, que vivia nos EUA, e aí foi divertidíssimo, ele falava comigo em espanhol e com Leslie em inglês, pobre coitado, Gabriel estava atordoado.

De repente eu disse para que colocássemos as capas, pois a chuva não demoraria a desabar, e Gabriel percebendo minha preocupação disse: “Para ser um autêntico peregrino tem que pegar chuva”, pois então, em menos de 3 minutos já éramos autênticos peregrinos.

Uma tempestade assustadora, com raios e trovões, muita água, nossos passos aceleraram-se automaticamente, em pouco tempo já havia muita água dentro das botas e eu começava a me preocupar com bolhas. Aliás, com os raios também, afinal eu era o ponto mais alto daquele lugar.

Gabriel e outro rapaz que nos alcançou, adiantaram-se muito, logo não os vimos mais. Encontramos uma espanhola que parecia não estar passando nada bem, e ficamos próximas a ela, caso ela precisasse de ajuda. Depois de uma hora paramos na porta de uma igreja, que infelizmente estava fechada. Comemos um pedaço de chocolate que renovou nossas energias e seguimos.

Logo encontramos um povoado e um bar, entramos e vimos muito das pessoas nos olhando, devíamos estar horríveis mesmo. Depois de um café com leite bem quente e duas madalenas já nos sentíamos bem melhor.

Começamos nossa inspeção nos pés, para saber o saldo de tanta água. Tirei as botas e descobri mais duas bolhas, uma, a maior, já estava aberta, cuidei delas e troquei as meias, por outras secas.

As botas estavam encharcadas por dentro, decidi colocar sacos plásticos por cima das meias e somente depois calçar as botas. Ficou muito melhor, pelo menos não sentia tanto frio nos pés, o problema foi que eles suaram mais, mas não surgiram mais bolhas.

Em pouco mais de uma hora a chuva já dava sinais de trégua e nós já nos sentíamos melhores. Despedimo-nos de nossa amiga espanhola, que, realmente precisava de descanso e resolveu ficar naquele povoado por mais um dia.

Partimos com uma chuva mais amena, e minha capa me protegia bem, Leslie caminhava com um guarda chuva, e sem mais problemas voltamos a caminhar. Ao deixar aquele povoado ainda dançamos na chuva, como no filme do Gene Kelly. Eu, com o guarda chuva de Leslie, dançando na chuva! Foi uma cena hilária, que mostrava bem nossos ânimos, apesar do mau tempo, estávamos muito felizes.

Uma senhora que caminhava, rapidamente, para a missa de domingo, nos indagou sobre os motivos de nós estarmos caminhando debaixo de chuva, e lhe dissemos que queríamos abraçar Santiago e não podíamos esperar que a chuva passasse. Fizemos um trato e pedimos para que ela rezasse por nós naquela missa e nós oraríamos por ela quando chegássemos ao nosso destino. Ela concordou satisfeita e disse que sempre estava em oração pelos peregrinos. Despedimo-nos carinhosamente.

Caminhamos por muito tempo ainda, estávamos tranquilas com relação à Patrícia, pois sabíamos que ela iria nos esperar no refúgio, descansando bem o seu pé.

Chegamos a Boadilha Del Camino e encontramos além de nossos amigos, uma lareira maravilhosa para secar nossas botas e roupas.

Patrícia estava muito bem e nos ofereceu uma massagem. Eu não sabia que ela era uma massagista, adorei a idéia e aguardei a minha vez na fila de mais três pessoas.

Em uma hora o refúgio estava lotado, e conheci alguns brasileiros novos. Entre eles vi chegar uma peregrina que me pareceu não estar muito bem, era uma moça de Brasília, ela tinha muitas bolhas e estava com dores fortes. Tânia era seu nome e parecia estar meio atordoada, como que perdida no meio das outras pessoas. Nós tentamos ajudar, mas ela nos deu a impressão de não querer ajuda. À noite jantamos no próprio refúgio, e ela já estava melhor.

Como era domingo telefonei para casa e pela primeira vez consegui falar com meu pai. Fiquei muito emocionada e quis logo contar a aventura da tempestade. Ele também parecia emocionado por falar comigo. Eu já estava viajando há 19 dias e a saudade apertava.

Dia 05/06 - Boadilla Del Camino a Carrion de Los Condes

Comecei a caminhar depois do café da manhã. Saí sozinha, mas logo estava na companhia de Tânia, e mantivemos uma boa conversa enquanto caminhávamos.

Uma boa parte desta etapa era feita pela estrada de asfalto, mas um trecho bem fácil. Passamos por cidades pequenas e simpáticas, e havia muitas flores também.

Foi um dia ótimo, mas no meio do caminho vimos uma nova tempestade se formando. Decidimos manter o passo, e contar com o que o Caminho nos reservasse.

Quando chegávamos a uma cidadezinha chamada Vilacalzár de Sirga, resolvemos parar para comer algo, encontramos mais dois brasileiros que conhecemos no refúgio de Boadilha Del Camino. Um deles recomendou nos apressarmos se quiséssemos conhecer uma belíssima igreja em estilo gótico, pois os responsáveis iriam fechá-la para o horário do almoço. Foi o que fizemos e depois nos encontramos com os brasileiros para provar a famosa *sopa castellana*, uma sopa típica daquele lugar.

Enquanto isso, o temporal caía, impiedoso, lá fora. Mas durou pouco e em menos de uma hora estávamos caminhando outra vez.

Em Carrión de Los Condes havia dois refúgios e nós escolhemos ficar no Monastério de Santa Clara. Como era um refúgio privado, contava com algumas regalias. Quartos pequenos, para poucas pessoas, lençóis e toalhas de banho. Antes, este tipo de conforto não me chamava a atenção, não imaginava o quanto era bom usar uma toalha de banho ou um lençol. Esta foi uma noite cinco estrelas.

Fui caminhar pela cidade, e comprar um par de meias, pois tinha deixado queimar as minhas na lareira de Boadilha. Encontrei alguns peregrinos num bar e entre eles Andrés e Silvana, o casal que tinha conhecido nos Pirineus.

Pelo caminho, as pessoas que passavam diziam que Silvana estava com muitos problemas nos pés, não pensei que ainda os encontraria. Ela, realmente estava mal, mas caminhava bravamente, seu problema era o mesmo que o meu, o dedinho do pé bastante machucado, mas o estado dela era pior. Trocamos algumas receitas de remédios e procedimentos, pois o meu dedo estava em melhores condições.

Voltei ao refúgio aonde MarJo, Iam, Patrícia e Leslie me esperavam para o jantar, eu era encarregada de levar o pão. Jantamos numa cozinha bem apertada, juntamente com muitos franceses.

A fama dos franceses pelo Caminho não é das melhores, eles são conhecidos por andarem sempre em grandes grupos, por fazerem muita sujeira e por tomarem conta da cozinha, não deixando espaço para os demais, e também por acordar muito cedo perturbando os que dormem.

Eles são bastante numerosos no caminho, e não são muito amistosos, geralmente, não falam outra língua que não o francês, o que dificulta bastante o relacionamento com peregrinos de outros países.

Eu conheci alguns franceses bem interessantes e agradáveis, mas, no geral, a fama não é de todo injusta.

Dormi preocupada, pois a manhã seguinte nos faria enfrentar a nossa primeira *meseta* que são regiões de trigais, longas retas, sem árvores. Uma caminhada monótona que parece não ter fim. As indicações que tive falavam de uma região bastante difícil de se cruzar.

Dia 06/06 - Carrion de Los Condes a Terradillos de Los Templários

Certa vez uma amiga me definiu o caminho em três fases: a primeira é a fase corporal, é quando você conhece os limites do seu corpo, as exigências físicas são mais dolorosas, são regiões mais montanhosas; a segunda fase é a espiritual, onde sua força espiritual é muito solicitada, sua paciência, sua persistência, sua confiança, estas são regiões mais planas, longas e monótonas; a terceira fase é a da celebração, onde você colhe os frutos da sua força corporal e espiritual, na verdade nesta fase você se sente muito forte, celebra numa região muito bonita que volta a ser montanhosa e

onde você está mais perto de Deus. Constatei que minha amiga tinha razão, foi exatamente assim que me senti.

Na saída de Carrión encontrei novamente Andrés e Silvana, e seguimos, sem a pretensão de caminharmos juntos. Passamos por Leslie e Patrícia e seguimos.

Foram 17.2 km de uma reta que parecia infinita. Silvana estava com muitas dores e meu dedinho voltou a doer também. Andrés caminhava com facilidade e numa de nossas paradas ele decidiu ficar mais tempo para depois nos alcançar.

Silvana estava se queixando o tempo todo e dizia que ainda faltava muito, eu estava me chateando com tantas queixas quando Andrés apareceu atrás da gente. Eu e ele éramos bem mais positivos e bem humorados.

Esta *meseta* termina numa cidadezinha pequena onde almoçamos e descansamos um pouco. Tínhamos mais 9 km pela frente.

Em Lédigos decidimos parar para descansar no refúgio, o sol nos castigava. Ali havia um grande gramado e alguns peregrinos tomando sol ou almoçando. Vi as quatro francesinhas simpáticas, que fizeram muita festa quando me encontraram e também três senhores espanhóis, muito divertidos, que nos ofereceram refrigerantes.

Andrés e Silvana decidiram partir e eu decidi ficar mais um pouco. Deitei na grama e fiquei conversando com os três espanhóis, que apelidei de "os três mosqueteiros". Depois de meia hora parti para Terradillos, fazia muito calor e eu estava cansada, caminhei com muita dificuldade.

Cheguei ao refúgio com dores fortes nas pernas, e com febre. Nem tomei banho e me deitei sob dois cobertores, adormeci. Depois de algum tempo percebi que MarJo e Iam entraram no quarto, ficaram preocupados, mas eu disse que só precisava descansar mais um pouco.

Dormi até chegarem Patrícia e Leslie, tomei um bom banho, lavei minhas roupas e fui jantar com os outros. Tânia, também estava lá, além de Andrés, Silvana, MarJo, Iam, Patrícia e Leslie. Foi um jantar especial, fizemos brindes e nos divertimos bastante.

Dia 07/06 - Terradillos de Los Templarios a El Burgo Ranero

Acordei decidida a caminhar sozinha. Tomei meu café da manhã e saí na frente dos outros.

Sentia-me plena, e eu já conhecia esta sensação que se traduzia em manhãs fantásticas, meu pensamento voava e eu era invadida por uma vontade grande de cantar e falar sozinha. Era uma catarse realmente saborosa.

Eu falava com os pássaros, que dão um show à parte no caminho. Falava com as plantas e as borboletas. Eu parecia uma criança. Eu era uma criança. Ficava mais feliz quando estava sozinha, e isto me intrigava. Será que estava virando um "bicho do mato?" Esta necessidade de estar sozinha era boa ou ruim?

Não sabia definir bem, mas quanto mais andava menos estas inquietações me incomodavam. Era só cansar o corpo e começar a liberar o espírito. Não tinha dores, e parecia um milagre eu não ter dores depois do dia anterior.

Comecei a orar o Pai Nosso em voz alta, e orei várias vezes, como um mantra, repetia e repetia sem parar. Sentia-me mais e mais forte e feliz. Aquele êxtase voltava e me deixava leve e confiante. Nada mais tinha importância e eu podia sentir a mão de Deus em meus ombros, como um amigo muito querido.

Cheguei a Sahagun e fui visitar o refúgio, que chama a atenção pela beleza. Lá encontrei as francesas, que fizeram a habitual festa para mim. Tiramos fotos juntas, e consegui entender o que uma delas dizia: que adorava ver meu sorriso, que eu estava sempre sorrindo, que era lindo.

Fiquei comovida com o carinho delas, as meninas francesas, como nós as chamávamos pelo Caminho. Elas eram um exemplo de alegria e determinação.

Sentei em um banco para trocar meus curativos, Andrés e Silvana chegaram, me convidaram para caminhar com eles, mas eu disse que queria andar sozinha. Fui embora e eles ficaram para fazer um lanche.

Esta etapa foi a mais longa do meu caminho, foram 32 km, mas eu caminhei tão bem que pareceram bem menos.

Dez km depois de Sahagun eu vi, no meio da estrada de terra, um banco de praça debaixo de umas árvores. Não pensei duas vezes, fui até lá, tirei a mochila e dormi por quase uma hora, ouvindo os sons da mata e nada mais.

Fui acordada por Andréas e Silvana que passavam invejosos de minha sorte em achar um canto tão bom para o descanso. Eles passaram, e eu decidi partir logo depois, ainda teria mais 8 km pela frente.

A chegada em El Burgo Ranero foi horrível, pois um cachorro que cuidava de um rebanho de ovelhas, investiu para cima de mim com latidos que me fizeram tremer por um bom tempo. Ele não chegou perto, mas correu em minha direção e me assustou bastante.

Tanto o refúgio quanto aquela parte da cidade eram muito ruins, não havia mais camas, mas Patrícia e Leslie haviam guardado uma cama para mim e para Tânia, elas dormiriam num *hostal*. Eu não sabia que elas tinham ido de carro até El Burgo Ranero, por sorte chegaram antes e reservaram uma cama, o que não é permitido, mas elas guardaram como se fosse para elas e só depois de minha chegada foram para o *hostal*.

Foi o primeiro refúgio onde não havia um *hospitaleiro*, não havia água quente, nem papel higiênico e os banheiros estavam sujos. Mas um ótimo dia de caminhada compensou tudo isto.

Comprei queijo, pão, suco e iogurte, e fiz meu lanche da noite, assim como o café da manhã.

Dormi num quarto com alguns italianos, nunca os tinha visto antes pelo caminho. Algumas pessoas começam o caminho por pontos diferentes ou vêm num ritmo tão forte que passam os outros, e nós só os vemos de passagem.

Dia 08/06 - El Burgo Ranero a Mansilla de Las Mulas

Decidi fazer uma etapa mais curta, e seguir para Mansilla de Las Mulas, porque tinha a indicação de ser uma cidade muito agradável.

Era mais um dia sozinha, mais um dia de catarses. Esta é uma sensação que não vou esquecer, plenitude, era o que eu sentia. Era como se aquele dia fosse único e bastasse para a eternidade. Um dia completo, total, que nasceu e cumpriu sua missão.

Acredito que estas sensações do Caminho sejam a real motivação para ele. Não creio que mesmo os mais céticos passem impunes por estas sensações. Mesmo que alguns não a compreendam, elas devam acontecer a todos.

Decidi parar num bar para tomar um café com leite e encontrei um suíço que caminhava com seu filho de aproximadamente 12 anos. Ele estava com dores por causa de uma provável tendinite, eu lhe dei um comprimido e passei uma pomada para ele conseguir chegar a Mansilla de Las Mulas, ele me agradeceu e seguiu.

Quando eu estava saindo do bar ouvi tocar no rádio uma música espanhola que eu sempre ouvia com a Fernanda, no carro, quando a levava para a escola.

Eu ganhei uma fita de músicas espanholas de um amigo para treinar o idioma. Voltei à mesa em que eu estava sentada e fiquei mais um tempo escutando a música.

Voltei a caminhar muito bem e cheguei a Mansilla cantando, em alto e bom som, Gracias a la vida, por sorte não havia ninguém pelas ruas, eu não podia parar de cantar, sentia uma felicidade imensa e queria gritar o quanto estava grata à vida.

No albergue fui recebida por Wolf, um alemão muito simpático que carregou minha mochila para o quarto e depois me ajudou a levar esta mesma mochila para ser costurada, pois estava rasgada.

Quando cheguei ao refúgio estava tomando um suco destes de caixinha, e quando desci do quarto para levar a mochila estava comendo meu lanche, e Laura, a hospitaleira, gritou: Holla Magali, que tal?

Não entendia o que ela estava querendo dizer, e ela explicou, não é Magali o nome daquela que vive comendo melancia? Aí entendi que ela falava da turma da Mônica de Maurício de Souza. Ri a valer com esta mulher que tinha um humor invejável.

Ela me ajudou a trocar meu dinheiro, pois eu já havia tentado em três bancos e não havia conseguido trocar. De volta ao refúgio lavei todas as minhas roupas e vesti

a canga. Havia muitos peregrinos neste lugar, e nós passamos a tarde toda cuidando dos pés e das roupas.

Laura, a hospitaleira, era uma festa, desbocada, debochada, maluca, falava e fazia piada com todos. Ela nasceu ali naquela cidade e há muito tempo cuida do refúgio, deve estar por volta dos trinta anos e é veterinária. Cuida dos pés de todos os peregrinos que precisarem. E diz que faz isto muito bem porque é veterinária.



Eu e Wolf, no refúgio de Mansilla

Nós combinamos de fazer o jantar, eu era a encarregada do macarrão e ela dos pães e do patê, Wolf trouxe o vinho. Fizemos um banqueto e tanto, e ainda convidamos a quem quisesse compartilhar da nossa festa.

Esta noite tinha um sabor de despedida para mim e para meus amigos australianos. A próxima cidade era Leon, onde eles ficariam por mais um dia e, portanto, nos separaríamos.

Eu comprei quatro cartões postais e deixei uma mensagem para cada um em suas camas, para que as encontrassem somente na hora de dormir. Eu pretendia sair cedo e não me despedir, pois eu sabia que seria triste para todos nós.

Dia 09/06 - Mansilla de Las Mulas a León

Fui bastante ingênua em achar que seria a primeira sair, logo que entrei na cozinha encontrei MarJo e Iam, nos abraçamos longamente e eles me convidaram para um almoço em Leon. Marcamos de nos encontrar na praça da catedral, por volta de 13:30.

A saída de Mansilla é bonita e eu andava devagar para desfrutar um pouco mais daquela cidadezinha tão simpática.

Pela primeira vez em minha caminhada, eu sentia um grande desconforto com relação à mochila. Ela parecia torta, fora de lugar, eu tive de parar muitas vezes a fim de modificar os ajustes.

Quando o sapateiro a consertou, deve ter mexido em algum ajuste e eu não conseguia mais fazê-la encaixar perfeitamente em minhas costas como antes. Mesmo incomodada pela mochila, eu caminhei bem, foram 20 km, sem paradas para descanso.

Leon é uma cidade muito grande e bonita, e caminhar numa cidade é sempre muito confuso, por causa do trânsito, das ruas, que às vezes escondem as setas devido ao grande movimento.

Encontrei um quiosque da *oficina de turismo*, escritório de turismo, e logo parei para pedir informações. Segui o mapa que me foi dado e logo chegava ao Monastério Beneditino de las Hermanas Carbajalas, um lindo prédio. O refúgio estaria aberto por mais meia hora e depois fecharia, para reabrir às 16:00. Rapidamente deixei minha mochila fui para a catedral encontrar meus amigos peregrinos para o almoço.

Eles estavam hospedados em um *hostal* próximo à catedral, foi muito fácil encontrá-los. Almoçamos e saímos para caminhar pela cidade que estava infestada de peregrinos.

Encontramos um *cibercafé* e ficamos por lá algumas horas, vi algumas mensagens na *internet* e escrevi outras tantas. Visitei a famosa Catedral, que tem os mais lindos vitrais que já vi. Conheci Dominique e Henrique, ela carioca e ele

brasiliense, os dois me deram notícias do Guto, um amigo carioca que deveria ter ido comigo, mas eu, no último mês tive problemas de trabalho e adiou a viagem por dez dias.

Fiquei surpresa ao saber que ele já havia passado na minha frente pelo menos dois dias.

De volta ao refúgio encontrei Patrícia e Leslie que me trouxeram um presente. Despedimo-nos sabendo que nos encontraríamos em breve.

No refúgio, fomos convidados a assistir a uma celebração cantada pelas irmãs do convento. Foi uma experiência magnífica. A pureza daquela cerimônia me tocou bastante.

Dormi ao lado de quatro espanhóis que falavam muito, e quando descobriram que eu era brasileira, se puseram ao lado de minha cama para fazer perguntas, sobre o Brasil e as mulheres brasileiras.

As luzes foram logo apagadas, e com meus protetores auriculares, dormi como um anjo.

Dia 10/06 - León a Villar de Mazarife

Acordamos e fomos brindados com um café da manhã delicioso, com geléias e pães feitos pelas irmãs do convento. Pedro, um dos *hospitaleiros* mais gentis que conheci, nos preparou tudo com carinho. Eu o chamava de São Pedro e ele ria com minha irreverência. Nós nos encantamos um com o outro e foi difícil deixar este refúgio também.

Caminhei confusa com as indicações dos mapas, havia dois franceses na minha frente e eu os segui. De repente eles pararam e eu passei na frente, mas percebi que eles estavam atrás de mim. Depois de caminhar por quase 40 minutos, encontrei um homem varrendo a rua e pedi informações. Foram mais ou menos, três km caminhando para o lado errado. Os franceses ficaram muito bravos, e eu me diverti com aquela situação. Três perdidos, um seguindo o outro.

Deixei que eles passassem à frente e fui caminhar pela margem de um grande e lindo. Os rios, nas grandes cidades pelas quais passei, são muito bem cuidados, com jardins belíssimos em toda sua extensão.

Podia-se ver os peixes e aves vivendo lá. Foi uma caminhada prazerosa até chegar num lindo hotel que havia sido um hospital de peregrinos na Plaza São Marcos.

Perguntei a um senhor que estava sentado num banco da praça se poderia visitar aquele hotel e ele me deu uma aula de história sobre monumentos espanhóis. Os espanhóis se orgulham do cuidado com sua história e seus monumentos. Visitei uma pequena parte deste hotel, e fui embora satisfeita.

Agora o caminho seguia por uma parte nada bonita, vi Tânia à minha frente, ela caminhava com dificuldades, convidei-a para tomar um café e ela aceitou. Perguntei se ela precisava de algo e ela disse que não. Segui meu caminho, sabendo que ela chegaria lá, assim como eu.

Depois de caminhar por quase duas horas ouvi alguém gritar meu nome com sotaque inglês, era Wayne, meu amigo australiano, que eu não via desde Burgos.

Nos abraçamos, ele estava com uma aparência ótima, havia engordado um pouco. Conversamos muito, falamos dos nossos caminhos e ele me contou sobre seu problema. Ele era portador de um câncer de fígado, por isso ele estava tão debilitado naqueles dias.

Seu médico o queria internar para uma sessão de quimioterapia e ele escolheu vir fazer o caminho de Santiago. Penso que ele fez a melhor escolha, ele me contou sobre os amigos que morreram em hospitais e disse que não queria aquilo para ele.

Fiquei muito emocionada com toda aquela história e me lembrei do dia em que ele cuidou de mim naquela praça em Burgos. Ele era uma pessoa muito especial .

Caminhamos juntos até Villar de Mazzarife, e nos divertimos a valer com muitas histórias, tanto minhas quanto dele. Falamos de Patrícia e Leslie e das saudades que sentiríamos uns dos outros.

O refúgio e a cidade não eram nada agradáveis, havia um só banheiro para todos, mas um peregrino tem de passar mesmo por estas coisas.

Escolhemos um quarto e fomos cuidar dos afazeres diários de um peregrino, tomar banho, lavar roupas, comprar comida e cuidar dos pés.

Depois disto fomos fazer a siesta. Em pouco tempo estavam chegando Tânia e uma outra brasileira, a Vera. No quarto ao lado estavam Dominique e Henrique. E no quarto de baixo, vi mais três brasileiros, e um deles me deixou muito brava quando acendeu um cigarro em pleno refúgio, não se importando com os demais peregrinos.

Todos foram jantar, mas eu fiquei porque queria dormir cedo, Vera também chegou logo e ficamos de conversa fiada até que os outros voltassem.

Com a chegada do pessoal o papo ficou mais intenso e no meio de uma piadinha qualquer, sobre um pobre australiano num quarto com três brasileiras, eu, que estava bebendo água, engasguei seriamente. Foi tão sério que eu, realmente pensei que iria morrer.

Os outros não percebiam, pensavam que eu estava brincando. Eu estava aterrorizada, sabia que ninguém viria me socorrer e pensava que se eu não fizesse algo, dentro de poucos segundos iria desmaiar e eles não saberiam o que fazer. Naquele fim de mundo não havia nada por perto, e não havia sequer um hospitaleiro lá no momento.

Em pouquíssimo tempo muitas coisas passavam pela minha cabeça. Eu não passei por tudo isto, até agora, para morrer engasgada, eu pensava. Pensava, também, em minha mãe que tinha tanto medo de que algo me acontecesse. Não, eu não tinha vindo até Santiago para isto!

Estas coisas absurdas passavam pela minha cabeça como um *flash*. Tentava respirar, mas o ar simplesmente não entrava. Decidi que não queria morrer naquela hora, senti que ia desmaiar quando enfiei os dedos na garganta, e com este gesto percebi que obtive alguma melhora, um pouco de ar chegou aos meus pulmões. Repeti com mais força.

Deus! O ar começou a entrar e eu caí no colchão, sentindo o lado esquerdo do meu corpo todo adormecido. Só então, meus amigos perceberam que eu estava, realmente, passando mal.

Depois de alguns minutos, eu ainda estava assustada, e perguntei a eles porque não me socorreram e eles responderam que achavam que eu estava brincando.

Não sabiam o que fazer, e nem sabiam dizer quanto tempo havia passado. Eu também não tinha esta percepção. Só pensava que queria ir embora daquele lugar.

Dormi logo, com medo, assustada.

Dia 11/06 - Villar de Mazarife a Astorga

Acordei antes das cinco horas e pude ver, pela primeira vez, porque o Caminho era chamado de O Caminho das Estrelas. O céu cheio era maravilhosamente repleto de estrelas, arrumei minhas coisas, tomei um café solúvel com uma madalena, e saí antes das seis. Ainda estava escuro, mas, por sorte, o Caminho não era difícil. Uma estrada reta, não havia como me perder.

Pensava no que havia acontecido na noite anterior e em como as coisas podiam acontecer rapidamente mudando os rumos da nossa história.

Ainda estava assustada e comecei a orar, enquanto caminhava. Meu coração foi se aquietando, e eu fui ficando mais leve. Caminhei rápido e cheguei a um povoado. Sentei-me numa calçada para comer meu lanche. Eu adorava de comer assim, sentada no chão, no meio do nada, livre.

De repente comecei a cantarolar uma música que tinha ouvido quando criança. Uma forte emoção tomou conta de mim, pois eu me lembrava de ter visto minha mãe chorar sempre que a ouvia, pois se lembrava de meu avô. Não sei de onde veio esta lembrança, nem porque veio naquele instante, só sei que meu choro era copioso, como se eu chorasse por minha mãe. Como podem lembranças de uma criança voltar assim tão de repente e tão fortemente?

A sensação que tive foi de que depois deste Caminho, caminhar e orar teria um novo significado em minha vida. Seriam formas saudáveis de tomar contato com meus problemas, minhas dores, meus *insights*, mas também com minhas alegrias e prazeres.

Sou do tipo de pessoa que tenta entender o porquê das coisas, que procura sempre uma resposta, mas agora sei que não há respostas para tudo e que simplesmente sentir já é uma benção em nossa vida. Sentir e entregar-se sem querer controlar o caminho dos ventos.

Depois de um breve descanso, eu continuei meu Caminho e novamente encontrei Tânia, que estava muito preocupada comigo, afinal eu saía sem me despedir de ninguém. Eu a tranquilizei dizendo que estava muito bem e que nos veríamos em Astorga.

Fui em direção a Hospital de Órbigo, era muito cedo ainda, ouvi os sinos da igreja. Era domingo e eu queria ir à missa. Apertei os passos e cheguei à igreja uns vinte minutos antes da missa começar.

Sentei-me na praça e comecei a escrever, com o canivete, o nome da Fernanda no meu cajado. Queria que este fosse meu presente para ela quando voltasse para casa. Só deu tempo de escrever três letras até a missa começar.



Ponte românica de Hospital de Órbigo

As missas em espanhol são muito bonitas. Assim que a missa acabou, eu passei no refúgio para carimbar minha credencial e peguei um pequeno livro de poemas sobre o caminho.

Havia duas possibilidades de caminho e eu perguntei para um senhor qual era o melhor, ele rapidamente me respondeu que o da esquerda era o melhor, com o que concordaram duas senhoras que passavam por ali. Eu decidi seguir seu conselho.

Bem, quando fazemos este tipo de pergunta, devemos perguntar o que eles entendem por melhor. Não tenho dúvidas de que peguei o pior caminho, havia seguido pela estrada de asfalto, mas não pensava que fosse seguir todo o caminho por ela. Pensei que seria somente um pequeno trecho e que depois seguiria pela trilha.

Isto me custou muito. Foram mais de 16 km por uma estrada, debaixo de sol forte. Depois de algum tempo eu já estava conformada com o erro e me entreguei de corpo e alma para curtir aquele dia.

Não foi tão ruim assim, a não ser pelas dores nas pernas, pois caminhar no asfalto é muito doloroso pela dureza e pelo calor também.

Já bem próxima de Astorga, peguei um caminho de terra que subia para um cruzeiro, e neste lugar tive uma crise de choro intensa e emocionada.

Lá de cima eu podia ver a agulhas da Catedral de Astorga. Era uma cena que eu já tinha visto muitas vezes numa fita de vídeo sobre o caminho.

Lembrei de minha mãe e de meu pai, queria dedicar isto a eles de alguma forma, então deixei, naquele cruzeiro, uma pedra por cada um, juntamente com uma oração.

Desci aquela colina em direção à catedral, faltavam ainda 4 km, mas segui feliz e refeita.

Chegar a Astorga foi difícil, as dores ficavam mais intensas devido à longa jornada do dia, mas o pior foi encontrar o refúgio lotado. Tive de sair para procurar um hostel, e, como era domingo a cidade estava cheia de turistas. Procurei por toda a cidade e não encontrava nada que fosse acessível ao dinheiro que eu possuía. Voltei ao refúgio para pedir ajuda e tive uma surpresa quando uma nova hospiteira disse que havia uma cama, a última em um triliche. Agradei e fui me instalando. Logo de cara, vi os três mosqueteiros e as quatro meninas francesas. Eu estava dormindo quando ouvi a voz de Tânia chegando, e para sua sorte, um casal havia desistido de ficar ali deixando duas camas de sobra.

Logo que ela tomou seu banho decidimos sair para conhecer a catedral e outros pontos turísticos. Depois da visita fomos jantar, mas antes telefonei para casa. Eu sentia saudade, queria falar com minhas irmãs, com a Fernanda.

Quando ligação se completou, a Chudia atendeu e falei um pouco com ela, mas ela logo chamou a minha mãe e eu perguntei sobre as minhas outras irmãs, eu disse que queria falar com elas, minha mãe respondeu que elas estavam no quintal tomando banho de sol e não as chamou, disse também que a Fernanda estava na casa do pai dela.

Eu estava chocada, pois eu estava há 25 dias fora de casa, precisando do carinho deles e o que recebia era isto, ninguém para falar comigo ao telefone?

Resolvi, então, telefonar para minha filha e quando ela atendeu também foi muito fria dizendo que não queria falar porque estava assistindo a um filme na tv. Fiquei tão magoada que mandei todos à merda, literalmente à merda.

Fui jantar com Tânia e depois fui dormir, no terceiro andar de meu triliche.



Meu triliche em Astorga

Dia 12/06 - Astorga a Rabanal del Camino

Foi uma manhã muito triste para mim. Não podia esquecer a falta de carinho de minha família para comigo. Chorei praticamente a manhã toda pensando neles.

A cada povoado que passava minha atenção se dispersava e eu ia melhorando e ficando mais forte outra vez. Passei por vários povoados muito bonitos que

pareciam estar livres da ação do tempo. Em alguns eu tinha a nítida impressão de que o tempo nem sequer havia passado. Povoados muito antigos e com pouquíssimos moradores.

Um grupo de ciclistas alemães passou por mim e um casal, que falava português, puxou uma conversa agradável. Meu humor começou a mudar.

Os pássaros e as flores, a natureza, enfim; me faziam sentir plena novamente. Eu estava muito cansada, meu corpo pedia mais descanso, então parei várias vezes para descansar.

Em um bar, que depois descobri, era famoso, e indicado pelo guia, parei para tomei um sorvete e vi chegar um rapaz muito bonito, um espanhol que mal falou bom dia, e logo em seguida chegou um brasileiro que ainda não tinha visto pelo Caminho, era Cláudio, um carioca. Conversamos um pouco e eu segui adiante.

O Caminho ficou muito duro, com subidas bem fortes, eu penei para chegar a Rabanal Del Camino. Eu decidi telefonar para casa e dizer tudo o que estava me incomodando. Dizer o quanto estava decepcionada com a atitude distante deles.

Fui direto ao refúgio que já estava lotado. O *hospitaleiro* me indicou outro bem próximo e eu fiquei muito grata, pois conheci um dos melhores refúgios de todo o caminho.

José e Julian foram *hospitaleiros* fantásticos, e me receberam com muito carinho. José apresentou sua mãe que é filha de brasileira e muito simpática.

Neste refúgio havia uma lanchonete e pude comer muito bem por lá mesmo. Encontrei de novo os três mosqueteiros, mas a grande maioria dos peregrinos que conhecíamos estava no outro refúgio, então fui até lá para saudá-los.

Foi com grande surpresa que vi Gabriel, aquele rapaz do dia do temporal. Depois de falar com um monte de gente fomos a uma missa rezada em canto gregoriano, numa igrejinha pequena e simples, que estava sendo restaurada.

De volta ao refúgio Julian veio me dar os parabéns, pois era 12 de junho, dia dos namorados no Brasil, eu lhe disse que não tinha namorado no Brasil, mas que poderia ter um na Espanha. Ele concordou na mesma hora, e rimos.

Antes de dormir telefonei para casa e falei com a Fernanda sobre o quanto eu estava triste com o que havia acontecido no dia anterior e ela pareceu entender que tinha sido pouco carinhosa comigo. Logo minha mãe veio falar comigo e antes mesmo que eu dissesse algo ela se explicou e pediu desculpas por ter desligado o telefone antes da hora. Não tinha visto que minhas irmãs estavam vindo para falar comigo. Eu falei que tinha ficado muito triste e brinquei dizendo que isto lhe custaria um ano de terapia com o melhor terapeuta da região.

Fui arrumar minha mochila e peguei um envelope muito especial, que tinha carregado desde a minha casa, para ser aberto na cruz de ferro. Eu chegaria à Cruz de Ferro no dia seguinte e estava ansiosa por ler o que meu amigo Paulo havia escrito para mim.

Dia 13/06 - Rabanal del Camino a Molinaseca

Acordei praticamente muda, não queria falar com ninguém, era como se eu estivesse num transe. Só queria mesmo era caminhar e ficar quieta.

Subi até Foncebadón, um povoado abandonado, famoso por causa do livro de Paulo Coelho, que num trecho conta como ele enfrentou seu demônio encarnado num cachorro.

Vi alguns peregrinos seguirem pela estrada, mas eu queria passar por dentro do povoado e seguir pela trilha. Caminhei, e vi, bem ao longe, um pastor guiando seu gado. Vi também um *hostal* que estava sendo construído, o que me levou a crer que este não era mais um povoado abandonado.

Um cachorro deitado no meio da rua de terra, não se importou com minha presença. Mais alguns passos e um outro cachorro, que estava pastorando o gado, veio furioso, em minha direção. O primeiro, que nem tinha ligado para mim, resolveu fazer companhia ao amigo. Rapidamente peguei meu cajado e levantei em direção a eles. Os dois latiam muito e acompanhavam cada passo meu.

Tive muito medo e continuei a caminhar bem devagar e praticamente de costas, passo a passo, sem tirar os olhos deles, cuidadosamente. Depois de uns cinco

minutos eles desistiram de me seguir e ficaram latindo de longe. E eu só fui parar de tremer depois alguns minutos de caminhada, quando os procurei e não os vi mais.

Segui pela colina e ao chegar no alto pude ver, de longe, a Cruz de Ferro. Senti uma forte emoção e pensava em tudo que já tinha enfrentado até ali, e no quanto tinha sonhado com aquele lugar. Lembrava-me dos meus amigos e familiares, das dores e incertezas, dos medos e das vitórias.

Em poucos minutos eu estava lá, aos pés da Cruz de Ferro, um dos mais antigos marcos do caminho, a 1504 m de altura, de onde se pode ver a belíssima e esperada região da Galícia.

Aquele lugar era fantástico, tinha o ar o mais puro que já respirei, o céu de um azul ímpar, e aquela montanha de pedras, ali jogadas pelos peregrinos, representando um pedido, uma história. Aos pés da Cruz de Ferro guarda o hábito de o peregrino deixar pedras como um símbolo do que se quer deixar de carregar.

Subi naquela montanha de pedras e deixei lá minha pedra, que havia carregado desde os Pirineus. Acomodei-me e li, pausadamente a carta de meu amigo Paulo, e, em meio às lágrimas, fiz uma oração por nós dois.



Eu na Cruz de Ferro

Desci, e lá em baixo, revivi algumas passagens importantes de minha vida, principalmente a do dia em que esta carta chegou em minha casa.

Foi no mesmo dia em que um médico me disse que eu não poderia fazer o Caminho, pois estava com um cisto no ovário, e que precisava ser operada com urgência. Discuti com o médico dizendo que ele não sabia o que estava dizendo, e ele me disse que sabia sim e que eu tinha que ser operada o quanto antes.

Eu estava confusa e muito brava, como poderia ter certeza? Meu coração estava inquieto e quando cheguei em casa, lá estava ele: o envelope com a carta.

Naquele minuto eu soube que faria o Caminho, sim. Depois disto este envelope ficou exposto em cima de um móvel até o dia do embarque, para que eu o visse todos os dias e não duvidasse mais do meu Caminho.

E ali estava eu, só podia agradecer a Deus e sentir muito orgulho de mim mesma.

Enquanto estava lá, vi alguns rituais de peregrinos aos pés da Cruz, alguns cantavam, outros rezavam em voz alta, vi alguns subindo com suas bicicletas, era muito lindo sentir toda aquela emoção. A mais bela cena foi a de duas irmãs alemãs que cantaram juntas o que parecia ser um hino religioso.

Depois de um bom tempo, coloquei minha mochila nas costas e segui com o coração pulsando mais forte.

Cheguei a Manjarim, um povoado abandonado, onde um homem chamado Tomás mantém um refúgio sem qualquer conforto, e com um ar bastante místico.

Parei para conhecer Tomás, que mais me pareceu um destes malucos que andam pela vida, mas ao mesmo tempo ele me transmitiu confiança. Contou-me a história de uma santa que apareceu por lá, impedindo-o de fechar este refúgio. Eu fiquei bastante impressionada com ele.

Enquanto estava com Tomás vi Tânia chegar, ela parecia não estar bem, mas também não queria muita conversa.

Quando saí, Tomás me sugeriu um caminho alternativo, pois estava muito calor e pelo caminho original não encontraria sombras, assim como pela estrada de asfalto.

Ele disse que aquele caminho não era sinalizado e era mais longo, mas que daria no mesmo lugar que os outros, e que a descida seria mais amena por lá.

Tânia me acompanhou por poucos minutos e depois seguiu pelo caminho original. Eu segui pelo caminho indicado por Tomás.

Aquele novo caminho não tinha qualquer sinalização, e ao invés de descer direto para El Acebo, ia contornando uma montanha, o que fazia com que ele fosse realmente mais ameno apesar de um pouco mais longo.

Foram pouco mais de sete km, mas só me dei conta da loucura que estava fazendo depois de caminhar uma hora e não ver nenhum sinal de vida. Não vi passar ninguém, e pensava na irresponsabilidade de ir por lá.

Se precisasse de ajuda, se me perdesse, o que faria? Não era um caminho de peregrinos, como sairia de lá?

Passei por momentos de desespero, rezava e pedia ajuda. Queria me manter calma e pensei em voltar, mas já havia caminhado muito. Respirei fundo e tentei ouvir o que havia de mais intuitivo em mim. Queria ouvir meu coração. E tudo que ouvia era: Confie, confie...

Sabia que era a minha resposta, mas mesmo assim, meu ruído interno era alto. Perguntava de novo e a resposta se repetia: Confie!

Pensei, então que seria melhor aproveitar este momento para aprender algo e fazer um paralelo com minha vida, comecei a fazer um exercício para descobrir quantas vezes eu havia deixado de me arriscar, por não confiar em mim. Foram tantas que o tempo foi passando e eu chegando a El Acebo.

O que me fazia sentir mais medo era quando eu caminhar e ficar de frente para uma encosta e ver, muito longe, o que parecia ser uma fábrica, mas a distância era tão grande que precisaria de uns dois dias para chegar até lá. Logo entrava pelos bosques e me acalmava um pouco.

Este era o dia do medo, primeiro os cães em Foncebadón e agora isto. Meu coração estava apertado de tanto susto.

Depois de quase duas horas pude avistar a estrada novamente, e foi um grande alívio, senti as pernas bambearem. Vi três brasileiros na estrada descansando, sentei-me com eles e logo vimos Tânia chegando. Foi quase uma festa.

Seguimos próximos um do outro, por uma descida bastante íngreme, até chegarmos a El Acebo.

Paramos para um almoço leve. No bar conhecemos dois alemães que faziam o caminho de bicicleta. Um deles se encantou comigo e me convidou para voar para a Alemanha com ele antes de voltar ao Brasil. Falávamos em inglês, é claro.

Segui até Molinaseca, os outros ficaram em Riego, exceto Tânia que seguiu bem depois de mim.

Eu não tinha idéia do quanto esta etapa seria dura, foram muitas montanhas, com vegetação escassa, lugares de difícil acesso, e o que me deixou mais preocupada foi um acampamento, que parecia de ciganos, num lugar muito deserto.

Continuei descendo e logo avistei os dois homens sentados à beira do caminho. Gelei ao ver aquela cena. Pensei em meu dinheiro, em minha integridade física, mas eu não tinha o que fazer precisava seguir. E foi o que fiz, passei por eles, disse bom dia, eles responderam: buenos dias.

Aquele dia parecia não ter fim, o que mais me faltava?

Segui rindo de minha própria dificuldade e me perguntando quantos monstros eu ainda iria criar.

Cheguei a Molinaseca sem forças para mais um passo, entrei naquela cidade tão linda e perguntei onde ficava o refúgio, e um senhor me respondeu que ficava a dois km. Quase chorei.

-Mais dois km? A cidade não tem dois km!

Ele respondeu: - Tem sim.

O refúgio ficava fora do centro da cidade. Reuni minhas últimas forças e continuei caminhando, até encontrar com meus amigos peregrinos, as meninas francesas entre outros.

Já no refúgio, pude tomar meu merecido banho e comer alguma coisa rápida. Logo que cheguei pude ver os Três Mosqueteiros e aquele espanhol bonito que mal me falou bom dia. Desta vez ele nem falou boa noite.

Duas austríacas, muito sorridentes, cumprimentaram-me e tentamos nos comunicar sem muitos progressos.

Tânia chegou muito mal e preferiu dormir numa das barracas armadas no lado de fora do refúgio, pois fazia muito calor e só havia uma cama ao lado do maior roncadador do refúgio.

Conversamos e ela se convenceu de que precisava parar um dia, pois suas bolhas estavam muito inflamadas. Ela se decidiu a caminhar somente 8 km no dia seguinte e descansar em Ponferrada.

Dia 14/06 - Molinaseca a Cacabelos

Acordei bem, deixei um bilhete para Tânia, e segui em frente. Estava ansiosa para conhecer o Castelo Templário de Ponferrada.

Depois de 8 km lá estava ele, o Castelo, mas as visitas só poderiam ser feitas depois das 10:00, fui até uma praça e encontrei os alemães ciclistas. Tomamos café juntos e papeamos por uma hora até o castelo abrir.



Eu nas ruínas da torre do Castelo de Ponferrada

Foi uma visita um tanto frustrada, eu esperava ver mais coisas e não somente ruínas. O castelo estava sendo restaurado. Mesmo assim adorei estar lá.

Segui meu caminho, com o sol prometendo esquentar muito. Vi pela primeira vez o casal Maribel e Santiago, e Enar, uma amiga deles, espanhóis maravilhosos.

Caminhava com dificuldade, lembrava-me que não se caminha tão tarde quando está calor, e aquele tempo em que esperei o castelo abrir, me faria muita diferença agora.

Parei no primeiro povoado que vi e comi uma salada. Mais à frente parei em outro povoado e descansei num jardim. E assim segui, parando em vários lugares.

Em um povoado mais à frente conheci Leandra e Jeron, um lindo casal de jovens holandeses. Ela caminhava com muitas bolhas, mas ele parecia muito bem.

Toda fonte ou sombra era parada obrigatória para mim. Colocar a cabeça dentro d'água era o único fresco. Vi outros peregrinos caminhando com dificuldade.

Cacabelos tinha um refúgio municipal muito ruim, tentei me adaptar e agradecer por aquele lugar. Fiquei num quarto com um casal de jovens espanhóis e um francês roncador.

Dormi durante o resto da tarde e depois descobri que tinha alguns amigos que também estavam no refúgio, mas outros resolveram ficar no *hostal*.

Leandra me pediu ajuda com as bolhas e eu costurei nove delas no pé direito e quatro no esquerdo. Perguntei a eles quanto peso carregavam, e quase caí da cadeira quando os ouvi responder: 16 kg cada um.

Perguntei o que carregavam, e sugeri que mandassem o excesso de peso para Santiago, como fizeram Leslie e Patrícia.

Puxa, sentia saudades delas. Como e onde estariam?

Eu, Jeron, Leandra e Oscar, um jovem espanhol muito simpático, terminamos a noite conversando sobre vários assuntos, entre eles o famoso livro de Paulo Coelho.

Dia 15/06 - Cacabelos a Vega de Valcarce

Às 5:45, eu já estava caminhando, pois não queria mais saber do sol torrando minha cabeça.

Algo estava errado comigo, não sabia dizer o que. Talvez fosse o cansaço. Tivera dois dias muito difíceis. O calor estava fazendo daquela parte do caminho um

verdadeiro inferno para mim. Era insuportável. Estava com medo do sol, a temperatura devia estar beirando os 40 graus.

É curioso como o Caminho vai se transformando e nós podemos sentir a nossa transformação junto com ele. Gostaria que fosse sempre para melhor, mas às vezes eu me sentia pior. Um dia estava cantando feliz e no outro chorando e amedrontada.

Caminhei um pouco com um alemão que, falando um inglês sofrível, me contou que veio fazer o caminho de bicicleta e em León lhe roubaram a bicicleta e todos os seus pertences com exceção da bolsa com a máquina fotográfica e o dinheiro.

Ele foi fantástico, pediu ajuda às freiras do convento onde ficava o refúgio, e elas lhe deram um saco de dormir. Ele não desistiu, comprou umas sandálias, mochila e voltou para o caminho, só que a pé.

Fiquei impressionada com seu esforço, ele havia começado sua peregrinação em Le Puy, na França, e já estava há muito tempo fora de casa.

Seu preparo físico fora todo feito para bicicleta e agora estava caminhando. Seus pés estavam se ressentindo de tudo isto, mas ele seguia. Era um homem notável.

Cheguei a Vila Franca Del Bierzo e eu fui conhecer os dois refúgios. Um deles, o Ave Fênix, de Jesus Jato, um personagem muito conhecido dos peregrinos.

Depois de tomar café com um brasileiro que conheci no refúgio, eu segui para o lado errado. Segui pela *carretera*. E isto não era nada recomendável.

A primeira parte, desta estrada passava por uma serra maravilhosa, mas a segunda era por uma estrada sinuosa, de mão dupla e com um tráfego intenso. Tudo que um peregrino não deseja.

Parei num refúgio indicado no meu guia e estava vazio. Fiquei descansando por aproximadamente meia hora acompanhada por um simpático cachorro que não saiu do meu lado até eu ir embora.

Aqueles trechos de estrada deixavam qualquer um enlouquecido, os caminhões passavam a toda velocidade e a poluição era insuportável. Em alguns trechos o caminho chegava a ser bastante perigoso.

Depois de 12 km encontrei seis espanhóis: os Três Mosqueteiros e os outros que havia conhecido no dia anterior, num restaurante de beira de estrada. Nós tomamos um rápido lanche e segui na frente.

Pela primeira vez eu chegaria antes dos três, brinquei, e disse que os esperaria para almoçarmos juntos e eles aceitaram o convite.

Ao chegar em Vega de Valcarce, encontrei Oscar e seguimos juntos até o refúgio. Já havia muita gente por lá, e mesmo assim, um dos quartos estava quase vazio.

O tal espanhol bonito estava lá e desta vez me cumprimentou, nos apresentamos, seu nome era Emílio. Ele sempre estava sozinho e falava muito pouco. Eu o convidei para almoçar conosco, mas ele não aceitou.

Fomos a um restaurante que nos foi indicado, e lá estava Emílio, sozinho, terminando seu almoço. Depois que nos viu rindo e conversando, pediu licença para se juntar a nós tendo sido muito bem recebido por todos. Foi uma longa conversa sobre política. Fiquei ouvindo atenta e quieta, pois no Brasil já me haviam avisado para nunca discutir política com os espanhóis.

Depois do almoço dormimos um pouco e em seguida, Oscar me convidou para dar uma volta pelo povoado, Vega de Valcarce é um lugar lindo, cercado por montanhas e um certo clima de magia. As pessoas me pareceram especialmente calorosas com os peregrinos.

Quando retornei ao refúgio, já o encontrei bem cheio, todas as camas estavam tomadas e percebi que eu era a única mulher naquele dormitório de 10 homens, inclusive alguns franceses que pareciam bem incomodados com nossa movimentação.

Estávamos todos ansiosos, alguns seguiriam até Sarria, inclusive Oscar, mas eu e meus outros amigos ficaríamos no Cebreiro.

O Cebreiro é um dos lugares mais esperados pelos peregrinos. Um povoado Celta, com mais de 2000 anos, místico e maravilhoso, num dos pontos mais altos do Caminho de Santiago e que fica na belíssima região da Galícia.

Dia 16/06 - Vega de Valcarce ao Cebreiro

Eu mal conseguia dormir e por volta de 5:30 já estava de pé. Pude ver Emilio dormindo do lado contrário da cama, na parte de cima do meu beliche. Achei curioso e percebi que ele estava acordado olhando o luar, magnífico. A Lua se debruçava atrás de um castelo no alto de uma colina. Ficamos ali, quietos, parados por mais de 15 minutos.

Eu estava receosa, pois minhas informações eram de que este era um dos piores trechos do Caminho, muito difícil devido ao grande aclave. Eu pensava que não poderia ser pior do que os Pirineus, afinal seriam somente 10 km de distância e subiríamos a 1300 m de altitude.

Arrumei minhas coisas e saí com Maribel, Enar e Santiago. Esta região da Galícia é exuberante e lembra muito o Brasil.

Fizemos uma parada em Herrerias, o último povoado antes da forte subida, pois minhas amigas tinham fome e eu tinha pão e queijo, que dividimos. De repente Emilio nos alcançou e nós dois seguimos juntos, na frente dos outros.

Chegamos ao bosque e a uma subida muito íngreme, que não se tornou tão difícil, afinal eu estava deslumbrada com a paisagem e com a companhia, mal sentia as dificuldades do Caminho.

Passamos por La Faba, um povoado muito pequeno, já no alto da montanha, onde tive a oportunidade de conversar com uma senhora que cuidava do gado. Eu lhe falei do paradoxo de se viver tão isolada do mundo, com o mundo todo passando à sua porta através dos peregrinos. Ela concordou dizendo que já conhecera pessoas de vários países, inclusive, muitos brasileiros. Tiramos fotos e seguimos.



Em La Faba, longe do mundo

Eu e Emílio nos demos conta de que tínhamos caminhado muito depressa, talvez pelo medo de ser aquele um trecho tão difícil. Decidimos, então, parar e desfrutar um pouco com aquela paisagem fantástica.

Sentamos já perto do ponto mais alto e ficamos lá, conversando e saboreando frutas. Nossos amigos foram passando por nós e seguindo para o final daquele trecho.

Era indescritível a sensação de unidade e plenitude. É como se nada pudesse me separar do universo. Lembrei-me de minha irmã Claudia, que sempre me falava sobre sermos parte do universo e de só nos sentirmos em paz quando estamos conectados com ele. Era isto que eu sentia. Uma conexão absoluta.

Olhávamos para os lados e víamos as cadeias de montanhas pelas quais havíamos passado. Emílio me mostrou a direção da Cruz de Ferro e o trajeto que havíamos percorrido. Eu não podia acreditar! Como havia conseguido fazer aquilo?

Emílio tinha uma grande noção de distância e direção, foi muito interessante ouvi-lo falar sobre o assunto. Porque eu não tinha a menor idéia das direções que havia seguido. Ainda tínhamos mais 3 km de subidas pela frente e decidimos seguir.

Em pouco menos de uma hora chegávamos ao Cebreiro. Sem dizer nada um ao outro, nos separamos. Aquela era hora de se ficar só.

Caminhava em direção à igreja e quando lá cheguei, ouvi aquele canto gregoriano, comecei a chorar copiosamente, ajoelhei-me e orei com todas as minhas forças. Senti como se tivesse chegado ao céu. Não sabia explicar, mas não conseguia sair de lá. Rezava e agradecia a Deus pelo sonho, pela força, pela Fé.

Era a igreja mais simples e a mais linda do Caminho. O Cebreiro é um povoado Celta, muito pequeno com aproximadamente 30 casas de pedra. Maravilhosamente simples. Este povoado existe desde os tempos remotos, e conta um dos mais belos milagres do caminho.

Conta-se que um homem simples e de muita fé, que mesmo sob uma forte tempestade, vai até o Cebreiro para assistir à missa, sozinho, e lá, o sacerdote pouco motivado em seu ofício, despreza o esforço deste homem, e neste momento, durante a celebração da missa, a hóstia se converte em carne e o vinho em sangue.

O cálice do milagre, uma bela obra do séc XII, ainda está na igreja exposta, com toda segurança.

Eu fui até o refúgio, deixei minha mochila na porta, pois este ainda não estava aberto aos peregrinos. Eram 10:30 e havia pessoas pelas ruas, turistas, peregrinos e uma excursão de estudantes.

Fui me aquietar num canto, escrever um pouco. Fiquei assim por mais de uma hora. Só voltei a me conectar com o mundo quando Emilio me chamou, e resolvemos dar uma volta. Falei para ele sobre minha vontade de dormir ao relento, ele disse que também gostaria, mas que ali fazia muito frio durante a noite.

Eu sabia que não era muito indicado, mas eu queria ficar acordada até tarde para ver as estrelas do caminho e o refúgio fechava às 23:00. Não sabia como iria proceder e deixei que as coisas se encaminhassem. De repente vi Patrícia, corremos uma em direção à outra, e como numa cena de filme, nos abraçamos.

Conversamos por muito tempo, tínhamos tanto a contar, tantas aventuras. Ela me contou que Tânia e Leslie viriam juntas e que ela tinha vindo de carro por não ter condições de fazer aquele trecho por causa de seu pé.

Patrícia foi dormir um pouco e eu aceitei o convite dos Três Mosqueteiros para o almoço, depois de me instalar no refúgio. Depois do almoço também tentei dormir um pouco, mas não conseguia, porque o refúgio estava muito cheio e o barulho era inevitável. Decidi sair e andar um pouco.

Às vezes, durante o Caminho, eu tinha comportamentos que me surpreendiam, desta vez, fui até a igreja para acender uma vela para minha avó, nunca havia feito

isto antes. Minha avó estava sempre comigo em meu Caminho, assim como minha mãe. Sei que esta ligação é muito forte e aqui ela se tornou ainda mais especial.

Saí da igreja, voltei à entrada do povoado, encontrei um lugar agradável e fiquei relendo meu diário e lembrando tudo por que havia passado nos últimos dias:

- Meu sonho... Podia tocá-lo agora.

- Tocar meu próprio sonho... Isto faz de mim uma pessoa privilegiada...

Era assim que eu me sentia: tocando meus sonhos aos pedaços...

O Cebreiro é mágico! Diziam meus amigos peregrinos ainda no Brasil.

A sensação de pureza e simplicidade estavam lá para me lembrar que mágicos somos nós: os que sonham.

Voltei ao refúgio na tentativa de encontrar alguém, mas estavam todos dormindo. Fui tomar um café e depois subi a uma pequena colina atrás do refúgio. Queria fazer um exercício de meditação.

Eram aproximadamente 18:30, e eu fiquei lá em cima até 20:30, o sol ainda estava alto quando desci. Segui direto para um restaurante próximo do refúgio para encontrar Patrícia e fiquei muito feliz ao encontrar também Leslie e Tânia. Fizemos a maior festa no melhor estilo brasileiro. Abraços, beijos e muita alegria.

Pedimos o jantar e ficamos papeando por muito tempo. O tão esperado por de sol veio e nos encantamos com ele.

Em torno de 23:00 eu e Tânia decidimos ficar num *hostal* para aproveitarmos melhor nossa noite. Fui ao refúgio e peguei minhas coisas e voltei ao restaurante.

Negociamos o quarto no *hostal* e saímos para nos deliciarmos com as estrelas do caminho das estrelas, *Campus Stellae*. Foi uma experiência maravilhosa.

Eu, Patrícia e Leslie caminhamos pelo povoado, iluminado somente pela luz da Lua e das estrelas. Uma imagem que nunca mais sairá de minha mente. A lua cheia e aquele céu indescritivelmente forrado de estrelas.

Conversamos sobre nossos dias e selamos ali uma amizade que transcende. Criamos nossa irmandade do Caminho de Santiago.

Voltei para o *hostal* por volta de 1:30 e encontrei Tânia acordada, papeamos por mais de uma hora. Não sei porque ela não nos acompanhou, mas no Caminho nós não perguntamos os porquês. Nós simplesmente entendemos que cada um tem um momento e um tempo para vivenciar suas histórias.

Dia 17/06 - Cebreiro a Triacastela

Depois do meu café da manhã e dos alongamentos, comecei a andar e logo no início da caminhada, encontrei Emílio e caminhamos juntos por um trecho muito gostoso. Mas logo veio uma grande subida e eu me cansei muito.

No alto do Poio, que está a 1400m de altitude, encontramos muito peregrinos tomando café. Nós nos juntamos a eles e paramos por uns minutos.



Tony, Emílio, Bienvenido e Gregório. Perto do Alto do Poio

Depois disto nós dois seguimos juntos comendo cerejas e nos divertindo muito com as histórias um do outro. Falamos de muitos assuntos, família, trabalho, amores. O Caminho pareceu muito curto para tanto assunto. Estávamos encantados.

Chegamos a Triacastella bem cedo, almoçamos junto com os outros espanhóis.

Eu, agora, tinha uma família de espanhóis. Bienvenido, Tony e Gregório eram os Três Mosqueteiros. Tinha também Enar, Maribel e Santiago e mais um casal que se juntara a nós, Manoel e Helena e, é claro, Emílio.

Estávamos sempre nos juntando para o almoço ou jantar. Eles me adoravam e não acreditavam como eu aprendera a falar espanhol em tão pouco tempo. Principalmente Helena e Manoel, que falavam disto o tempo todo.

Manoel se tornou muito especial para mim, pois ele havia sofrido um derrame há pouco tempo, ainda tinha uma pequena seqüela e sua força de vontade me comovia. Helena, sua esposa, era uma pessoa sempre muito gentil e carinhosa comigo.

No meio da tarde Bienve convidou-me para conhecer o Mosteiro de Samos. Aceitei rapidamente. Fomos de táxi, eu, Bienve, Helena, Manoel e Emilio. Samos ficava a 10 km de Triacastella e seu principal ponto turístico era um belíssimo mosteiro.

Nem todos os peregrinos passam por este povoado porque o Caminho de Santiago, neste trecho, oferece duas opções de trajeto, um por Samos outro por San Xil. Eu e meus amigos escolhemos San Xil por ser um trajeto mais rústico seguindo pelos bosques e não pela estrada.

Por este motivo queríamos visitar o mosteiro nesta tarde. Fomos convidados a assistir a uma Véspera, uma espécie de oração vespertina realizada em canto gregoriano pelos religiosos daquele mosteiro. Depois assistimos à missa. Foi uma tarde de visitas e orações.

Caminhamos um pouco pelo povoado e retornamos a Triacastella. No refúgio encontrei, sobre minha cama, um bilhete de Tânia me convidando para jantar com ela, Patrícia e Leslie. Procurei por elas até que as encontrei. Cheguei no final do jantar, mas ainda tive tempo para uma salada.

Foi um dia cheio, voltei ao refúgio com dores fortes nas pernas. Logo adormeci.

Dia 18/06 - Triacastela a Barbadelo

Pela manhã percebi que tinha feito uma bobagem. Simplesmente esqueci de comprar comidas para o café da manhã e eu teria 16 km de caminhada sem nenhum

lugar para paradas. Fazia meus alongamentos quando Emílio chegou e partimos juntos. Novamente nos encontrávamos na saída.



Seguindo por San Xil

Caminhamos juntos por 5 km e eu o deixei à vontade para se adiantar se quisesse, pois eu não queria caminhar forte. Ele se adiantou e eu segui no meu ritmo, muito embora gostasse muito de caminhar com ele.

Com a despedida de Emílio, naquele momento, comecei a sentir mais fortemente o final de minha jornada. Pensei muito sobre me despedir daqueles amigos e não voltar a vê-los. Vivenciar aquilo não era nada agradável para mim.

Passei por Sarria, uma cidade grande, mas não tive vontade alguma de ficar por lá. Parei para tomar o café da manhã. E depois segui adiante.

O caminho ficou muito bonito, passei por bosques e por lugares ermos. Em um trecho havia um riacho e eu resolvi tirar minhas botas e colocar os pés na água por alguns instantes. Era uma promessa que eu vinha fazendo há tempos, aos meus pés.

Descansei por alguns minutos quando vi chegar o senhor espanhol bem idoso, que falava de seu caminho anterior e disse que possuía uma foto dele, que fora tirada naquele mesmo lugar, por uma peregrina alemã. Eu, na hora, entendi o recado, peguei minha máquina fotográfica e a dele e bati duas fotos. Despedi-me e segui adiante.

Barbadelo parecia não chegar nunca. Subia, descia e nada de sinais de cidade ou povoado. Já estava ficando preocupada, pois as setas amarelas não eram muito frequentes naquele trecho do caminho.

Um peregrino se aproximou e passou por mim, fiquei mais tranquila e tratei de seguir o rapaz, mas o perdi em alguma curva, ainda bem que logo encontrei o refúgio, solitário no meio do nada. Uma rua seguia para cima do refúgio e aí sim, podia-se ver algumas casas.

Entrei e não havia *hospitaleiro*, subi umas escadas e encontrei alguns amigos de minha família espanhola. Tratei de me acomodar logo, pois o refúgio era pequeno e com certeza estaria lotado em pouco tempo.

Depois do banho fomos à procura de algum lugar para almoçar, era aniversário de Santiago, não do santo, mas do nosso amigo. Queríamos fazer uma comemoração.

Encontramos a casa de uma senhora que servia comida aos peregrinos. Carmem era o nome dela. Muito mais do que simpática, era maravilhosa.

Foi amor à primeira vista, entre mim e Carmem. Parecia alguém da minha família, aliás, aquele lugar era muito parecido com o sítio onde meus avós paternos moraram quando eu era criança.

Além disto, na Galícia se fala o galego, uma mistura de espanhol com português, eu entendia melhor que meus amigos espanhóis.

Saboreamos uma comida deliciosa e ela ainda nos serviu sorvetes e bolo pelo aniversário de Santiago. Passamos horas muito felizes todos juntos ali.



Emílio, Greg, eu, Bienve, Carmem, Enar, Santiago e Maribel

Eu acredito que algumas pessoas do Caminho refletem muito de nós mesmos. As pessoas mais marcantes do meu caminho foram exatamente, Carmem, Resti, Laura, Wolf, Maria Tobia, Pedro, pessoas que marcaram pela bondade, carinho, autenticidade e amor.

Foi exatamente isto o que eu senti lá, um grande amor brotando de meu coração, amor este que não tinha, propriamente, um motivo, apenas uma necessidade de sair e abraçar a todos.

No final da tarde o casal de holandeses me chamou e pediu uma sequência de alongamentos, pois estavam com dores nas pernas. Como havia um grande gramado na frente do refúgio, nós fomos para lá e começamos a fazer os alongamentos.

Isto virou um acontecimento no refúgio, logo estávamos na companhia de dez pessoas, e eu dava minha primeira aula internacional de alongamentos. Rimos muito e eu falava inglês, espanhol e português. A cena era tão engraçada, que tiramos fotos de todos com as pernas para o ar.

Neste dia conheci o francês mais maluco de todo o caminho, um rapaz de uns vinte e poucos anos, seu nome era Paul e foi chegando e brincando comigo. Ele dizia para todos: - Querem ver como fazer para um brasileiro ir embora rapidamente?

Mostrou nos dedos os 3 x 0, do jogo Brasil e França na Copa do Mundo, eu logo virei as costas e fui embora, fingindo que o xingava e ele caiu na gargalhada, assim como todos os outros que entenderam a piada, claro.

Foi uma tarde memorável, de alegria e amizade.

Como era domingo, telefonei para casa e falei com todo mundo, meu coração estava em festa e depois de falar com minha família, principalmente com meu pai, depois de tanto tempo, eu fiquei mais feliz ainda.

Bienvenido me procurou dizendo que estava mal, angustiado e triste, eu lhe ofereci algumas gotas de um floral, um remédio feito de essência de flores muito bom para estes estados de angústia. Bienvenido não entendia do que se tratava e então resumiu dizendo que era alguma bruxaria brasileira.

Ele, de fato, melhorou e saiu dizendo aos outros peregrinos que eu tinha uma bruxaria brasileira que era muito boa e mandava falar comigo os que estavam com gripe, dores, etc. Bienvenido era uma diversão à parte no meu caminho.

Voltei à casa de Carmem para me despedir dela e de sua família tão carinhosa. Aproveitei para comprar comida para o dia seguinte.

Dia 19/06 - Barbadelo a Portomarin

Pela manhã, ajudei Paul que estava com queimaduras de sol, passei nele um medicamento que havia levado do Brasil. Deixei metade do meu lanche para o Emílio que ainda se arrumava e fui embora.

Era uma linda manhã, uma névoa encobria os campos e as árvores, o sol estava nascendo. Paisagens deslumbrantes do caminho.

Mais uma vez fui alcançada por Emílio e desta vez nossa conversa tinha outro tom, sabíamos que dentro de pouco tempo nos separaríamos, pois ele tinha planos diferentes dos meus. Isto me deixava um pouco triste.

Curiosamente, ele me falou uma frase, que eu já ouvira antes. Ele disse que nunca pensara em caminhar com uma brasileira, muito menos em falar de assuntos tão diversos e interessantes. Disse que tinha vindo para o Caminho para ficar sozinho e, no entanto estava adorando caminhar comigo. Disse também que estava encantado com minha companhia e que as manhãs em que caminhamos juntos eram especiais.

Bem, eu compartilhava de sua opinião e queria muito seguir com ele até Santiago, mas sabia que isto não aconteceria, pois numa das etapas seguintes ele caminharia 46 km num só dia e eu não estava disposta a fazer o mesmo.

Chegamos ao km 100, um marco, a partir do qual o caminho é sinalizado a cada 500m, regressivamente. Dava uma dorzinha no coração ver o Caminho acabar e ser lembrado disto a cada 500m. Minha vontade era de caminhar ao contrário e voltar a Saint Jean Pied Port.

Algumas vezes, no Brasil, ficava tentando imaginar como seria estar quase lá. Não imaginei que este misto de alegria e saudade tomaria conta de mim.

No marco do km 100 tiramos fotos e falamos sobre a saudade, Emílio, sempre metódico e reticente, disse que se não nos despedíssemos de alguns amigos, não poderíamos encontrar outros. Não sei se concordo com isto, mas de qualquer forma é uma opinião.



Marco dos 100km

Encontramos com Helena e Manoel e paramos para um café, Emílio seguiu. Voltei ao Caminho sozinha, feliz, triste, confusa, emocionada. Sentia-me como que nas nuvens, sem saber ao certo o que pensar, e então entendi: - Não pense! Respire!

E foi o que fiz, respirei fundo e caminhei. Encontrei Santiago, Enar e Maribel, próximo a Portomarim.

Uma imensa escadaria nos esperava na entrada da cidade logo após a travessia da ponte sobre uma represa. Subimos as escadas e chegamos ao refúgio, que estava fechado por que ainda era muito cedo. Deixamos as mochilas na porta do refúgio e seguimos para um bar bem em frente. Lá fomos recepcionados por Gregório, Benve, Toni e Emílio, ficamos papeando e bebendo, vendo chegar um a um sempre com uma saudação calorosa.

Helena e Manoel chegaram e trazendo empanadas de atum, uma espécie de torta de atum. Dividimos entre todos e meu pedaço era exatamente o da ponta.

Quando mordei a tal empanada, meu dente da frente, simplesmente quebrou. Quando eu senti que o dente tinha quebrado eu saí correndo para dentro do bar e olhei no espelho, fiquei chocada em me ver sem o dente. E justo o da frente!

Perguntei à dona do bar se havia algum dentista ali por perto, e para minha felicidade ela indicou a porta ao lado do bar. Eu corri para lá, subi as escadas, esbaforida.

A porta do consultório estava fechada, e, desesperada, eu não conseguia ler os horários de atendimento que estavam fixados na porta. Toquei a campainha, e ouvi alguém dizer que esperasse um pouco. Em poucos minutos o dentista abriu a porta e me ouvia relatar quase aos prantos, os acontecimentos.

Quando lhe mostrei o dente ele disse que não poderia me ajudar, pois o dente quebrara totalmente não restando como fazer um reparo. Creio que meu desespero o comoveu e ele pediu que eu entrasse, me acalmasse, e esperasse um pouco para que terminasse seu atendimento.

Quando estava na sala de espera, ouvi a campainha, era Maribel que tinha vindo atrás de mim para saber o que havia acontecido, só então me dei conta que tinha passado por todos correndo sem ao menos explicar por quê.

Ela me viu, mostrei o dente e ela tentou me acalmar. Eu lhe disse que não poderia caminhar se não consertasse meu dente, e ela, sem entender, dizia: - Não tem problema Ana, é só seu dente, se fossem os pés sim, você não poderia caminhar.

Eu não acreditava no que estava ouvindo e ao mesmo tempo sabia que ela tinha razão, mas eu não podia nem pensar em caminhar a Santiago sem meu dente. Pensei na vaidade, seria esta uma prova? - Não! - Não podia ser...Ou será que podia?

O dentista ia e vinha entre um paciente e outro, e eu ia ficando cada vez mais angustiada. Todas as vezes que ele passava por mim, dizia alguma coisa tentando me acalmar e por último me disse que teria de ir à cidade vizinha buscar o material necessário.

Mais um amigo chegou ao consultório para tentar me ajudar, ele conversou um pouco com o dentista o que foi muito bom, pois eu não entendia muito bem o que ele dizia.

Enquanto esperava, eu pensava mil coisas: Como faria para pagar esta conta? Como resolveria caso ele não conseguisse consertar este dente?

Eu já tinha pensado inclusive em ficar na cidade alguns dias até que algum protético fizesse um novo dente, mas de forma alguma conseguia me ver chegando a Santiago sem o dente.

Bem, depois de uns trinta minutos ele me atendeu, conversamos um pouco e logo estávamos rindo juntos, eu lhe disse que ele era meu primeiro dentista internacional e ele me disse que já tinha cuidado de muitos peregrinos que chegavam lá com o mesmo problema. Segundo ele, os pães da Espanha são muito duros e os dentes não suportam.

Depois de duas radiografias ele começou a trabalhar no que restou do meu dente, ou seja, quase nada. Ele foi muito competente e Maribel não saiu do meu lado, o tempo todo, ela foi um anjo.

Em uma hora eu estava com um dente novo, corri para o espelho para ver o resultado e fiquei exultante, voltei tão feliz que o dentista pôde senti-lo em meu sorriso.

Agradei de todo o coração e quando perguntei quanto teria que pagar, ele simplesmente respondeu: Dê um abraço no Santo por mim.

Eu disse: - Claro, vou dar um abraço em Santiago por você, mas quanto devo pagar?

Ele sorriu e disse: - Sua alegria vale mais que qualquer dinheiro.

Eu gelei! Custei a acreditar, segurei suas mãos e só consegui perguntar seu nome: Estevan. Entendi que às vezes não há o que se dizer... O que temos de fazer é simplesmente aceitar...

Saí de lá profundamente emocionada, chorando. Maribel tentava me consolar, mas de nada adiantava. Eu estava tão agradecida, tão tocada, sentei nas escadas e fiquei lá por alguns minutos tentando digerir aqueles acontecimentos.

Agradei o carinho e a atenção de Maribel e juntas chegamos ao refúgio, que ficava na esquina da clínica dentária. Emílio estava sentado do lado de fora e me olhava não entendendo nada. Na verdade, ninguém chegou a ver o que havia

acontecido, e agora me viam com um dente exatamente como antes. Para eles nada tinha acontecido. Até que me ouviram contar a história

E como uma criança eu contava minha história para todo mundo, como um milagre de Santiago, ou de San Estevan, sei lá.

De volta à vida normal de peregrina, tomei meu banho e fui almoçar com minha família de peregrinos. Brindamos por meu dente e eles me proibiram de comer empanadas até chegar a Santiago. “Daqui para frente, Ana só pode comer *caldo Galego*, diziam eles...

O refúgio estava repleto de brasileiros, alguns eu já conhecia e aos outros me apresentei. A cidade de Portomarin é encantadora e recebe muitos turistas, e neste dia estava bastante movimentada.

Juntei-me ao casal de holandeses, Leandra e Jerom, além de Tânia e Paul, o francês, para um bate papo antes de dormir, e aproveitei para telefonar para casa e contar as últimas novidades.

O dia foi, realmente, movimentado, cheios de emoções e eu estava muito cansada.

Dia 20/06 - Portomarin a Palas de Rei

Acordei tarde e me apressei, pois fui umas das últimas a levantar. Tinha preparado minha mochila com cuidado, pois o tempo estava com ares de chuva.

Todos os meus amigos já haviam partido e neste dia eu queria muito ficar junto com o grupo. Os espanhóis haviam decidido ficar numa cidade muito próxima dali, mas eu decidira ficar em Palas Del Rei, alguns quilômetros à frente, e como íamos nos separar, eu preferi caminhar com eles e aproveitar mais um pouco sua companhia.

Alcansei o grupo e caminhamos bem, inclusive com duas irmãs brasileiras de São Paulo. Eu percebi que nós caminhávamos num ritmo forte, eu me sentia forte.

Eu caminhei ao lado de Emílio, e um pouco à frente do resto do grupo, vimos um coelho e uma águia, curtimos muito a natureza. Fazia frio e resolvi parar para um café, mas meu companheiro seguiu adiante.

Esprei pelos outros e quando terminávamos o café, dei a cada um uma daquelas pedrinhas que eu trazia do Brasil, ganhei um pequeno broche de Enar e depois nos despedimos. Saí na frente, sozinha.

Tinha passos fortes e decididos, sentia uma força interna muito grande, as etapas do meu caminho passavam como num filme em minha cabeça, uma a uma e eu agradecia a Deus e ao meu corpo por ter sido tão forte, agradecia aos meus pés e principalmente aos meus joelhos que não tiveram nenhum problema, e a minha coluna vertebral, que também não havia apresentado nenhuma dor.

Eu caminhei em agradecimento ao meu corpo, minha saúde e minha Fé. Novamente eu sentia que o choro lavava minha alma deixando um alívio imenso.

Comecei a cantar e as músicas iam brotando de dentro de mim sem uma seqüência lógica, eram músicas que falavam de alegria, de conquistas, de liberdade.

Caminhei sem parar até ver um lindo bar à beira de uma estradinha de terra, resolvi parar para comer algo e escrever um pouco no meu diário, quando já ia saindo, vi Enar, Maribel e Santiago, fiquei surpresa e feliz, pois eles decidiram seguir até onde eu estaria, nos abraçamos e eles me contaram que os outros também haviam decidido seguir para Palas Del Rei. Seria mais um dia de festa com nossa família peregrina. Puxa! Que dia!

Segui "caminhando e cantando e seguindo a canção", cantava e chorava, de saudade, de alegria, de emoção, eu era um turbilhão de emoções, às vezes confusas, mas puras.



Um *hóreo*, espécie de depósito para secar grãos, e uma igreja num dos povoados.

Sentia-me purificada, era como se eu tivesse filtrado meus sentimentos e eles agora fossem puros. Ah! Minha alma estava limpa, e quanto mais eu chorava, melhor eu me sentia, e quanto mais eu cantava, melhor eu me sentia. Era uma loucura deliciosa.

Neste estado de graça tomei algumas decisões importantes para minha vida. Decidi confiar mais em mim, decidi que é seguro ser quem eu sou. Decidi viver minha vida com mais leveza e investir mais em ser feliz. Decidi que vou buscar novos caminhos e arriscar mais.

Antes de chegar ao refúgio fui à igreja, e em mais um momento de profunda emoção orei por meus amigos e principalmente por minha família. Pensava muito neles agora, pensava na minha volta e no que aconteceria quando os visse e os abraçasse.

Já no refúgio, li algumas mensagens no livro dos peregrinos e encontrei uma mensagem para mim, deixada por um amigo que fez o Caminho de bicicleta um mês antes. Pude perceber que aquele estado de emoção não era privilégio meu, e fiquei feliz por ver que meu amigo também passara por um momento tão especial.

No almoço junto dos espanhóis, dei a pedrinha ao Emílio e brindamos a nossa amizade e à eternidade da lembrança de momentos tão maravilhosos.

Falamos das etapas seguintes e fizemos nossas escolhas. Eu seguiria até Ribadiso da Baixo, Emílio iria até Arzua e os outros ficariam bem antes, em Melide.

Depois de dormir um pouco encontrei Tânia e caminhamos pela cidade, estávamos emocionadas, acredito que, pela proximidade da nossa chegada a Santiago, estávamos muito sensibilizadas.

Dia 21/06 - Palas de Rei a Ribadiso da Baixo

Depois de uma boa noite de sono, em que sonhei com meu pai, saí feliz para mais uma manhã que eu previa ser especial. Mais três dias e eu estaria em Santiago.

Café da manhã, alongamentos e estrada. Cantarolando eu segui meu caminho, pensando que esta era, definitivamente, a fase da celebração.

Aquele trecho do Caminho era muito bonito. Ouvi o assobiar de uma melodia, mas não vi ninguém. Continuei andando e de repente pude saber de onde vinha o assobio, era Emílio novamente. Eu o imaginava já bem longe dali. Foi uma surpresa para ambos e curtimos mais uma deliciosa manhã caminhando juntos.

Ele era encantador além de muito bonito. Falamos da maneira, aparentemente, fria dos europeus se relacionarem e da maneira calorosa dos brasileiros, que sempre que se encontram vão logo dando abraços e beijos como se fossem conhecidos de longa data. Ele dizia achar isto muito estranho porque para ele, dar abraços e beijos, era só para poucos amigos íntimos e familiares.

Rimos, pois eu dizia que no Brasil todos se abraçam e se beijam com muita facilidade. Ele, então disse que achava melhor nunca ir ao Brasil. Exageros à parte, ele realmente não era de tocar as pessoas, era um tanto arredo mesmo.

Passamos por lugares lindos aquele dia. Tínhamos sorte, pois quando estávamos juntos passávamos pelas partes mais bonitas, tiramos muita fotos. O fato é que era muito bom estar com ele e sei que ele sentia o mesmo.

Paramos para um café e em mais uma hora chegaríamos a Melide. Logo na entrada da cidade eu parei para ver uma igreja com uma imagem única, de Cristo na cruz, com um dos braços para baixo, e o padre dava explicações a todos os que por ali passavam.

Antes que eu entrasse na igreja Emílio me chamou para se despedir, e foi uma despedida com a cara dele, um beijo frio e um aperto de mãos.

Fiquei um pouco decepcionada, mas sacudi a poeira e dei a volta por cima, tentando não dar importância ao fato, muito embora preferisse o jeitinho brasileiro de um forte e gostoso abraço.

Saí da igreja e dois passos à frente, escutei minha avozinha falando comigo novamente. Desta vez ela estava orgulhosa da sua netinha. Dizia: - Puxa! Você conseguiu mesmo! Que danada!

E eu ria e respondia: claro que consegui, a senhora acha que eu viria para cá para não conseguir?

Logo fui alcançada por um brasileiro que tinha conhecido em Portomarin e caminhamos juntos até chegarmos a um supermercado e comprarmos queijos e sucos para um piquenique em plena praça.

O piquenique acabou quando vi Bienve, segui com ele para encontrar os outros e me despedi de Lécio, o brasileiro. Caminhando com Bienvenido pela cidade escuto alguém gritar meu nome de dentro de um bar. Eram Jerom e Leandra, estavam fazendo uma parada.

No refúgio de Melide, esperei pelo resto da turma, e descobri que eles só iriam comer o tal polvo muito mais tarde, resolvi não esperar, isto atrasaria demais minha caminhada.

Despedimo-nos para nos encontrar de novo em Santiago. Eu tinha mais 13 km pela frente na etapa.

Durante o resto da caminhada ainda encontrei Jerom, Leandra e Lécio, mas preferi seguir sozinha, pois assim eu poderia curtir mais minhas emoções.



refúgio de Ribadiso da Baixo

Estava bastante cansada ao chegar a Ribadiso da Baixo, e pouco antes de entrar no refúgio decidi parar para almoçar, neste tempo decidi ficar por ali mesmo. O refúgio era muito diferente, ficava à beira de um riacho e logo encontrei algumas pessoas conhecidas que não via há dias. Queria seguir e me encontrar com Emílio, mas achei melhor não fazer isto.

Gostei daquele lugar, um tanto selvagem, havia carneiros pastando, e muito verde, era um pequeno povoado.

Depois das obrigações com roupas e banho, estendi minha canga na grama à beira do riacho e fiquei lá, escrevendo e dormindo.

Jerom e Leandra chegaram e mais tarde chegaram Patrícia, Leslie e Tânia, fomos tomar um lanche e encontramos Vera, a brasileira que eu não via desde que me engasguei, juntamente com mais quatro garotas espanholas. Logo fomos apresentadas a outros peregrinos e foi muito bom estar lá.

Mas eu não esquecia de Emílio, queria estar com ele, e pensei que talvez nos encontrássemos no dia seguinte.

Dia 22/06 - Ribadiso da Baixo a Arca

Acordei muito antes dos outros e parti depois de comer um pedaço de pão com queijo. Cheguei a Arzua muito cedo, mas não o suficiente para encontrar meu amigo. Mas encontrei Andréas e Silvana que tomavam café da manhã em um bar próximo ao refúgio.

Estava novamente caminhando forte, não queria parar, eu estava um tanto indócil, aérea, irritada e minhas pernas doíam muito.

Mas mesmo assim segui em frente, já havia me perguntado muitas vezes durante o caminho, sobre os motivos que nos levam a seguir em frente apesar de tudo.

Entre os muitos devaneios ouvi claramente uma voz dizer:

- Eu fico aqui!

Não entendi o que se passava e segui, novamente ouvira a mesma voz e percebi que era uma voz é interna:

- Eu fico aqui!

Eu perguntava a mim mesma em voz alta:

- Por que eu ficaria aqui? Para quê?

- Não, não você, eu, seu cajado!

Parei um instante, e pensei que desta vez eu estava extrapolando, surtando talvez. Mesmo acreditando que estava ficando maluca de vez, eu me coloquei a conversar com meu cajado.

- Não quero deixar você aqui, te deixo numa floresta, em algum lugar bonito. Eu disse.

-Você ainda não entendeu, eu não vou seguir com você além deste lugar. Você não precisa mais de mim.

-Como não? E se tiver algum cachorro, ou uma daquelas descidas terríveis, em quem vou me apoiar? Perguntei.

-Você não precisará mais de mim, agora já pode andar sozinha.

Apesar da maluquice do diálogo, ele me parecia bem coerente. Tentei fazê-lo mudar de idéia, mas não consegui. Obedeci cada ordem do meu cajado. Sabia que era absurdo, mas não queria mais lógica, queria me entregar àquela situação absolutamente insana.

- Mas, e se eu precisar, eu perguntei novamente.

- Confie, confie... Está na hora de você confiar em você!

Arrepiada eu chorava, emocionada demais para falar alguma coisa. E num gesto de absoluta gratidão, parei em frente a algumas flores e quando o coloquei no chão, ouvi mais uma ordem para que o escondesse, pois meus amigos o reconheceriam se o vissem, pois tinha o nome da Fernanda escrito, e sendo assim poderiam tentar devolve-lo a mim.

Um pouco mais à frente, encontrei um marco do Caminho escondido entre alguns arbustos. Era lá o lugar onde ele queria ficar. Escondi-o atrás deste marco, mas antes, abraçada a ele, eu orei e chorei muito.

Como podia estar vivendo aquilo? Eu mesma custava a acreditar.

Comecei a caminhar sem o meu cajado, e tudo parecia muito estranho, sentia falta dele, sentia que precisava caminhar e não olhar para trás, pensei em tirar uma foto, mas ainda ouvi:

- Nem pense nisto! Segue...

Nem sei explicar como comecei a caminhar de novo, eram tantos pensamentos que passavam em minha cabeça. Tantos *insights*, eu não sabia mais o que pensar. Só chorava copiosamente, e não parava de andar.

Em menos de dez minutos, já no Caminho, um francês passou por mim e gritou:

- Peregrina onde está seu cajado?

Eu não respondi, apenas dei um sorriso e segui.

Despedi-me de meu maior amigo do caminho, eu pensava. Era como se eu falasse de uma pessoa muito querida.

O que significava tudo aquilo?

Eu sabia que era algo muito importante, e que eu iria tirar muitos aprendizados desta situação, mas não queria racionalizar naquele momento, desejava apenas me entregar àquela emoção. Era fantástico!

Quando me coloquei a pesquisar sobre o Caminho de Santiago, ouvi e li sobre muitas histórias místicas, de vozes e aparições, mas nunca pensei no que seriam realmente. Não acredito ter sido personagem de nada místico, mas de uma situação de aprendizado maravilhosa que o Universo me proporcionou. Foi como falar com Deus.

Foi muito diferente caminhar sem o cajado, foram 34 dias me apoiando nele, usando-o para me livrar dos cães, e agora ele não estava mais comigo.

Mas eu sabia que ele estava certo, eu devia confiar mais em mim, em meu Caminho, em minhas competências, em minhas intuições.

Senti-me grata a Deus e caminhei até meu próximo refúgio, para mais um dia e para continuar minha vida, contando comigo e com minha Fé. Eu chegara até ali e poderia ir aonde quisesse agora.

Cheguei a Arca, com fortes dores nas pernas, sentei na frente de um bar ao lado do refúgio e lá fiquei, vendo muita gente chegar, muita gente estranha, poucos conhecidos.

Muitas pessoas começam sua caminhada no km 100, quando faltam apenas 100 km para se chegar a Santiago, porque é o mínimo que se necessita caminhar para

se conseguir a *Compostelana*, um certificado oferecido aos peregrinos, pela igreja católica que caminham a Santiago por motivos espirituais.

Desta forma as pessoas que fazem somente os 100 km, chegam aos montes e lotam os refúgios, o que acaba se tornando um problema para os peregrinos que vêm de longe e que podem não encontrar lugar nos refúgios.

O refúgio de Arca estava lotado, e eu conhecia pouca gente lá. Além do mais, a grande maioria de nós estava na última noite de Caminho, o que nos deixava muito ansiosos por estar tão perto do esperado destino.

Foi muito difícil conseguir dormir, minha vontade era de caminhar à noite, mas eu sabia que era inviável.

Mesmo assim, eu, Tânia, Patrícia e Leslie fizemos nossa festinha particular e registramos devidamente nossa última noite no Caminho.



Patrícia, eu, Tânia e Leslie

Dia 23/06 - Arca a Santiago

Às 5:00 já estava me preparando para sair. Eu e muitos outros peregrinos. Ainda estava escuro e eu segui com o grupo que estava com a Vera, não conseguíamos ver as setas, mas mesmo assim seguimos caminhando com as orientações do guia.

Em pouco mais de meia hora já começava a clarear eu me senti mais segura para caminhar sozinha. Os outros falavam, cantavam, e faziam muito barulho. Eu

queria a quietude, o silêncio, queria ouvir os sons daqueles bosques, queria reverenciar a vida, queria celebrar minha conquista sozinha.

De repente comecei a sentir muito medo, não entendia por que, mas tive medo de caminhar sozinha, era uma angústia inexplicável. Eu devia estar feliz, por que estava me sentindo assim?

Conforme caminhava as sensações foram se amenizando até darem lugar a uma emoção forte, e as batidas do coração podiam ser facilmente sentidas.

Parei rapidamente para o café da manhã. Tomei meu café com leite e saí, tinha pressa agora. Queria chegar a Santiago, caminhei forte, muito forte e decidida.

Cheguei ao Monte Del Gozo, um lugar bonito, que fica a 5 km de Santiago, com um refúgio e onde os peregrinos costumam passar a noite para seguir para Santiago pela manhã.

Mas não queria ficar lá. Queria chegar a Santiago da mesma forma como tinha passado os últimos 35 dias, caminhando. Queria chegar cansada, suada depois de caminhar bastante.

Comecei a descer o Monte Del Gozo, emocionada, feliz. E de repente li meu nome escrito no chão, riscado com pedra. Havia uma mensagem de Leandra e Jerom que dizia: - Ana Paula, quatro km...Leandra e Jerom, Holanda.

Adorei o carinho e segui mais feliz por ter notícias deles. Tínhamos nos apaixonado. Era muito fácil para nós peregrinos cairmos de paixão uns pelos outros, pois nossas essências estavam a floradas, bastava um olhar, uma atenção, um gesto de carinho. Percebi que é muito fácil a gente dar e receber amor.

Desci cantando, como é do costume peregrino, podia ver a cidade lá em baixo, mas não havia nem sinal da catedral. A cidade de Santiago é cruel com o peregrino, pois ela esconde sua catedral no lado antigo da cidade.

Caminhei por aquela cidade grande, com seu trânsito, avenidas e muita gente. Estava como que hipnotizada.

Estava muito ansiosa, caminhava depressa demais. Não entendia porque não via as agulhas da catedral, se ela é tão alta. Meus olhos buscavam meu objetivo

Respirei fundo depois de perceber que quase peguei o caminho errado por não ter visto uma seta, encoberta por um caminhão. Parei por uns instantes e resolvi ir mais devagar.

O tempo todo eu imaginava esta cena: Eu chegando a Santiago e telefonando para casa e contando para a Fernanda e para minha mãe que eu tinha conseguido, que estava lá.

Meus passos eram firmes, meu coração batia muito forte quando, enfim, pude vê-la. Logo depois passei por um arco, uma espécie de portal, pude ver a Praça del Obradoiro e a Magnífica Catedral..

Deus! Quanta emoção!

Minhas pernas bambearam, tive medo de cair. A emoção é inenarrável. Eu só podia chorar e chorar. Ali, em pé, na praça Del Obradoiro, em frente à Catedral.

Eu percorria com os olhos cada milímetro daquela construção fantástica e pensava em tudo que tinha passado para chegar ali, para ver aquelas imagens. Era meu sonho, ali, bem ao alcance de minhas mãos.

O caminho passava diante de meus olhos como num filme. Eu podia me lembrar de cada vivência. E eu cheguei a Santiago, sozinha, exatamente como havia sonhado.

Fiquei lá parada e chorando por mais de meia hora, até que vi Leandra e Jerom, no alto da escadaria da catedral, eles desceram correndo e me abraçaram. Celebramos os três abraçados.

Eles perguntaram se eu havia visto seu recado escrito no chão do Monte Del Gozo e eu disse que sim, que tinha sido um belo presente.

Pedi licença para terminar minha caminhada aos pés de Santiago e eles disseram que nos encontraríamos mais tarde.

Subi a escadaria, ainda trêmula e entrei na catedral para cumprir o ritual peregrino de colocar as mãos no Pórtico da Glória, e abraçar o Santo. A catedral estava repleta de turistas, o que me deixou um pouco nervosa e inquieta, mesmo assim eu não desisti de fazer meu ritual.

Primeiramente coloquei minha mão no Pórtico da Glória e bati três vezes a cabeça na imagem do mestre Mateo, o construtor deste maravilhoso pórtico e também chamado de o “Santo dos croques”.



Minhas mãos no Pórtico da Glória na Catedral de Santiago

Então, segui direto para o altar para, literalmente, abraçar a imagem de Santiago, mas antes, sentei-me para orar e fiquei por alguns instantes ali, parada, admirando aquela escultura, de longe.

É curioso que eu, apesar da formação religiosa no catolicismo, não tenho uma religião específica e há muitos anos não entrava em uma igreja. Ao decidir fazer o Caminho de Santiago, entretanto, eu participava dos rituais com muita intensidade, como a grande maioria dos peregrinos.

Muito emocionada eu abracei a imagem de Santiago, era como realmente abraçar um amigo muito querido e pelo qual eu sentia muita gratidão.

Saí de lá leve e feliz, e segui para a oficina de peregrinos, um escritório onde são recebidos os peregrinos que chegam a Santiago e onde se recebe a Compostelana, o certificado de conclusão do caminho, conferido pela igreja católica, mediante a apresentação da credencial devidamente carimbada.

Primeiro eu precisava descobrir onde ficava o tal escritório, depois de perguntar a algumas pessoas, cheguei à frente do prédio e para minha felicidade e surpresa vejo Marcos, meu companheiro do começo do Caminho. Abraçamo-nos, e a

emoção tomou conta dos dois. Depois de quase vinte e cinco dias nos encontrávamos de novo, e era muito bom ver que ele estava bem.

Ele seguiu para a igreja e eu segui para buscar minha Compostelana. E lá estava eu, na fila para carimbar, pela última vez a minha credencial e consagrar meu Caminho recebendo a Compostelana.

Na saída, eu liguei para casa, mas ninguém atendia ao telefone. Depois de alguma insistência, minha irmã Fabíola atendeu e eu pude contar-lhe que havia chegado ao meu destino. Eu estava tão emocionada que nem me dei conta de que ainda eram 6:30 no Brasil, e que era feriado de Corpus Christi. Minha irmã ficou muito feliz e disse que não havia mais ninguém em casa, pois estavam viajando devido ao feriado. Telefonei para mais duas grandes amigas, mas era difícil encontrar alguém em casa. Eu queria dizer a todos da minha chegada.

Decidi voltar à catedral e ficar lá, na verdade estava meio perdida, sem saber direito o que fazer.



A catedral é magnífica

Do alto da escadaria da catedral fiquei algum tempo contemplando a praça e as pessoas que passavam, sentia-me bem e feliz.

No meio de tantas pessoas pude ver Emílio, meu coração bateu mais forte, nos encontramos e contei sobre os dias sem ele, disse que senti sua falta. Ele me contou

que tinha me esperado em Arzua, mas como eu não apareci, ele seguiu sozinho, mas, que sentiu a minha falta também.

Ficamos ali conversando por algum tempo, ele me sugeriu que tirasse a mochila das costas, mas eu não queria ficar sem ela, me perguntou se eu havia perdido o cajado e eu respondi que não, mas que não o tinha mais.

Emílio chegou um dia antes, já estava barbeado, com roupas limpas, estava diferente, parecia mais solto, mais alegre.

Durante este bate papo, Oscar chegou, todo sorridente e muito feliz por ter me encontrado, e depois de um abraço à moda brasileira, fomos juntos assistir a missa do peregrino.

A igreja estava lotada, a missa do peregrino é um acontecimento grandioso, e é realizada diariamente ao meio dia, e além da missa lindíssima, vimos o ritual do botafumeiro, um imenso incensário, que é erguido por oito homens, por uma corda e que voa por cima da cabeça das pessoas espalhando seu odor de incenso por toda a catedral. Um verdadeiro espetáculo que emociona a todos, acompanhado pelo canto do Hino a Santiago.

Eu, Oscar e Emílio assistimos a missa toda, juntos, em pé, e eu com a mochila nas costas. Nesta missa eu pude ver muitos amigos de caminho, mas nenhum de minhas duas famílias peregrinas, a não ser Emílio, alguns, inclusive, Andréas e Silvana estavam nos bancos junto ao altar.

Eu estava mais anestesiada do que propriamente emocionada, entendi que devia ser assim mesmo. Depois da missa ficamos conversando na porta da catedral e mal podíamos conversar, pois muita gente que saía vinha me abraçar.

Depois de 35 dias eu tinha feito muitos amigos, e Oscar dizia que eu era a garota mais popular do caminho, a mais conhecida de todos, a mais famosa e a mais querida. E eu inchava de alegria com isto.

Devido à impossibilidade de conversarmos mais marcamos um encontro para mais tarde, um jantar com todos da turma. Eu adorei a idéia.

Havia chegado há mais de três horas e não tinha conseguido ir ao *hostal*, reservado por telefone, por Patrícia, em meu nome e de Tânia, e que ficava a poucos metros da Catedral.

Marcos apareceu novamente. Pedi para Oscar tirar uma foto de nós três juntos, eu, Emílio e Marcos; esta seria uma foto especial, que significaria muito para mim. Foram pessoas importantes nas minhas descobertas. Trocamos muitas histórias e passamos por muitas coisas juntos.

Eu e Marcos resolvemos colocar algumas histórias em dia, num bar que ficava logo abaixo do *hostal*, e de frente para a catedral, pois eu não queria perdê-la de vista. Emílio e Oscar foram cuidar de outros assuntos.

Trocamos algumas histórias sobre nossos caminhos e de desfizemos alguns enganos, pois informaram ao Marcos que eu havia me machucado seriamente em algum lugar. Tomamos vinho e brindamos ao nosso sucesso.

Dominique e Henrique, dois brasileiros, chegaram para se despedir e neste momento vimos Tânia, que acabando de chegar, e que parecia estar em estado de choque. Fomos ao seu encontro para abraçá-la.

Tiramos mais fotos e alguns amigos, entre eles franceses, um belga e um polonês, me convidaram para que eu ficasse lá com eles, sentados no chão, no meio da praça. Eram companheiros de caminhada também e eu fiquei feliz com o convite.

Sentei no chão e me senti uma adolescente com meus amigos, eles estavam brindando com champanhe e cantando músicas de seus países. Logo me olharam e disseram: - Sua vez Ana Paula, cante uma música brasileira.

Pedi a ajuda de Tânia e cantamos uma música do Gonzaguinha: "Viver, e não ter a vergonha de ser Feliz... cantar... e cantar... e cantar... a beleza de ser um eterno aprendiz...".

Sei que foi a melhor escolha para definir nossos caminhos. A cada música bebíamos um gole de champanhe e o polonês me chamou para dançar e eu respondi que dançaria somente se houvesse música. Na mesma hora a turma começou a cantarolar uma valsa, levantei e dancei com ele, no meio da praça do Obradoiro. Foi uma festa.



Emílio, eu, 3 franceses, o polonês e o belga

Emílio passou por lá e parecia não poder acreditar no que via. Eu ainda estava lá, com minha mochila e dançando. Convidei-o para se juntar a nós, mas parecia muita bagunça para alguém tão sério, ele se aproximou e só ficou olhando a nossa festa. Sugeri que deitássemos no chão para termos uma outra visão da catedral, meus amigos concordaram e Emílio, mesmo meio sem jeito, aceitou a sugestão dizendo que eu, definitivamente, era muito louca.

Eu e Tânia resolvemos ir ao *hostal*, comer algo, afinal passava das 17:00 e precisávamos descansar um pouco, mas parecia que nosso lugar era mesmo ali, celebrando muito, pois logo depois do nosso almoço vimos Patrícia e Leslie, e demos início a mais uma festa.

Elas estavam hospedadas num luxuoso hotel em frente à Catedral. Decidimos ir até lá para fazer uma visita ao hotel, mas logo voltamos para tomar nosso banho, afinal tínhamos um encontro marcado com a turma às 22:00.

Era noite de São João, e na Espanha existe a tradição de pular a fogueira, numa festa com vinho e sardinhada: sardinhas assadas na brasa da fogueira.

Nos encontramos às 22:00, eu, Emílio, Tânia, Patrícia, Leslie, Oscar e Sofia, sua noiva que tinha vindo para encontrá-lo, Jerom e Leandra.

Caminhamos até uma pequena rua onde acontecia uma das festas a San Juan, com a tal sardinhada. Era muito divertido ver Leslie, Jerom, e Leandra olhando para aquilo como algo de outro mundo. Afinal em seus países eles não cultivam cerimônias católicas.

Os rapazes pularam a fogueira, comemos sardinha e tomamos vinho, brincamos e celebramos juntos.

Logo sentimos vontade de ir embora e como tínhamos combinado de jantar, resolvemos ir à procura de um restaurante. Saímos do meio de tanta gente e eu fui uma das últimas, pois esperava por Emílio que mais uma vez me surpreendia dizendo que não seguiria conosco.

Disse que foi maravilhoso caminhar comigo e que eu era muito especial. A agitação da festa por um minuto pareceu silenciar, fiquei mais uma vez sem ação, dei-lhe um beijo e fui embora.

Jerom estava muito próximo de mim e percebeu o quanto eu tinha ficado triste e tentou me animar. Ele foi muito gentil e carinhoso e disse coisas lindas sobre mim. Sobre o quanto eu fazia com que as pessoas se apaixonassem por mim, sobre meu carinho para com todos e da capacidade que eu tinha de juntar as pessoas em torno de mim. Entendi o que ele queria dizer, e agradei seu carinho.

Caminhamos por um bom tempo antes que os outros se dessem conta de que Emílio não nos tinha acompanhado, pois as ruas da cidade estavam muito movimentadas por conta dos festejos.



**Na frente, Sofia, Oscar, Jerom, comendo a pizza ao lado de Leandra.
lá atrás, eu, Leslie e Patrícia.**

Fomos a uma pizzaria, estávamos famintos e muito cansados. Depois de uma hora já dormíamos no *hostal*, exaustas.

Na manhã seguinte eu e Tânia decidimos mudar de *hostal*, mas antes fomos à missa dos peregrinos. Minhas famílias peregrinas deveriam chegar a qualquer momento.

De mochilas nas costas fomos à praça esperar pelos outros e foi maravilhoso recebê-los. Primeiramente chegaram Enar, Santiago e Maribel, depois MarJo e Iam. Só não vi os Três Mosqueteiros.

Seguimos para a missa e guardamos nossos lugares nos bancos da frente. A poucos minutos do início fomos convidados a assistir a missa, sentados nos bancos do altar, senti isto como um presente para nós.

Éramos aproximadamente 20 pessoas no altar. Uma emoção a mais para pessoas com a emoção à flor da pele. Desta vez pude finalmente sentir toda a emoção da missa do peregrino.

Todos nós choramos muito, e de onde eu estava eu podia ver os peregrinos que estavam de frente para o altar, e no meio daquela multidão, eu podia identificar muitos dos que fizeram o caminho ao meu lado, podia olhar nos seus olhos e ver sua emoção.

No momento em que o padre pediu que nos cumprimentássemos, desejando a paz de Cristo, muitas pessoas saíram dos bancos para nos abraçar. Foi um momento inesquecível. Da mais pura celebração pela vida.

Eu estava destroçada de emoção, sentia-me no fim de minhas forças, cansada, mas ao mesmo tempo realizada, feliz e eternamente agradecida a Deus.

Durante o ritual do *botafumeiro*, uma freira cantou o hino a Santiago, foi um momento mágico em que parecia ser o *botafumeiro*, a única coisa a se mover na igreja, o restante parecia congelado.

A saída da igreja foi um show à parte, os Três Mosqueteiros e suas esposas que foram encontrá-los, me abraçaram e beijaram, assim como Santiago, Enar e Maribel. Tiramos muitas fotos e fizemos muito barulho.



Saída da Missa, muitos abraços

Saí com Tânia para procurar um novo local para ficarmos, e marquei um jantar com os espanhóis, enquanto ela jantaria com os australianos. Eu estava muito dividida, mas os espanhóis iriam embora no dia seguinte e os australianos ficariam mais um dia.

O jantar foi maravilhoso, mas as despedidas foram bastante doloridas para mim. Enquanto me despedia de Bienvenido, vi Leslie, Wayne e mais um rapaz vindo em minha direção, aproveitei e peguei carona com eles para sair logo daquela emoção toda. Eu nem sabia para onde estavam indo, mas segui com eles.

Fomos a uma praça onde acontecia o show de um cantor português e a um ciberbar para acessar a Internet, onde li minhas mensagens antes de voltar ao *hostal*.

Fomos convidadas por Patrícia e Leslie para tomarmos o café da manhã no luxuoso Hotel dos Reis Católicos, e juntamente conosco iriam MarJo, Iam e mais um casal de australianos.

Sabíamos bem que, depois do café da manhã, viria mais uma dolorosa despedida. As meninas seguiriam para Madri naquela manhã. Se uma despedida assim puder não ser dolorosa, então eu ainda tenho muito a aprender.

Após o café da manhã, havia um táxi esperando por Leslie e Patrícia e nós nos abraçamos e choramos tanto que não havia quem não se comovesse. Não sei como agüentamos tanta emoção. MarJo e Iam bem que tentaram nos alentar em vão.

Depois disto eu e Tânia saímos para caminhar, e caminhamos muito, até não agüentar mais. Voltamos para o *hostal* afim de descansar e dormir um pouco, mas eu acordei logo e fui à praça Del Obradoiro escrever no meu diário.

Eu estava mal humorada, muito aborrecida, e não queria muita conversar com ninguém. O que estava errado? O que era aquele vazio que eu sentia?

Então chegar a Santiago era isto? Dizer adeus aos amigos? Isto não estava nos livros que eu havia lido sobre o Caminho, e eu não encontrava as respostas.

Decidi ficar sozinha para pensar, e sentada em frente à catedral fiquei por muito tempo. Escrevi um pouco e entendi: -... As setas... - Eu sentia falta das setas.

De repente eu não tinha mais para onde ir e muito menos as indicações de por onde seguir. Este vazio era a falta de objetivo, todos os dias eu tinha uma distância a vencer e problemas a resolver, no entanto, agora, eu não tinha nada. Dependia de mim mesma fazer qualquer coisa ou não fazer nada, e eu não sabia o que queria fazer.

Foram emoções fortes e me lembrava dos amigos no Brasil me dizendo que ir a Santiago não seria fácil, mas voltar de Santiago seria bem pior. Achava este discurso um exagero deles, mas naquela hora entendi o que queriam dizer.

De volta ao *hostal* encontrei Tânia dormindo e decidimos, então, ir a Finisterre, um povoado que fica a 120 km de Santiago.

É um lugar muito especial, também chamado de *O fim da terra*, o ponto de continente mais avançado ao mar em toda Europa e onde os peregrinos costumam cumprir um ritual de queimar as roupas que foram usadas na caminhada, simbolizando queimar o que se quer deixar par trás, o que não se quer levar para uma vida nova.

E seguindo o ritual, no farol, sobre as pedras, à beira mar, eu queimei minhas roupas e joguei minha Vieira ao mar, representando minha libertação das coisas do passado. Sentia que meu ritual estava completo.

E sobre Finisterre, lembro-me de uma frase muito instigante de Paulo Coelho, que me marcou bastante, pouco tempo antes de eu seguir para o meu caminho:

- *O fim do mundo é isto, o lugar onde acaba um sistema e começa outro. A partir de agora é o resto da tua vida e o resto da tua vida é sempre isto, um lugar onde não existem rotas, existem correntes e você se deixa levar pelas correntes. Paulo Coelho*

Para onde me levariam as correntes e os ventos agora?



Eu, no farol de Finisterre

Este seria meu desafio de agora em diante...Seguir as correntes e os ventos...

De volta a Santiago, eu conheci mais brasileiros que chegavam e fiquei muito feliz em ver chegar minha querida amiga Noveí. Conversamos, trocamos nossas histórias de caminho, nos despedimos.

Eu sabia que não tinha mais o que fazer em Santiago, já era a hora de voltar para o meu mundo, muito embora soubesse que agora eu era de um mundo bem maior.

Decidi partir no dia seguinte para Portugal. Tânia tinha seu vôo marcado para sair de Santiago na tarde de 28/06/2000 e o meu vôo sairia de O Porto, no dia 30/06.

Fomos à estação de trem conferir os dias e horários das passagens, fizemos algumas compras e fomos à Catedral, como fazia todos os dias.

Almoçamos com alguns mineiros que conhecemos e ficamos por ali, vendo o movimento dos peregrinos chegavam, o que era sempre uma emoção renovada. Depois fui comprar uma roupa, pois eu tinha queimado a outra em Finisterre.

Conversamos muito e eu agradei a Tânia pela companhia. Ela foi uma amiga e tanto. Tenho certeza que sua companhia fez muito melhores os meus dias em Santiago.

Ela é brasileira e poderemos nos encontrar em breve para mostrar as fotos e trocar as confidências de caminho.

Acordei cedo, coloquei a mochila nas costas, segui para a estação na companhia de Tânia, e nos despedimos procurando segurar as emoções. Sabíamos que estaríamos juntas em breve, afinal Brasília não é tão longe de São Paulo.

Despedi-me da Espanha com a certeza de quem viu nascer um profundo amor por este país. As lembranças serão eternas, as fotos e meu diário serão sempre uma forma de lembrar os detalhes, mas a essência, esta sim, estará em meu coração.

Chorei, ri, orei, vivi muitas emoções.

Na Espanha deixo muitos amigos, que, muito provavelmente eu nunca mais veja, mas cuja lembrança eu saberei cultivar em meu coração.



seta do caminho

Que eu possa saber enxergar as inúmeras setas do meu caminho de agora em diante, e que eu possa caminhar sempre na direção do sol, da luz, da evolução...

Minha música

Ainda no Brasil, uma amiga cantarolava esta música que não sabemos o nome e que quase ninguém conhece, pois tentei encontrar o nome do autor ou cantor, sem conseguir resultado. Parece que é uma música esquecida no tempo. Só sei que ela tem tudo a ver com o Caminho de Santiago, onde caminhamos na direção do sol...Livres, como pássaros...Cantando...e cantando...e cantando...

Um pássaro que traça em vôo livre o seu caminho

Seguindo o sol, para ser feliz.

Não vai perder o rumo...

Eu tenho um horizonte aberto em minha vida

Eu quero amar, me dividir.

Sem medo, e se afinal eu traço meu destino.

Que seja assim...Até o fim...

E o Caminho continua...

Entender o que é o Caminho parece impossível, mas viver o caminho é, indubitavelmente, Divino. Caminhar 800 km a pé é muito mais que uma simples experiência é uma vivência inesquecível.

Não havia um só dia em que não agradecesse muito, pela oportunidade de viver e aprender tanto...

No início tudo é novidade, os refúgios, as pessoas, o levantar e se preparar, a comida, até mesmo as dores, mas, rapidamente, tudo passa a fazer parte da sua vida, e se começa a ser verdadeiramente um peregrino... Pode demorar mais tempo para uns e menos para outros... Mas o fato é que, de repente, eu era uma peregrina e passei a viver a peregrinação como um fato consumado, com suas rotinas diárias...

Foi a partir deste momento que tudo ficou muito mais bonito, não queria saber de controlar datas e distâncias. Entreguei-me de corpo e alma ao meu caminho, andava o quanto podia e fui muito humana mesmo... Chorei, xinguei, agradei, orei, sorri, andei, parei, conheci, vivi, aprendi, ensinei...

Desde Saint Jean Pied Port até Santiago de Compostela, foram 36 dias intensos... de catarses, introspecção e convivência. Perguntava diariamente o que tinha de aprender com isto ou aquilo, e minhas respostas sempre vinham, sempre as recebia quando realmente precisava e merecia saber.

Aprendi, na prática, que existem muitos caminhos e que cada um faz um caminho diferente. No começo, estranhava as diferenças, mas o caminho nos coloca em situações em que aprendemos a respeitar o caminho alheio, e eu precisava aprender a não julgar...

Em minha formação católica, quando criança, havia um Deus que castigava, que punia e nossa relação com Ele era de culpa e medo. Por este motivo afastei-me de Deus e da igreja. Não podia conceber viver de forma tão pequena, amedrontada e castrada.

Em meu Caminho experimentei o êxtase da Fé, o êxtase de ter Deus bem dentro do coração e não lá no céu. Testemunhei minha própria comunhão com Deus. Eu O vi e falei com Ele.

Deus está, realmente, em cada pássaro do caminho, e são muitos os pássaros do caminho. Ele está em cada flor do caminho, e são muitas as flores do caminho. Está em cada pessoa que se conversa, e são muitas as pessoas com quem se conversa no caminho, mas Ele está principalmente em nós mesmos, e nós estamos o tempo todo lá, vivendo o nosso Caminho... Viver com Deus é uma experiência incrível...

Minha busca, ao decidir por fazer o Caminho de Santiago, era exatamente o Caminho da meditação. Meus objetivos foram alcançados e em muito superados... Aprendi que nossa existência é muito maior...

Não quero deixar a impressão de que tudo são flores, de que sempre é tudo muito bonito e perfeito e que os planos são sempre correspondidos...

A vida não é assim, e o Caminho é a vida, condensada, potencializada, É a Vida...

E tendemos a vivê-la exatamente como se vive aqui, até que se vai aprendendo outras formas de lidar com os acontecimentos. Este é o grande aprendizado.

As dores são muitas: bolhas, músculos exaustos, desânimo, cansaço, chuveiro frio, banheiros sujos, comida ruim, gente que não respeita as normas de convivência social, roncadores...

Mas o inverso também é verdadeiro, encontra-se muita gente que nos dá ânimo, ótimos refúgios, boa comida, bom vinho, pessoas maravilhosas, protetores auriculares.

Só precisamos escolher o que valorizar mais... O verdadeiro aprendizado do Caminho está exatamente aí... Nas dificuldades que conseguimos superar... Nas nossas conquistas.

Eu, basicamente, fiz três coisas no meu caminho, além de caminhar, é claro, Chorei, Orei e Ri e penso que o mundo seria muito melhor se estas três coisas fossem realizadas diariamente. Podia sentir minha alma lavada quando ria, chorava ou orava.

Fiz muitos amigos pelo Caminho, aprendi sobre política, religião, amizade, companheirismo, intolerância e amor.

As despedidas foram meu ponto fraco desde há muito tempo. Sofri ao me despedir dos meus amigos do Caminho até aprender, com o coração, que aquilo tudo era uma passagem.

Quero deixar aqui uma homenagem especial ao meu maior amigo: Meu Cajado, que ficou lá, onde tinha de ficar.

A emoção da chegada é apoteótica, a visão mágica da exuberante Catedral, que fica esperando que se cruze toda a cidade para receber este presente.

Foi um momento de entrega aos meus sentimentos mais profundos de gratidão e felicidade, um choro convulsivo, e em minha mente o Caminho ia passando como num filme, os momentos em que precisei ser muito forte e que superei as dificuldades, os momentos de extrema felicidade simplesmente por estar caminhando, momentos de magia em que os fatos não encontram tradução na lógica e que dispensam explicações.

Chegar a Santiago... Não tem explicação, e como dizia o poeta:...É a mais pura emoção, que a razão desconhece!

Ana Paula Peregrina Peron